

UM BRASIL

ANÁLISES E DISCUSSÕES SOBRE UM
POVO EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE

#6

21 ENTREVISTAS

CHARGES DE ADÃO ITURRUSGARAI | CACO GALHARDO | JEAN GALVÃO

WWW.UMBRASIL.COM

SÉRIE DE ENTREVISTAS E DEBATES REALIZADOS EM 2016 E 2017. EM PAUTA,
AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS DO PAÍS EM UM CENÁRIO
DE INSTABILIDADE POLÍTICA E EMBATE ENTRE OS TRÊS PODERES

ALEXANDRA LORAS
AMARA MOIRA +
+ DJAMILA RIBEIRO
ANA CARLA ABRÃO
ANNE LIN GOODWIN
ANTHONY PEREIRA
ARY MATTOS FILHO
DANIELA CAMPELLO
FERNANDO HADDAD
FLÁVIO AUGUSTO DA SILVA
JAN GEHL

JOSÉ ALEXANDRE SCHEINKMAN
JOSÉ MARIANO BELTRAME
LARRY DIAMOND
MARTA ARRETCHE
MICHAEL SANDEL
NACIME SALOMÃO
NÉLIDA PIÑON
OTAVIANO CANUTO +
+ PEDRO DE CRISTO
ROBERTO AZEVÊDO
RODRIGO ZEIDAN
SÉRGIO ABRANCHES

SOBRE UM BRASIL

O trabalho da plataforma UM BRASIL se concentra em discutir os rumos do País, seus problemas e soluções. Desde 2014 nos encarregamos de analisar a Nação em seus mais diferentes aspectos, de forma plural e apartidária.

Temos mais de uma centena de entrevistas e debates com intelectuais, executivos, empreendedores e acadêmicos dispostos a contribuir para as transformações socioeconômicas do Brasil. Especiais multimídia sobre modernização do Judiciário, boas práticas em gestão pública, o futuro da Previdência, a qualidade da democracia e os gargalos de infraestrutura também estão em nosso acervo, que já conta com seis livros publicados. Além do material gravado e distribuído gratuitamente nos canais UM BRASIL na internet, nossas publicações são cedidas a instituições de ensino e entidades engajadas no permanente desafio de auxiliar no desenvolvimento do senso crítico da sociedade.

A busca por ideias inovadoras nos permitiu parcerias com fóruns de discussão em prestigiadas universidades, como Universidade de São Paulo (USP), Mackenzie, Fundação Getulio Vargas (FGV), Harvard, Oxford, Columbia, Massachusetts Institute of Technology (MIT), King's College e American University.

Patrocinado pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), UM BRASIL persegue a missão de estimular a participação e o conhecimento do cidadão na agenda nacional, reforçando a missão de uma entidade que há mais de 70 anos se preocupa com o futuro do País.

Para saber mais, acesse www.umbrasil.com.



UM BRASIL

ANÁLISES E DISCUSSÕES SOBRE UM
POVO EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE

21 ENTREVISTAS

CHARGES DE ADÃO ITURRUSGARAI | CACO GALHARDO | JEAN GALVÃO

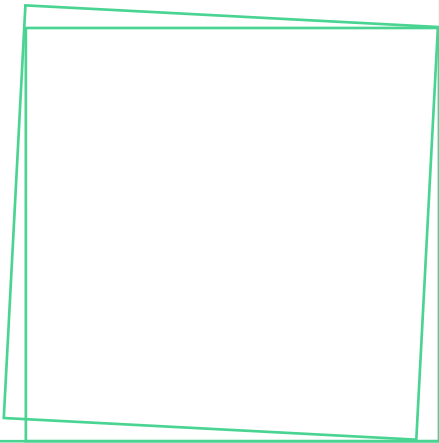
WWW.UMBRASIL.COM

#6

SÉRIE DE ENTREVISTAS E DEBATES REALIZADOS EM 2016 E 2017. EM PAUTA,
AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS DO PAÍS EM UM CENÁRIO
DE INSTABILIDADE POLÍTICA E EMBATE ENTRE OS TRÊS PODERES

TEMPOS DE MUDANÇAS

Abram Szajman 
Presidente da Federação
do Comércio de Bens,
Serviços e Turismo do
Estado de São Paulo,
entidade gestora do
Sesc-SP e do Senac-SP



Diante da transformação pela qual o mundo está passando, o Brasil deve estar preparado para encarar desafios postos na relação entre o Estado e a sociedade, na economia, na esfera do trabalho, na digitalização das comunicações e na preservação dos recursos naturais. Nosso anseio é que o País transmita confiança a fim de demonstrar à coletividade que tem disposição para se adaptar aos novos tempos. Almejamos que esse período sem igual em nossa história sirva de reflexão à classe política, pois as dificuldades que enfrentamos foram, em sua maioria, agravadas pela desconexão de Brasília com o Brasil real das ruas. A despeito das adversidades político-econômicas que fizeram o Brasil retroceder em competitividade – com a queda de nossa capacidade de geração de emprego e renda –, conseguimos deixar para trás a fase mais aguda da recessão. O saldo positivo desse contexto é a ofensiva contra a corrupção. Vimos ainda crescer o conflito entre os Três Poderes da República. Com a legitimidade colocada à prova, Executivo e Legislativo tiveram seus vícios expostos. O Judiciário foi igualmente questionado por certas disfunções. Mas ao fim e ao cabo, nossa jovem democracia

mostrou resiliência e vigor suficientes para atravessar turbulências institucionais. O brasileiro mudou sua percepção acerca da classe governante. Avaliar os desdobramentos de um período tão intricado como o que vivemos é uma das premissas desta sexta edição de **UM BRASIL**. Lançado no fim de 2017, este livro reúne uma série de debates e entrevistas com nomes da academia, do meio empresarial, do empreendedorismo e do mercado financeiro, além de jovens engajados na reformulação das bases da Nação. Debatesmos problemáticas como as dificuldades do Estado em aproveitar boas práticas do setor privado, o custo da burocracia para a produtividade de nosso ambiente de negócios, as mazelas socioeconômicas que sobrecarregam o sistema público de saúde, as históricas desigualdades sociais, a escalada nos índices de violência e a necessidade de reformas que preencham lacunas deixadas pela Constituição de 1988. Também buscamos respostas para questões que perturbam o Brasil há décadas, como a segregação racial, as carências na educação e a necessidade de austeridade no trato com os recursos públicos. Desde o seu início, em 2014, a plataforma tem o apoio da FecomercioSP, entidade que representa um segmento da economia que mobiliza mais de 1,8 milhão de atividades empresariais. Esse universo responde por cerca de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, gerando 10 milhões de empregos. Nesta edição, a plataforma conta com os parceiros que possibilitam reverberar seu conteúdo. São eles: a Fundação Lemann; os seminários Brazil Conference, nos Estados Unidos, Brazil Forum, no Reino Unido, e Desafio Brasil+China 2017, na China; o portal *InfoMoney*; o Instituto Atuação; e o Columbia Global Centers | Rio de Janeiro, braço da Universidade Columbia, de Nova York. Dessa forma, UM BRASIL se encarrega do trabalho de estimular o senso crítico da sociedade, sem comprometimentos ideológicos ou de quaisquer naturezas. O que nos move é o propósito de legar às novas gerações um país com modelo de desenvolvimento equalizado às transições globais.

SUMÁRIO

13

NACIME
SALOMÃO
MANSUR

Médico e superintendente da Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina

23

FERNANDO
HADDAD

Doutor em Filosofia pela USP, ex-prefeito de São Paulo e ex-ministro da Educação

33

ANNE LIN
GOODWIN

Vice-reitora e professora do Teacher’s College da Universidade Columbia, nos Estados Unidos, e uma das maiores especialistas mundiais em currículos escolares

43

JAN
GEHL

Arquiteto e urbanista dinamarquês, autor do livro *Cidades para Pessoas*

51

JOSÉ
ALEXANDRE
SCHEINKMAN

Economista, professor na Universidade Columbia e professor emérito da Universidade de Princeton

61

DANIELA
CAMPELLO

PhD em Ciência Política

71

ALEXANDRA
LORAS

Ex-consulesa da França, é mestre em Gestão de Mídia pela Sciences Po. Ativista e palestrante em raça, gênero e diversidade

79

JOSÉ MARIANO
BELTRAME

Delegado aposentado da Polícia Federal, foi o mais longo secretário de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, cargo que ocupou entre 2006 e 2016

87

FLÁVIO
AUGUSTO

Empresário, fundador da rede de escolas de idiomas Wise Up e atual presidente do time de futebol Orlando City

95

MICHAEL
SANDEL

Professor de Filosofia Política da Universidade Harvard e autor do best-seller *Justiça*

103

LARRY
DIAMOND

Professor da
Universidade Stanford

111

OTAVIANO
CANUTO +
PEDRO DE
CRISTO

OTAVIANO CANUTO
Diretor executivo do
Banco Mundial

PEDRO DE CRISTO
Mestre em Políticas
Públicas pela Universidade
Harvard e fundador do
Movimento Brasil 21

121

ANA CARLA
ABRÃO

Economista e presidente do
Conselho de Gestão Fiscal
da cidade de São Paulo

129

ANTHONY
PEREIRA

Cientista político e diretor
do Brazil Institute do
King's College London,
no Reino Unido

137

ARY MATTOS
FILHO

Primeiro diretor da
Escola de Direito de
São Paulo da FGV e
advogado tributarista

147

SÉRGIO
ABRANCHES

Sociólogo, cientista
político e ambientalista

157

NÉLIDA
PIÑON

Escritora e imortal da
Academia Brasileira
de Letras

167

DJAMILA
RIBEIRO +
AMARA
MOIRA

DJAMILA RIBEIRO
Filósofa e ativista do
feminismo negro

AMARA MOIRA
Escritora e militante LGBT

175

MARTA
ARRETCHE

Diretora do Centro de
Estudos da Metrópole
e professora de Ciência
Política da USP

183

RODRIGO
ZEIDAN

Economista, professor
da New York University
Shanghai e da Fundação
Dom Cabral

193

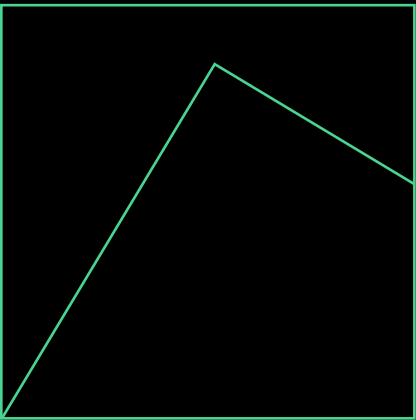
ROBERTO
AZEVEDO

Diretor-geral da
Organização Mundial
do Comércio

POLÍTICAS INTEGRADAS
DE GESTÃO PODEM
MELHORAR A
SAÚDE PÚBLICA

ENTREVISTA 
SABINE RIGHETTI 

AS MAZELAS SOCIOECONÔMICAS DO BRASIL SOBRECARREGAM O SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE, QUE EMBORA TENHA DEFICIÊNCIAS, HOJE ESTÁ MELHOR DO QUE NO PASSADO. ESSA É A OPINIÃO DE **NACIME SALOMÃO MANSUR**, MÉDICO E GESTOR DE SAÚDE. SUPERINTENDENTE DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA PARA O DESENVOLVIMENTO DA MEDICINA, ELE FALA SOBRE OS IMPACTOS DA REGIONALIZAÇÃO DO ATENDIMENTO E COMO POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO URBANO PODEM REFLETIR NA MELHOR OFERTA DE SERVIÇOS DE SAÚDE, DIMINUIR CUSTOS E AUMENTAR A ESCALA DE EXAMES E CONSULTAS.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

DR. NACIME, POR QUE A SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL É RUIM?

A saúde pública no Brasil não é ruim, vem melhorando há muito tempo. Desde a Constituição de 1988, você tem conseguido construir um sistema único público que tem resultados expressivos se imaginar que ele faz desde a vacina até o transplante – e faz isso com muita categoria, com muita qualidade. Estamos cobrindo hoje 150 milhões de habitantes no Sistema Único de Saúde (SUS). Mesmo o sistema privado se utiliza do SUS para alta complexidade, para procedimentos de maior sofisticação, todos vão em direção ao sistema único. Então, ele não é ruim, mas pode melhorar. O que fica sempre é uma impressão daquele pronto-socorro que tem a maca, como se o pronto-socorro fosse o parâmetro único de se avaliar o sistema de saúde. Não, o Sistema Único de Saúde brasileiro está no caminho correto. O SUS tem dificuldades de financiamento. O Brasil gasta muito pouco, gasta menos do que Chile, Argentina, é o 147º colocado em gasto per capita no mundo. O gasto público ainda é menor do que o gasto privado, mas, por outro lado, há vários fatores externos, como a violência interpessoal e as mazelas da sociedade, que interferem no sistema.

PROBLEMAS SOCIOECONÔMICOS PERTURBAM O SISTEMA DE SAÚDE, POR EXEMPLO, A VIOLÊNCIA ACABA CARREGANDO O SISTEMA?

Sem dúvida. Vamos pegar o trauma crânioencefálico por motociclismo: nos últimos dez anos, aumentou 800%. Morrem cerca de 40 mil pessoas por acidente de moto e, evidentemente, dentro do sistema único se calcula que R\$ 200 milhões são gastos por ano. Se você vai a qualquer unidade de terapia intensiva da região metropolitana, seguramente 70%, 80% daquelas pessoas têm algum tipo de acidente de carro ou moto. Esse é um dos agravos. Agora, a própria desigualdade de renda, a pobreza, também é um fator que interfere na saúde das pessoas. Não devemos nos esquecer de que, dos condicionantes à saúde, somente 10% são relativos ao sistema de saúde, o restante, os determinantes sociais, 50% são o estilo de vida, 20% são relacionados ao meio ambiente e 20% são relacionados aos aspectos biológi-

cos da pessoa. Então, veja, o impacto da saúde no sistema é 10%, o resto são esses condicionantes. Se você imagina que, nesses condicionantes, há todo um estilo de vida que compreende o indivíduo obeso, que fuma, que vai se tornar diabético, que vai ser hipertenso, um indivíduo que mora num lugar que não tem saneamento básico. Ainda temos 50% da população que não têm cobertura de saneamento básico, isso é um impacto direto na saúde. É clássico dizer que a cada real que se investe em saneamento, voltam quatro na saúde.

POLÍTICAS LIGADAS AO DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES CONVERSAM COM AS POLÍTICAS DE SAÚDE?

Muito pouco, apesar da necessidade de se entender a saúde por esse mecanismo intersetorial. Não dá para entender saúde de uma forma isolada, ou saúde sendo feita pelo médico, pelo prescritor, pelo profissional de saúde. Ele tem de conhecer todos os determinantes, o fato de o indivíduo morar em condição insalubre, morar num local sem esgotamento, ter um trabalho em más condições, se fuma, se bebe, quer dizer, as condições de vida são altamente impactantes. Caiu muito o impacto do tabaco na mortalidade brasileira. Isso foi um dos avanços que se conseguiu com a proibição de fumo do cigarro em locais fechados, mas ainda morrem 47 brasileiros por dia pelo uso abusivo de álcool. Mais de 1 milhão de pessoas são dependentes de crack, estão aí as cracolândias proliferando. Tudo isso acaba diretamente repercutindo dentro do sistema de saúde. No hospital em Taboão da Serra (SP), identificamos que havia uma quantidade de pessoas atropeladas em acidentes num determinado cruzamento de ruas. O Poder Público foi lá e pôs um semáforo, reduziu quase a zero essas ocorrências. É preciso esse entendimento amplo e diálogo permanente.

COMO RESOLVER A QUESTÃO DO DINHEIRO?

Falta dinheiro. Continuaremos lutando pelo recurso, mas é fundamental ganhar produtividade com o recurso que você tem, daí vem a necessidade de você melhorar a gestão do sistema, melhorar a gerência das unidades de saúde, melhorar a governança, criar



mecanismos de interrelação entre o sistema público e o sistema privado. Temos de encontrar sinergia entre esses dois serviços para diminuir custo, para aumentar a escala de serviço e, com isso, poder ofertar mais, ganhando produtividade. Se o prefeito quer colocar um tomógrafo na sua cidade, ele coloca o tomógrafo; com necessidade ou sem. O Brasil tem 5,55 mil municípios, cada um converge para um lado, cada um tem um poder decisório, o que para a saúde é ruim. Se não houver uma rede regionalizada de saúde, deixamos de ter escala. Não dá para ter um tomógrafo em cada esquina. A sociedade precisa ter em mente que, na saúde, é preciso ter ganho de escala, ganhar produtividade, para poder continuar ofertando mais, mais serviços, mais atenção. Se você considerar o parque brasileiro de hospitais hoje, 70% do gasto público no SUS são com hospitais e ambulatorios absolutamente ineficientes porque há uma questão estrutural: 80% dos hospitais brasileiros têm menos que cem leitos, destes, 70% têm menos de 50 leitos. Vou dar um parâmetro, na Inglaterra, 64% dos hospitais têm mais de 300 leitos, e o sistema público inglês contrata em torno de 91% dos leitos em hospitais acima de 200 leitos, porque você tem economia de escala. Um hospital pequeno tem 25% de taxa de ocupação. Num hospital maior, a taxa de ocupação será de 75%.

POR QUE TEMOS TANTO HOSPITAL PEQUENO, É UMA COISA POLÍTICA DE FICAR INAUGURANDO?

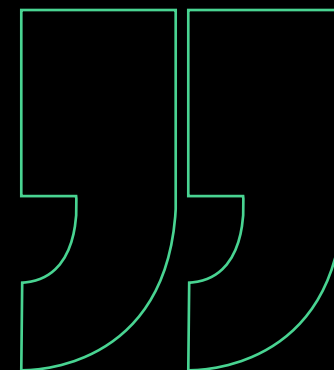
Qual o município que abre mão de ter o seu hospital, mesmo que pequeno, mesmo que seja nessas condições? Todo mundo quer ter um hospital pequeno, seja municipal, seja uma Santa Casa pequena. Isso é um anseio dessa sociedade medicalizada em que vivemos, que é outro aspecto também complicador para o sistema. Mas se não conseguirmos resolver essa escala, não conseguiremos ganhar dinâmica e produtividade. Você precisa fazer gestão do sistema, que é a questão das redes, ter as linhas de cuidado. O indivíduo diabético que é identificado numa unidade básica de saúde tem de ter um caminho definido dentro do sistema caso ele tenha uma complicação e precise de um atendimento de mais complexidade. É um caso mais grave, ele tem

de fazer um exame mais sofisticado? Ele tem de ter um hospital de referência, e esse hospital de referência vai mandar para um outro terciário se a coisa for mais complicada. Você tem de ter essa rede assistencial para que não fique fragmentado o cuidado. Precisamos criar essa rede. Se tenho um quadro mais organizado, não preciso ter tantos hospitais com ressonância. O indivíduo que está lá na ponta, mesmo distante, precisa de um exame mais sofisticado, ele vem para um local mais regional. Assim você diminui o gasto total do sistema. O que melhora custo em saúde é a qualidade da assistência. A experiência aqui da cidade de São Paulo tem sido interessante, porque dividiu a cidade em territórios, cada território tem 400, 600 mil vidas. O território, do ponto de vista sanitário, do ponto de vista da saúde, está destinado a alguma entidade nas chamadas “organizações sociais de saúde”, que é um modelo em que o Estado permite que um ente privado, sem fins lucrativos, seja qualificado como organização social e passe a receber bens e serviços. A mesma ferramenta gerencial que se aplica nos privados mais famosos, traduzida para dentro do sistema público de saúde. Você tem níveis de acreditação, nacional, internacional etc., mostrando em qual gestão você consegue mais qualidade. Você consegue produzir mais com o mesmo dinheiro, algo fundamental num cenário de baixo financiamento.

POR QUE TEMOS O HÁBITO DE CORRER PARA O HOSPITAL POR QUALQUER DOR?

Essa questão da sociedade mais medicalizada é uma coisa que precisamos discutir, haja vista o lucro exorbitante da indústria farmacêutica. O consumo médio de produtos farmacêuticos, de 2006 até agora [entrevista concedida em novembro de 2016], aumentou mais de 800%. Porque tem essa lógica: a pessoa corre ao pronto-socorro. Se você pegar os indivíduos mais graves, eles são 10%, 12%, ou seja, a maioria das pessoas que vai ao pronto-socorro não deveria estar ali. Você gasta uma fortuna para atender nesse pronto atendimento, mas ele fica atendendo casinhos simples. Como se faz a inversão desse modelo? Precisamos discutir isso. O cidadão é esclarecido, sabe dos seus direitos, mas tem

Falta dinheiro
[no sistema
público de
saúde]. Mas é
fundamental
ganhar
produtividade
com o recurso
que você tem.



pouca responsabilidade. Se está marcada uma consulta, ele não pode faltar. O índice de abstenção dentro do sistema é absurdo, em algumas unidades é de 20%, 30%. O indivíduo deixa de ir, simplesmente.

**QUAL É A MAIOR DIFICULDADE EM
RELAÇÃO À ATENÇÃO BÁSICA?**

Você tem dificuldade de criar a unidade, manter a rede e fixar o profissional. São locais de difícil acesso e, muitas vezes, com alto índice de violência contra os profissionais de saúde. E também não há uma política de valorização da atenção básica com o profissional, com o médico, que prefere trabalhar de maneira vertical, dando plantões de 12 horas nos prontos-socorros, do que ir todo dia àquele lugar afastado e com pouquíssimos recursos para trabalhar. Ele prefere ser um especialista numa região central, a sociedade valoriza. Aquele indivíduo que prefere trabalhar na atenção básica normalmente não teve uma formação. É um clínico que, às vezes, nem fez residência, quando devia ser o contrário. Em alguns países, tem de ter quatro anos de residência para trabalhar na atenção básica. Então, precisamos melhorar essa gestão das pessoas e ganhar resolução. Imagine o médico, está lá, chega um doente hipertenso, ele pede um ecocardiograma. O doente vai fazer esse ecocardiograma, demora seis, oito meses. Qual a resolução dessa unidade? Por isso, se estou doente e preciso fazer um raio-X, vou ao pronto-socorro que faço na hora. É preciso que a atenção básica também avance nos seus mecanismos de proatividade. Precisamos classificar essa população que está adstrita à unidade básica de saúde. Que população é essa? Vamos cadastrar, vamos conhecer essa população para saber que ali tem tantos hipertensos, tantos diabéticos, tem um indivíduo que é acamado. Preciso conhecer isso e centrar, focar a minha ação naqueles que mais precisam.

EXISTE UM EXCESSO DE MEDICALIZAÇÃO?

Somos uma sociedade que pensa em remédio e em médico, o tempo todo é isso. O seu filho tem uma febrezinha, precisa passar no pediatra, precisa correr, passa na

farmácia. Essa cultura faz com que os prontos-socorros estejam lotados de gente. Se aquela estrutura fosse destinada somente a quem realmente tem necessidade de estar ali, os doentes mais graves, você estaria atendendo sobejamente bem a população. Como você tem esse volume absurdo de gente na porta, você acaba tendo as consequências disso, aquelas filas, aquelas macas, aí o doutor não tem como fazer uma consulta adequada, uma anamnese, um exame físico. Ele medica e deixa você ir. É um círculo vicioso que tem muito gasto, pouca saúde, uma visão de doença ainda, sem visão de saúde, sem visão de prevenção. O que tem de orientar ao doente? Exercício físico, alimentação saudável e não fumar, com isso você já diminui enormemente os agravos da saúde.

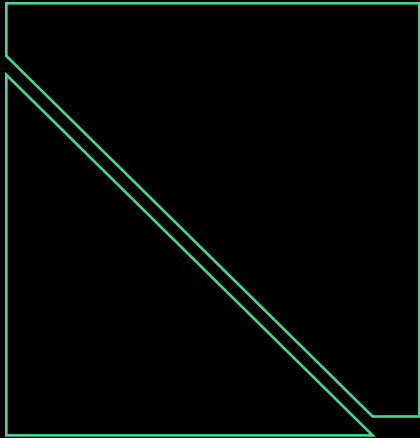
PODEMOS AFIRMAR QUE FALTA MÉDICO NO BRASIL?

Não acredito que falte médico. Falta médico em alguns lugares, mas, num lugar mais distante, falta médico, falta jornalista, falta advogado, falta uma sociedade mais constituída. O problema é que, ultimamente, com essa abertura indiscriminada de escolas de péssima qualidade, sai um técnico, um bacharel de Medicina, não é um médico resolutivo. Esse médico sem formação adequada vai ficar 40, 50 anos impactando dentro do sistema, causando mortalidade, porque ele não tem formação adequada para enfrentar uma situação ou não tem preparo cognitivo para identificar o que é grave e o que não é. Pedindo muitos exames caros e desnecessários, porque é inseguro, então faz uma medicina muito mais defensiva. Esses impactos aumentam o custo. Estamos formando um indivíduo muito mal preparado e não é só o médico, não; a enfermeira, o auxiliar de enfermagem, os profissionais de saúde, de um modo geral. O CRM [*Conselho Regional de Medicina*] do Estado de São Paulo tem, há mais de dez anos, um exame que infelizmente não é obrigatório. É um exame simples, de múltipla escolha, muito bem-feito do ponto de vista da aferição do conhecimento desse médico. No último exame, 60% foram reprovados. Esse indivíduo entrará no sistema de saúde e vai nos atender.



JEAN GALVÃO ■■■
OUTUBRO 2017 ■■■





DESAFIOS DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

DEBATEDORES ■■■■■
JOSÉ FREDERICO LYRA NETTO ■
TÁBATA AMARAL ■■■■■
HUMBERTO DANTAS ■■■■■

PARA DISCUTIR A DINÂMICA DA GESTÃO DE UMA CIDADE COMO SÃO PAULO, O **UM BRASIL**, EM PARCERIA COM A FUNDAÇÃO LEMANN, REUNIU PARA UM DEBATE JOSÉ FREDERICO LYRA NETTO E TÁBATA AMARAL, JOVENS LÍDERES DE MOVIMENTOS COMPROMETIDOS COM O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS, E **FERNANDO HADDAD**, PREFEITO DA CAPITAL PAULISTA ENTRE 2013 E 2016 E EX-MINISTRO DA EDUCAÇÃO. MEDIADO PELO SOCIÓLOGO HUMBERTO DANTAS, O BATE-PAPO TEVE COMO PAUTA AS DIFICULDADES DE A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA ABSORVER PROFISSIONAIS DO SETOR PRIVADO, A IMPORTÂNCIA DA APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS E UMA ANÁLISE DO CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista



HUMBERTO DANTAS — COMO PREFEITO DA MAIOR CIDADE DO HEMISFÉRIO SUL, O QUE A VIVÊNCIA NA ÁREA PÚBLICA EFETIVAMENTE LHE ENSINOU?

FERNANDO HADDAD — Uma das iniciativas mais ricas que eu conheço é saudar o encontro. Acho que a academia tem que se aproximar do Poder Público, guardando a sua autonomia, evidentemente porque ela tem uma função específica, que é produzir conhecimento científico. Mas esse conhecimento científico tem que estar cada vez mais à disposição da gestão pública para que ela se aprimore. Essa aproximação é uma via de duas mãos, porque jamais a academia vai saber o que se passa no interior da máquina pública se essa interação não for estabelecida em condições de igualdade não hierárquica. Não é possível conceber uma situação em que a academia ensine à gestão pública a agir. Tampouco ao contrário. São esferas autônomas, têm que ser manter autônomas. Mas a interação pode enriquecer muito o trabalho mútuo de pesquisadores de um lado, conhecendo melhor a realidade, os obstáculos, os gargalos de superação dos problemas que aparecem no dia a dia da gestão. E do outro lado, o gestor procurando adaptar esses conhecimentos que são reproduzidos ao seu dia a dia, que sempre envolve mediação e exige criatividade. Às vezes, você tem um conhecimento já estabelecido, mas a mediação política para transformá-lo em instrumento de transformação social exige um tipo de pensamento que alguns gestores têm e outros não. Que é a qualidade técnica de transformar conhecimento em políticas públicas por meio da criatividade e interferência no dia a dia.

JOSÉ FREDERICO — QUAL É A AÇÃO OU POLÍTICA PÚBLICA DA QUAL O SENHOR MAIS SE ORGULHA DURANTE O TEMPO COMO PREFEITO E QUAIS NÃO AVANÇARAM COMO O SENHOR GOSTARIA?

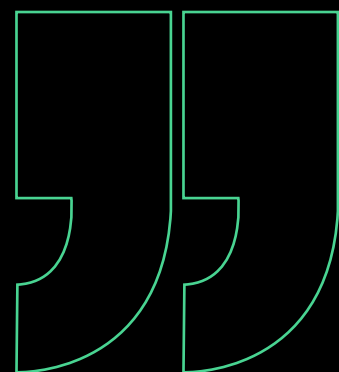
HADDAD — As partes mais visíveis do governo foram as intervenções no campo da mobilidade. São Paulo foi premiada internacionalmente pelas ações de mobilidade. Foram muito radicais, no sentido bom do termo, de ir à raiz do problema e olhar para a malha viária de uma forma nova. A gente não vê mais as ruas de São Paulo

como um espaço privativo dos automóveis, nós vemos a malha viária como um espaço público, e quando isso acontece, você passa a conceber uma dinâmica de apropriação da cidade. No mundo inteiro, as cidades estão mudando seus paradigmas de apropriação dos espaços públicos. Algo que era quase inconcebível alguns anos atrás, segregar uma faixa para o transporte público no viário, que é uma medida quase racional de distribuição democrática de espaço, hoje está naturalizado. A ideia de que os veículos têm que respeitar as temporalidades da cidade, o pedestre, o ciclista, a velocidade moderada, os impactos disso sob o meio ambiente, a saúde, a ideia de que nós temos que estimular o transporte ativo, isso ficou como um legado visível. Mas tem legados menos visíveis mais importantes do que esse. Se você pegar a reestruturação das finanças da cidade, que hoje é uma das poucas que têm grau de investimento. Um plano diretor tomado pela ONU como referência mundial. Eu procurei atuar em todas as áreas, porque acho que a gestão pública passa por uma visão sistêmica dos problemas que você está enfrentando. A área que eu mais me ressinto de não ter podido fazer mais foi na produção de moradia em decorrência da suspensão do Minha Casa, Minha Vida. Nós tivemos um impacto muito negativo, porque tivemos terrenos comprados, projetos aprovados e licenciados, mas não tivemos o subsídio federal.

TÁBATA AMARAL — COMO FUNCIONA O PROCESSO DE GARANTIR A CONTINUIDADE DURANTE A TRANSIÇÃO DE UM GOVERNO?

HADDAD — Procurei institucionalizar as políticas na forma de lei ou decreto com participação social. Isso cria um colchão de proteção das políticas públicas. Logo após a eleição, teve um “bicicletaço” na porta do prefeito eleito porque esses cicloativistas estavam com temor de que pudéssemos ter um retrocesso nesse campo. Veja que essa questão dos 50 quilômetros por hora [redução do limite de velocidade das marginais de 90 para 50 quilômetros por hora], que é uma recomendação da Organização Mundial da Saúde, é uma política universal. Nós estamos discutindo a velocidade máxi-

A gente não vê mais as ruas de São Paulo como um espaço privativo dos automóveis, nós vemos a malha viária como um espaço público, e quando isso acontece, você passa a conceber uma dinâmica de apropriação da cidade.



ma em uma via de São Paulo, nas demais não se discute mais. Do ponto de vista prático, o debate está vencido. Do ponto de vista simbólico, talvez tenha um retrocesso pontual. A arte da política é você fazer as pessoas compreenderem que existem ações de governo e existem ações de Estado. A arte da política é convencer as pessoas de que plano diretor, plano de mobilidade, plano de educação, plano de habitação, plano de cultura, são coisas que têm que vir para ficar. E cada eleito vai dar o toque dele, claro. Não tem área da prefeitura hoje que não esteja planejada até 2030.

FREDERICO — NO ANO QUE VEM, O IDEB [ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA] COMPLETA DEZ ANOS COMO INDICADOR DE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA. COMO O SENHOR AVALIA O ÍNDICE LANÇADO DURANTE O SEU MANDATO NO MINISTÉRIO?

HADDAD — É uma política pública muito inovadora e, até onde vão os meus conhecimentos, uma experiência única no mundo. O Ideb não pretendia avaliar o sistema de ensino, porque ele já era avaliado antes, mas as avaliações eram amostrais, que dão a média dos sistemas. Elas não dão aquilo que é o maior mobilizador da educação: a dimensão da responsabilização, que a gente chama de *accountability*. A *accountability* é fundamental na política pública. Até o Ideb ser criado, você lamentava as médias baixas. Agora, você discute os casos exemplares que podem servir de paradigma para a reforma educacional, escola por escola. Jamais nós saberíamos que Sobral fez uma mudança importante que deu resultados muito expressivos na educação. Ou Foz do Iguaçu. Ou Votuporanga, em São Paulo. Nós não conheceríamos essas iniciativas exitosas se não fosse a medição, pensando na responsabilização. E, agora, o prefeito quer buscar resultado. Outra coisa que pouca gente está percebendo é que a distância entre a escola pública e a escola privada no Brasil está caindo drasticamente. Caiu um terço do fosso que nos separava, isso é uma coisa muito significativa. Eu tenho muita esperança de que os próximos dez anos vão ser tão exitosos quanto os dez anos anteriores, o que vai colocar o Brasil em uma situação mais confortável no cenário internacional.

TÁBATA — QUAL CONSELHO O SENHOR DARIA PARA JOVENS QUE QUEIRAM INGRESSAR NA POLÍTICA?

HADDAD — Em primeiro lugar, não fazer da política meio de vida. Você ter sua profissão, ser uma referência profissional fora do ambiente político. Meu primeiro cargo público, eu assumi com 37 anos de idade. E eu queria participar da política, mas fiz uma carreira acadêmica antes disso. Estudei Direito, Economia, Filosofia e me senti apto a ingressar em um cargo público porque tinha conhecimento e experiência acumulados. Eu vejo gente entrar na política muito cedo e perder os referenciais de como a sociedade se organiza, de qual o seu papel na sociedade, e isso acaba levando a um tipo de dependência que é a pior coisa que pode acontecer para alguém: depender da política para viver, para se manter. O ideal é que a política seja um ato de desprendimento seu ao que você já tem na vida privada. Eu sempre pensei a política dessa maneira. Eu faço política, eu sou um ator político, mas sou professor universitário, não sou da esfera da política. Sou da sociedade civil, e é para lá que eu volto quando eu não estiver ocupando um cargo. E estudar. Às vezes, as pessoas acham que fazer política é se dispensar dos estudos, e não pode ser assim. A política exige que você se mantenha atualizado em relação aos paradigmas que estão mudando constantemente. Hoje, você tem uma ciência das metrópoles, com grandes pesquisadores desbravando uma nova ciência. Como é que se organizam as metrópoles, manchas urbanas de 10, 20 milhões de habitantes? Tem que ir “fuçando” as coisas porque a história traz as pistas de onde nós erramos e como corrigir.

JOSÉ FREDERICO — A ESQUERDA RECENTEMENTE TEVE ALGUMAS DERROTAS. NA SUA VISÃO, QUAIS SÃO OS TEMAS CENTRAIS A UMA REFLEXÃO DA ESQUERDA E QUAL O PAPEL DO PT NELA?

HADDAD — Começando pelo fim: o PT é um fenômeno. Surgiu no fim da década de 1970, começo do de 1980, um caso quase único em função da convergência de forças que se uniram em proveito de um projeto que tinha como foco o combate à desigualdade. O PT nunca foi propriamente de esquerda. Ele é um partido de



centro-esquerda, com forte viés trabalhista. Você vai encontrar tudo dentro do PT, mas se pegar o âmago das reflexões dos principais dirigentes, era um foco social-desenvolvimentista. A ideia era de que o Brasil tinha que continuar crescendo, mas não com o nível de desigualdade histórico que vinha acompanhando o desenvolvimento. O foco era trabalhista, porque uma das características centrais do trabalho é você estabelecer pactos. O trabalho não trabalha o conceito de luta de classes no sentido tradicional marxista ou socialista, mas busca acordos temporários, sempre avaliando que é possível dividir melhor os frutos do desenvolvimento capitalista. O PT sempre trabalhou nessa linha, nunca foi um partido anticapitalista, mas um partido que acha que tem que domesticar o capitalismo em proveito dos mais vulneráveis. Imaginar que acabando o PT vai surgir uma outra força que automaticamente o substitua nessa tarefa é uma ilusão histórica. Não funciona assim. Na física não tem vácuo, mas na política é o que mais tem. Quando se vendeu a pauta da globalização, vendeu-se que ela seria uma forma de socializar o *alpha state* privativo dos países centrais. Mas o que se entregou é muito diferente disso. A desigualdade no mundo está aumentando, e não diminuindo. Então tem um ressentimento no ar, que é no mundo todo.

TÁBATA — EU SOU DA PERIFERIA DE SÃO PAULO, DA ZONA SUL, E, NAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES, O SENHOR FOI MELHOR NO CENTRO DO QUE NA PERIFERIA. QUAL É A LIÇÃO QUE FICA DISSO?

HADDAD — Falou-se muito que nós tínhamos investido pouco na periferia, e isso pegou, por mais que a gente dissesse que não. Eu abri 430 creches na cidade, todas na periferia, 99% dos corredores de ônibus visavam à periferia, os hospitais construídos na periferia. O dicionário *Oxford* criou o termo “pós-verdade” para designar versões apaixonadas que falam mais do que os fatos. Bateram muito na tecla de que só fizemos ciclovia, só multamos, que o diálogo ficou interditado. Nós não conseguimos conversar. A Parelheiros eu devo ter ido 30 vezes — 15 para visitar as obras do hospital e 15 para estabelecer o polo de ecoturismo. Investi em Lei de

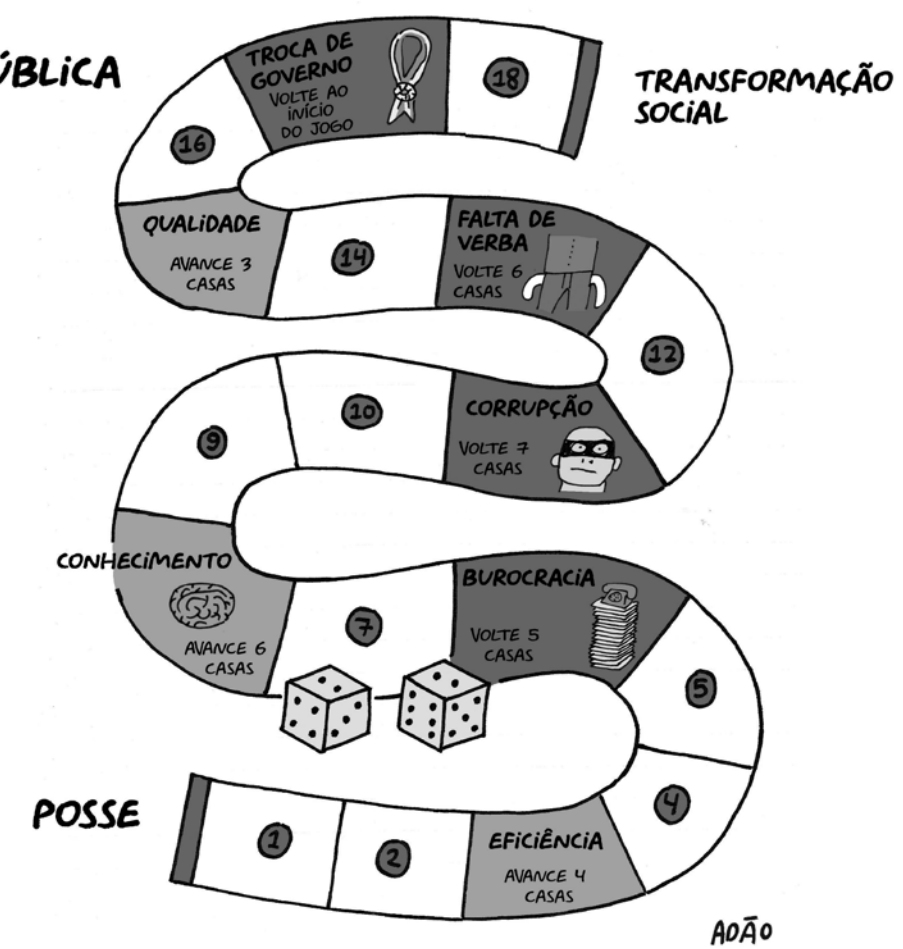
Incentivo Fiscal para levar emprego para lá. E esse debate se perdeu ali. Se juntar tudo que outros prefeitos investiram em Parelheiros, não dá esse hospital. O que eu ouvi: “Ah, você só faz ciclovia”, do cara ao lado de um hospital que paga três vezes a malha cicloviária de São Paulo. Eu não sei explicar muito bem o que aconteceu, se eu soubesse, teria ganho a eleição, mas o fato é que teve um bloqueio muito forte.

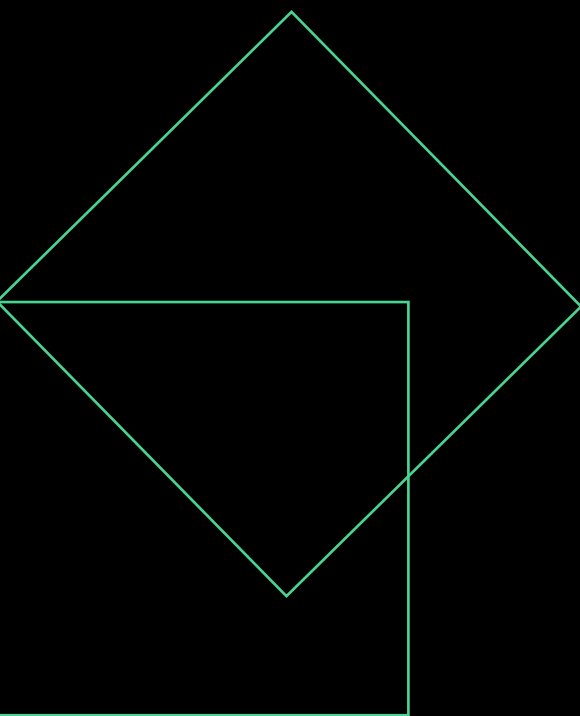
JOICE TOYOTA [PERGUNTA DA PLATEIA] — O SEU SECRETARIADO FOI MONTADO COM PROFISSIONAIS COM EXPERIÊNCIA DO SETOR PÚBLICO E DO SETOR PRIVADO. O SEU SUCESSOR, JOÃO DORIA, TAMBÉM COMPÔS UM GRUPO DIVERSIFICADO. QUAIS FORAM OS DESAFIOS ENFRENTADOS PARA MONTAR A SUA EQUIPE?

É um desafio trazer gente do setor privado para o setor público por várias razões. A primeira, é porque a pessoa se frustra imaginando que ela vai exercer a função como se ela estivesse em um mundo privado. Os constrangimentos na esfera pública são infinitamente maiores. Um bom empresário pode ser um péssimo gestor público. Porque o gestor público tem que convencer, tem que ganhar a máquina. Para você fazer aquilo que inspira, você tem que inspirar as pessoas. Você não admite, demite, reforma. Você vai fazer uma compra, são meses para fazer uma compra. No setor privado, você dá dois telefonemas. E quem está no setor privado não aguenta essa situação. Na primeira ação de improbidade [*por uma eventual compra errada*], você perde o colaborador. Isso precisava chegar ao Ministério Público, que as pessoas devem ser avaliadas no conjunto. Quando o erro não envolveu má-fé, não envolveu questões morais, éticas, você tem que avaliar a atuação do colaborador do servidor no seu conjunto. E preservar aqueles que estão decisivamente engajados em melhorar a sociedade. Não se tem essa compreensão.

ADÃO ITURRUSGARAI ■■■
DEZEMBRO 2016 ■■■

JOGO DA
GESTÃO PÚBLICA





Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

MODELO ABRANGENTE DE EDUCAÇÃO

ENTREVISTADORAS ■■■
SABINE RIGHETTI ■■■
LETÍCIA LYLE ■■■

PARA IMPLANTAR A BASE NACIONAL
COMUM CURRICULAR (BNCC) NO
BRASIL, SERÁ NECESSÁRIO UM
ESTUDO PROFUNDO DAS ESCOLAS
E TRABALHO AMPLO ENVOLVENDO
ALUNOS, PROFESSORES, PAIS E
DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES
DE ENSINO. E FAZER TUDO EM
SEU TEMPO, SEM PRESSA. ASSIM
ENSINA **ANNE LIN GOODWIN,**
VICE-REITORA E PROFESSORA
DO TEACHER’S COLLEGE DA
UNIVERSIDADE COLUMBIA,
ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO E
UMA DAS RESPONSÁVEIS PELA
IMPLANTAÇÃO DO PROJETO NOS
ESTADOS UNIDOS. A ENTREVISTA
FOI REALIZADA EM PARCERIA
COM A FUNDAÇÃO LEMANN.

O BRASIL ESTÁ PASSANDO POR UM PROCESSO PELO QUAL OS ESTADOS UNIDOS E OUTROS PAÍSES JÁ PASSARAM, DE IMPLANTAÇÃO DA BASE COMUM CURRICULAR. COMO PODEMOS APROVEITAR SEU CONHECIMENTO SOBRE O ASSUNTO?

Fico feliz que o Brasil esteja desenvolvendo a base comum curricular envolvendo várias matérias, e não só Matemática e Literatura, como no nosso caso. É importante entender que “base” expressa um objetivo abrangente: o que o Brasil quer que os alunos realizem e conquistem no longo prazo. Um erro dos Estados Unidos que serve de lição é que não levamos o tempo necessário. Os padrões foram desenvolvidos, e quase todos os Estados aceitaram participar. Foi um momento incrível, considerando que temos 50 Estados. Contudo, foi feito rápido demais. Os currículos ainda não estavam prontos. Os professores não tinham apoio suficiente. Eles eram a favor, mas precisavam entender os padrões, transformar as definições em ações. Além disso, foram criados exames antes mesmo de desenvolverem mais as instruções, a formação dos professores. Também não falamos o suficiente com os pais para ajudá-los a entender e saber o que esperar. Essa ideia de ajudar os pais para que eles possam ajudar os filhos é indispensável. Se o Brasil tiver a oportunidade de fazer uma implantação no longo prazo, de forma que tudo esteja em ordem antes do próximo passo, acredito que o processo seria ótimo.

QUAIS OS PASSOS PELOS QUAIS OS PROFESSORES DEVEM PASSAR?

No geral, tanto para futuros professores quanto para aqueles já atuantes, perdemos muito tempo orientando e quase nunca perguntamos a opinião deles. Eles conhecem os alunos e o cotidiano do trabalho. Por isso, devemos engajá-los no processo. Deveríamos perguntar o que eles fariam na sala de aula. É preciso criar uma conexão entre o conhecimento dos professores e a visão ampla que a base representa. Fornecemos as orientações. E quando não são capazes de executar imediatamente, seja por não termos dado o apoio necessário, seja por não terem tempo para se acostumarem com as ideias, nós os

culpamos por não conseguir e partimos para outra. Se olharmos para os sistemas de educação de alto desempenho, vemos que avançam um passo de cada vez. E pensam de maneira abrangente. Não somente o professor como indivíduo, mas a escola toda, a liderança, a rede.

COMO A SENHORA VÊ OS EXAMES?

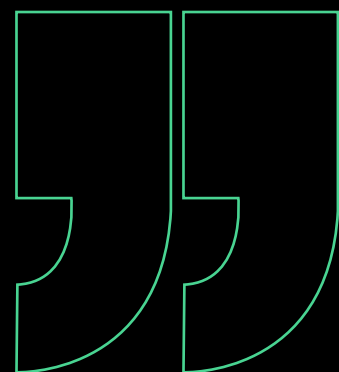
Existem três níveis de exame. Um deles é a prova. As provas são importantes para verificar conhecimentos específicos. Por exemplo, se alguém está aprendendo a pilotar um avião, é preciso saber se a pessoa conhece os cálculos e instrumentos. Outro nível de exame é a avaliação. Há critérios para determinar a qualidade de uma redação, por exemplo. Um valor vai classificar o trabalho como bom ou ruim. Nesse contexto, surgem as notas. E há o exame geral. Entretanto, usamos os exames de forma errada. O exame deveria descobrir o que as pessoas sabem, em vez de apenas confirmar. Então, como podemos pensar em exames múltiplos? As provas têm seu papel, não devemos acabar com elas. Mas, ultimamente, temos apostado tudo nas provas. Elas não contam a história toda. Temos que criar cenários abrangentes e completos para o aprendizado das crianças. O mesmo para os professores.

NO BRASIL, A MAIORIA DAS ESCOLAS AINDA TRABALHA EM CIMA DOS EXAMES, PRINCIPALMENTE DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO (ENEM)...

Na maior parte do mundo é assim. Cingapura é um exemplo de alto desempenho e também foca na prova. Há três provas principais durante a vida escolar do estudante. Estão tentando ser mais holísticos. Perceberam que não é suficiente apenas saber algo. O aluno precisa colocar os conhecimentos em prática, entender várias matérias, resolver problemas, muitas vezes junto com outras pessoas. Nos Estados Unidos, temos provas toda hora. Gastamos bilhões de dólares e milhares de horas que deveriam ser usadas de forma mais produtiva. Além disso, quando tem prova em alguma turma, os professores são tirados de outras turmas para ficarem olhando. Enquanto isso, essas turmas assistem a um filme. Esse tempo é desperdiçado.



Em vez de apenas mostrar os objetivos de aprendizagem, deveríamos perguntar aos professores o que eles fariam na sala de aula.



A ideia do exame como é no Brasil, em Cingapura, e em algumas regiões de Nova York, não é um problema por si só. Isso se torna um problema quando vira o foco das escolas. Falamos muito em competências do século 21, mas já estamos no século 21! Deveríamos discutir as competências do século 22. Cooperação, pensamento crítico e criatividade nunca serão ultrapassados. Por que agora são competências do século 21? Ainda não conseguimos desenvolver tudo isso. Continuamos tratando os alunos como se só existisse um caminho e uma resposta. E seguimos usando o melhor currículo apenas para alguns. Isso pode ter funcionado no século 19, mas não funciona mais. O mundo é muito complicado, temos muitos problemas. Há muito a ser feito. E precisamos de todo mundo. Não só de alguns.

COMO LEVAR A FORMAÇÃO CONTINUADA AO MAIOR NÚMERO POSSÍVEL DE PROFESSORES?

A ideia de ampliar e alcançar a prática dos professores atuantes é uma das maiores questões no mundo todo. No Teacher's College, tentamos desenvolver nos professores habilidades que permitam regeneração. Quando aprendem a fazer algo corretamente, podem fazer aquilo diversas vezes, sem parar. Mas se tiverem ferramentas e um jeito de pensar que permita a invenção de novas práticas a partir do conhecimento, isso sim é aprendizado. Esse é o foco do nosso curso para futuros professores. Eles talvez não consigam fazer algo logo de cara, mas já foi plantada a semente. Trata-se de aparelhar as pessoas para a carreira, e não só para o primeiro ano. Ensinaamos estratégias para que consigam engajar os alunos em grupos colaborativos, pois sabemos o quão difícil é cooperar, negociar, ser flexível, trabalhar em grupo, chegar a um consenso. Treinamos essas competências. Sobre a formação continuada, primeiro, não devemos pensar nos professores atuantes como uma unidade separada. Muitas pesquisas apontam que os professores aprendem uns com os outros. Até mesmo na pior escola, todo mundo sabe quem é o melhor professor. Precisamos aproveitar esses profissionais para que façam parte do desenvolvimento de seus colegas. E quando falamos em treinamento, isso deve levar um tempo. Há um estudo que diz que os professores precisam praticar, pelo menos, 20 vezes antes de dominar qualquer coisa.

Pessoalmente, eu acho pouco. Depende da complexidade da ideia. Outra pesquisa diz que o tempo que alguém demora para aprender algo e colocar em prática é de seis meses a um ano. Não basta participar de um workshop e já aplicar na escola. Nunca temos paciência para dar tempo suficiente aos professores. E eles não precisam fazer sozinhos. O professor mais experiente ou o conselho de professores pode ajudar. Na questão da base comum curricular, o conjunto de padrões é apresentado à escola sempre como um problema. Como implantar aquilo? A primeira coisa que eu faria seria uma avaliação da escola, para aproveitar as coisas boas já existentes. É necessário construir práticas positivas. E depois vamos consertar, direcionar aquilo que precisamos criar ou melhorar. Os professores devem trabalhar em grupo para que se forme esse ciclo de informação.

A SENHORA TROUXE A IDEIA DA COMUNIDADE DE PROFESSORES E APRENDIZAGEM. MAS SERÁ QUE É ALGO USUAL NO MEIO ACADÊMICO?

Deveria existir um tipo de apoio dado pelos mais experientes aos novatos. Existe já em muitas profissões, já que se entende que uma pessoa nova não vai ter o mesmo desempenho de alguém experimentado. No entanto, na educação, esperamos que o professor novo seja igual ao experiente. Não faz sentido. Se você é um professor iniciante e souber buscar orientação, for encorajado e tiver motivações, é provável que tenha sucesso. Se estiver em uma escola que não tenha essa abertura, pode não ter muita sorte. Assim, a ideia de apoio específico nem sempre funciona. Nos sistemas de alto desempenho, é a norma. Todos recebem esse tipo de apoio. Vou usar Cingapura como exemplo, porque fiz um estudo lá nos últimos dois anos: 99% das pessoas que estudam para ser professor recebem orientação durante o primeiro ano. É automático, uma regra. Os professores experientes orientam os mais novos. Não é algo que fazem além de suas funções. Faz parte da carreira. A quantidade de horas que trabalham dando aulas é reduzida para que possam orientar. Eles ensinam sobre posturas na sala de aula, relação com os pais e a comunidade, avaliação e participação dos alunos. Falamos sobre esses assuntos o tempo todo nos Esta-



dos Unidos. Até porque você pode ter o melhor curso de preparação e, ainda sim, terá dificuldade. Mas temos que perseguir as boas práticas. Sabemos o que é ser um bom professor. O problema é que isso não acontece para todos. Sabemos reconhecer uma escola com bons recursos. Por que todas não são assim? Geralmente, é questão de verba ou finanças. Como decidir se algumas crianças merecem uma escola com bons recursos, enquanto outras continuam em escolas destruídas? Sabemos as respostas. Continuamos perguntando o que podemos fazer. Deveríamos perguntar como podemos fazer.

NA PESQUISA DE EDUCAÇÃO PISA, O BRASIL APARECE MUITO MAL COLOCADO, EM POSIÇÕES ABAIXO DA 60ª, EM UMA LISTA COM 70 PAÍSES. ESTAMOS FICANDO PARA TRÁS EM COMPARAÇÃO COM OUTROS. E QUEREMOS IMPLANTAR A BASE COMUM CURRICULAR EM UM PAÍS MUITO DIVERSO DOS ESTADOS UNIDOS E DA AUSTRÁLIA, QUE JÁ A POSSUEM. NOSSO PAÍS É IMENSO.

Certamente é importante reconhecer a escala na qual as coisas precisam acontecer no Brasil. O problema com o tamanho do país é que, obviamente, haverá uma urgência para atender ao maior número possível de Estados. Nos EUA, também temos disparidades associadas às condições sociais e etnias. Isso não deveria existir. No Brasil, estamos falando de milhões de crianças – não apenas milhares. Há maneiras de pensar em pequenas práticas, ou mudanças simples, no curto prazo, que possam ser aplicadas amplamente. Talvez medidas no curto prazo mais estreitas e medidas no longo prazo mais profundas. Existem maneiras de pensar em medidas que atinjam uma região ou um Estado inteiro? Ou medidas que possam ser aplicadas em escolas-piloto? Tentar pensar em várias soluções em vez de uma só é a estratégia para que exista um movimento em diversas frentes. Acredito muito em pequenos passos e projetos-piloto. Não fazemos isso por causa da urgência. Qualquer bom pesquisador sabe que é preciso experimentar tudo antes de fazer grandes mudanças. Se você vai fazer um jantar e pretende usar uma receita pela primeira vez, vai testar, não vai deixar para quando os convidados estiverem chegando, porque não quer que seja um desastre quando eles sentarem

à mesa. Temos que pensar em projetos pequenos, para que os educadores das escolas consigam compartilhar e aprender uns com os outros. Como o Brasil é muito diverso, acho que uma conexão entre as regiões nas quais o contexto seja similar pode ajudar na implantação. O ideal seria haver também, anualmente, um grande encontro do qual todos participariam e no qual compartilhariam sucessos e desafios. Sabemos que é preciso fazer muitos rascunhos. E cada rascunho é importante e educativo.

INTERESSANTE A SENHORA MENCIONAR ISSO, POIS AINDA NÃO TEMOS A VERSÃO FINAL DA BASE COMUM CURRICULAR. É UM PROJETO EM ANDAMENTO.

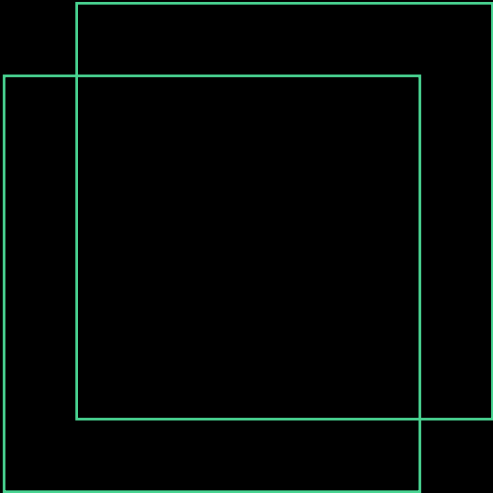
Mesmo com planejamento, haverá surpresas. Mas, se não planejar, as surpresas surgirão todos os dias, em vez de ocasionalmente. Algumas ideias parecem ótimas no começo, mas acabam se revelando confusas ou redundantes. Seria importante ter avaliações de rotina. Costumamos fazer um balanço do que conquistamos depois de dez anos. Avaliar depois de tanto tempo é mais difícil. Já passou, as pessoas já esqueceram, os dados estão velhos. Manter o sistema em ordem desde o começo é essencial. Assim como adotar uma comunicação pública transparente. Nos lugares onde os professores são valorizados e há inovação, existe transparência. O Poder Público diz à população: “Estamos tentando implementar a base comum curricular. Essas são as grandes mudanças que teremos. Aqui estão exemplos de práticas excelentes. Estamos tendo dificuldades, mas é assim que estamos resolvendo”. Manter isso vivo. E não só lançar e depois desaparecer.

PRECISAMOS ENGAJAR OS PROFESSORES, TORNÁ-LOS PARTE IMPORTANTE DO PROCESSO E LIGAR A BASE COMUM CURRICULAR AO TREINAMENTO DE PROFESSORES.

Sem dúvida.. Eles precisam ser o centro, pois vão colocar em prática.

JEAN GALVÃO ■■■
NOVEMBRO 2017 ■■■





PLANEJAMENTO URBANO E QUALIDADE DE VIDA

ENTREVISTADOR ■■■
DENIS RUSSO BURGIERMAN ■■

UM DOS URBANISTAS MAIS INFLUENTES DO MUNDO, O ARQUITETO DINAMARQUÊS **JAN GEHL** DEFENDE QUE É PRECISO HUMANIZAR ESPAÇOS PÚBLICOS POR MEIO DA INTEGRAÇÃO ENTRE MORADIA E TRABALHO E DA APOSTA EM DESLOCAMENTOS NÃO MOTORIZADOS. AUTOR DO LIVRO *CIDADE PARA PESSOAS*, ELE CONVERSOU COM O UM BRASIL DURANTE SUA PASSAGEM POR SÃO PAULO. GEHL CRITICA A FORMA COMO BRASÍLIA FOI CONSTRUÍDA E OPINA COMO A ARQUITETURA PODE CONTRIBUIR COM CIDADES MAIS SAUDÁVEIS. A ENTREVISTA FOI REALIZADA EM PARCERIA COM A COMUNITAS, ORGANIZAÇÃO QUE INCENTIVA A PARTICIPAÇÃO DA INICIATIVA PRIVADA NO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÔMICO DO PAÍS.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista

AS SUAS IDEIAS PODEM SER SINTETIZADAS NO TÍTULO DE SEU LIVRO *CIDADES PARA PESSOAS*. NA SUA VISÃO, AS CIDADES NÃO SÃO SEMPRE FEITAS PARA PESSOAS?

Esse livro é um protesto contra alguns paradigmas de planejamento urbano muito dominantes na segunda metade do século 20. Uma dessas ideias modernistas de planejamento urbano é que cidades são ruins e edifícios independentes são bons; ruas são ruins, colocar prédios na grama é bom; e também não se deve colocar residências, trabalho, recreação e transporte perto um do outro. Deve-se sempre separá-los e colocá-los longe. A primeira vez que elas foram levadas a cabo, em grande escala, para que todos vissem, foi em Brasília. É por isso que chamo essa ideia, basicamente, de “síndrome de Brasília”. Brasília é interessante, porque é incrível vista de avião. Parece muito interessante de helicóptero. E, lá embaixo, onde as pessoas estão ao nível do olho, ela não é nada bonita. E os construtores não pensaram nas pessoas, nas ruas, nas pessoas entre os prédios. Apenas fizeram os prédios, então, sobrou um espaço entre eles e daí chamaram alguns paisagistas para fazer uma jardinagem. As cidades antigas sempre começavam com vida, depois com espaço e, então, prédios. Enquanto nas novas são os prédios primeiro, depois, o paisagismo, depois, talvez, a vida. E levamos 50 anos para descobrir tudo de ruim que há no modernismo porque todo o conhecimento sobre as pessoas nas cidades foi jogado fora pelos modernistas. Para provar que esse tipo de planejamento urbano não é humanístico e que podemos fazer algo muito melhor, podemos reparar nas cidades existentes e fazer novas cidades muito melhores do que Brasília. Agora, lutamos no mundo todo para fazer cidades habitáveis, sustentáveis e saudáveis. Durante 50 anos, fizemos um planejamento urbano que convida as pessoas a ficar sentadas o dia todo, dirigindo e digitando no computador, e, agora, sabemos que isso é um grande problema para a saúde. Essas pessoas que ficam sentadas não vivem tanto, têm mais problemas de saúde e custam muito mais ao sistema. Se as pessoas fizerem um pouco de exercício, uma hora todos os dias, podem viver sete anos a mais, ter uma qualidade de vida muito maior, e custar muito menos aos hospitais. Descobrimos que, em Copenhague, toda vez que

alguém anda 1 quilômetro de bicicleta, a sociedade economiza R\$ 0,35. E se andar 1 quilômetro de carro, a sociedade perde R\$ 0,14. Então, quanto mais bicicletas, maior a economia para a sociedade. É uma ideia muito melhor.

UM ESTUDO REVELOU SÃO PAULO COMO RECORDISTA MUNDIAL EM TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS. O MODO COMO A CIDADE FOI CONSTRUÍDA PODE GERAR ANSIEDADE, ESTRESSE E PÂNICO?

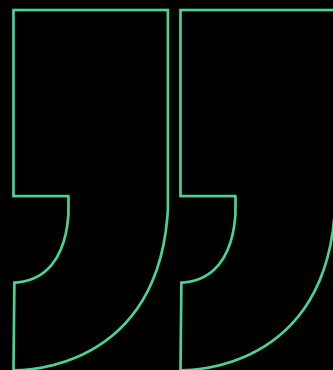
Posso facilmente ver essa conexão. Como arquiteto, sempre me interessei sobre como a forma de construir influencia a vida. Se dois prédios são construídos com determinada distância maior ou menor, as pessoas são levadas a criar intimidade ou nem enxergarem o outro lado. Ao redor do mundo, as pessoas estão muito interessadas em saber mais sobre como as cidades podem ser mais humanizadas, como o cotidiano das pessoas nas cidades pode melhorar. Ainda é um período de transição e ainda há muitos da velha guarda, que pensam que a forma é tudo. Mas eu penso que boa arquitetura é a interação entre forma e vida. Agora, temos que trabalhar duro para trazer a vida para a equação, a fim de que os estudantes de arquitetura aprendam que é uma combinação. A forma nos faz viver como máquinas. A vida faz cidades que tenham alma.

VOCÊ JÁ VEIO AO BRASIL VÁRIAS VEZES. QUAIS SÃO SUAS IMPRESSÕES? AS CIDADES GRANDES BRASILEIRAS SÃO FEITAS PARA AS PESSOAS?

Eu vim para cá especificamente para estudar Curitiba, considero que o que foi feito em Curitiba foi incrível. Também estive em Brasília e escrevi esse livro sobre a capital em especial. Não fiquei tão feliz lá quanto em Curitiba. Estive em Salvador, no Rio de Janeiro, e, agora, em São Paulo. Acho que algumas cidades são bem interessantes, mas a qualidade das cidades brasileiras não é tão boa. A indústria automobilística empurrou os carros para as cidades, as construtoras foram fazendo esses prédios rapidamente, sem refletir se seria uma boa. E o mais importante no planejamento urbano: você deve saber para onde vai. Todas as boas cidades



Boa arquitetura é a interação entre forma e vida.



que conheço têm planos específicos: até 2020 fazemos isso, e até 2030 essa outra coisa, até 2040 não teremos combustíveis fósseis e até 2050 estaremos aqui. É importante ter liderança, ter visão e objetivos para vocês alcançarem e saberem para onde a cidade vai. Não podemos continuar usando combustíveis fósseis, poluindo o ar, desafiando o clima, ficando cada vez mais gordos, tendo uma péssima vida, com medo um do outro.

MUITOS DIZEM “BICICLETAS SÃO LEGAIS E COPENHAGEN É INCRÍVEL, MAS SÃO PAULO NÃO É COPENHAGEN”. COMO LIDAR COM UMA CIDADE TÃO MAIS POPULOSA E COM MENOS DINHEIRO?

Não se trata de Copenhagen, trata-se de *homo sapiens*. Esse tipo de ideia de planejamento urbano humanístico pode ser usado em todos os níveis: de uma pequena vila de cem pessoas até uma grande cidade, de 13 milhões de pessoas. Não se trata de copiar Copenhagen, porque para cada cidade haverá soluções específicas. A única coisa que sabemos é que os carros estão em decadência. Os motoristas estão diminuindo na América e na Austrália. Os transportes públicos ganham importância no mundo todo. Bicicletas também ganham importância, pois são muito inteligentes para o clima e para a saúde. Então, há muitas coisas mudando e sabemos que devemos encontrar novos modos de mobilidade, porque a velha ideia de que todo indivíduo tenha quatro rodas de borracha é horrível. Acho que, em 20, 25 anos, veremos mudanças rápidas e drásticas no modo como organizamos a mobilidade em cidades grandes, porque o que fazemos agora não é inteligente, e ter mais disso não nos fará mais felizes. Então veremos mudanças, porque o clima não espera, e os problemas de saúde não esperam por uma solução. Temos que encarar isso.

UM PROJETO DA SUA EMPRESA NO VALE DO ANHANGABAÚ, EM SÃO PAULO, FOI ACUSADO DE CONTRIBUIR PARA A GENTRIFICAÇÃO DA ÁREA. COMO VOCÊ RESPONDE A ISSO?

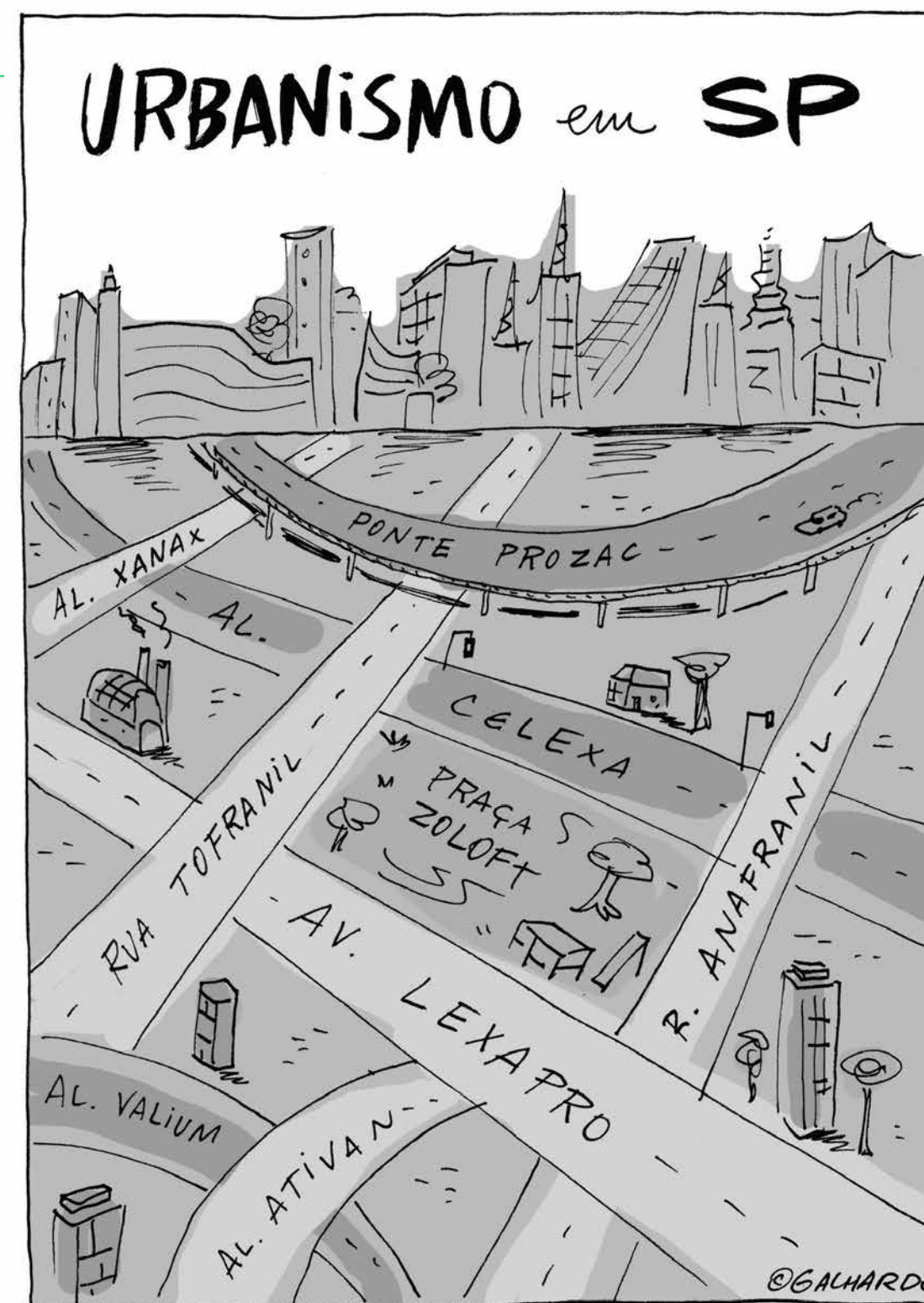
Um modo certo de evitar a gentrificação é fazer as coisas serem piores possíveis. Para mim, isso não é uma solução. Se tivermos um medicamento que cure as

pessoas, acho que devemos dá-lo em vez de retê-lo e dizer: “Talvez a maioria dos medicamentos fique com os ricos”. Temos que fazer o melhor que pudermos. O problema com o sistema de gentrificação é que devemos fazer mais lugares legais, para que existam lugares legais para todos. Qualquer que seja a camada econômica a qual pertencamos. Gentrificação não é uma questão que urbanistas devam resolver. Isso deve ser resolvido de maneira política. Fazendo regras que garantam o uso diverso, que garantam residências populares em todos os distritos. Não se trata de deixar da pior maneira possível.

NO DEBATE PÚBLICO NO BRASIL, VEMOS AS PESSOAS DIZENDO QUE UMA CIDADE COMO SÃO PAULO É GRANDE DEMAIS PARA FALHAR, NÃO É POSSÍVEL FICAR EXPERIMENTANDO. COMO VOCÊ RESPONDERIA A ISSO?

Não é preciso experimentar mais. Porque esse movimento humanístico de planejamento urbano do qual estamos falando existe já há 20 anos e tem sido utilizado em diversas cidades grandes, como Nova York. Então, não é pioneirismo fazer algo assim. É algo que se pode aprender. Há pioneiros em outros lugares. Você não precisa ser pioneiro. Se não fizer nada, vai ficar para trás. Esse é o problema.

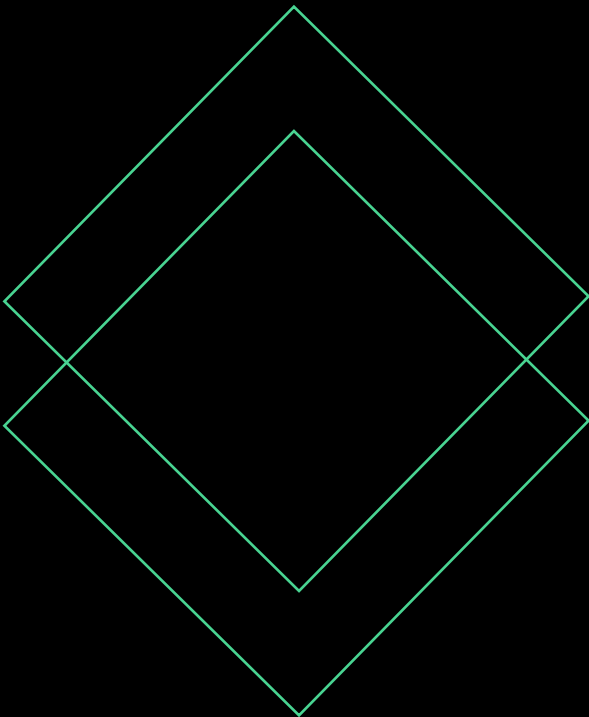
CACO GALHARDO ■
JANEIRO 2017 ■



“É PRECISO SOBREPOR
O RETORNO SOCIAL AO
RETORNO PRIVADO.”

ENTREVISTADORA ■■■
ÉRICA FRAGA ■■■

A AGRICULTURA BRASILEIRA É EFICIENTE E CRESCE A UMA RAZÃO MAIOR DO QUE A DOS EUA. PARA QUE OS DEMAIS SETORES DA ECONOMIA CHEGUEM A ESSE PATAMAR, É NECESSÁRIO, DE EMPRESÁRIOS IMBUÍDOS DE ESPÍRITO PÚBLICO E VONTADE GENUÍNA DE CRESCER COM O PAÍS. ISSO PREGA O **ECONOMISTA JOSÉ ALEXANDRE SCHEINKMAN**. PROFESSOR NA UNIVERSIDADE COLUMBIA, ELE INDICA CAMINHOS A SEREM TRILHADOS NA SAÍDA DA RECESSÃO. A ENTREVISTA INTEGRA A SÉRIE QUE DISCUTE ESTRATÉGIAS PARA O CRESCIMENTO E O PAPEL DO ESTADO NA ECONOMIA, GRAVADA EM SÃO PAULO E NO RIO DE JANEIRO, EM DEZEMBRO DE 2016. UMA PARCERIA COM O COLUMBIA GLOBAL CENTERS | RIO DE JANEIRO, BRAÇO DA UNIVERSIDADE COLUMBIA, DE NOVA YORK.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

COMO RESOLVER A ESTAGNAÇÃO DA PRODUTIVIDADE DA ECONOMIA BRASILEIRA EM MEIO À CRISE?

Se você comparar dados a partir da década de 1980, notará que os países que hoje são sucesso de crescimento – Coreias, Taiwan, Cingapura, China, Índia – conseguem produzir com uma quantidade fixa de insumos. A produtividade deles está crescendo mais rapidamente do que a americana. É a lógica. A única maneira de alcançar os países mais avançados é melhorar a produtividade mais rapidamente. A Coreia já está num nível de 75% a 80% da renda americana. Podemos pensar que a Coreia era um Brasil nos anos 1970. Entretanto, a produtividade brasileira cresceu menos do que a americana. Se você tomar os Estados Unidos como padrão, fazemos ainda menos do que fazíamos antes com os mesmos insumos.

BASICAMENTE, OS INSUMOS SÃO MÁQUINAS, EQUIPAMENTOS E CAPITAL HUMANO, PESSOAS?

Sim. Evidentemente temos menos máquinas do que os Estados Unidos e menos capital humano, mas, mesmo que tivéssemos a mesma quantidade, produziríamos menos. Isso acontece porque o Brasil não teve um desempenho brilhante nem na conversão de capital (o investimento) nem na educação. Apenas aumentamos um pouco a escolaridade. Então, por que o Brasil se deteriorou tanto?

QUAL É A RESPOSTA?

O Brasil não é uniforme. Em setores como a manufatura, a produtividade andou para trás. E na agricultura, cresceu mais rapidamente do que nos Estados Unidos. O contraste se deve ao que foi feito em cada um. Na década de 1960, importávamos comida. Em 1973, o governo fundou a Embrapa para ajudar a desenvolver a pesquisa básica do setor agrícola. Entre outras realizações, ela cuidou da ocupação do cerrado, que à época era uma região de terra degradada e, hoje, é responsável por 50% dos grãos produzidos no País. E não apenas isso. Até o começo dos anos 1990, o governo intervinha nos detalhes da agricultura. Se você queria exportar açúcar, havia o Instituto do Açúcar e do Alcool que dava a licença; se queria importar trigo, era ainda mais complicado, apenas alguns empresários

tinham permissão. Então, o Brasil liberou esses mercados. Os produtores migraram de regiões como Rio Grande do Sul, onde as terras eram caras e as fazendas, pequenas, para o cerrado. A nova tecnologia permitiu o aumento de escala. Os mais eficientes, é claro, cresceram. Hoje, temos uma agricultura não só incrivelmente eficiente, mas também altamente tecnológica. As agriculturas de Goiás e do Mato Grosso do Sul estão se expandindo. São Paulo é bastante tecnológico, que a Embrapa também ajudou com as plantações de açúcar. Em resumo, foi um processo realmente extraordinário, não muito diferente do que os americanos fizeram com a criação do semicondutor.

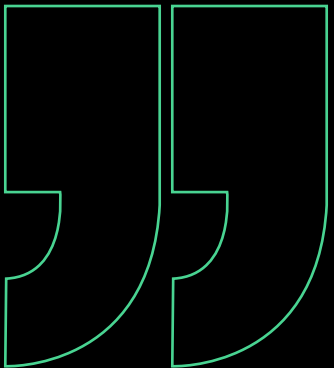
COMO NO VALE DO SILÍCIO?

O Vale do Silício não é onde, é por que o silício é produzido ali. Os Estados Unidos começaram um programa grande, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial, de investir na produção de semicondutor e na criação da tecnologia de software. Havia até uma agência do Exército chamada “Darpa” [*sigla de Defense Advanced Research Projects Agency – Agência de Projetos Avançados para Pesquisa de Defesa, em tradução livre*], que também deu muito dinheiro para as universidades. Em razão da capacidade dos professores, as universidades Berkeley e Stanford ganharam boa parte dos recursos. A Xerox foi uma grande inovadora. Mais tarde, Apple, Microsoft, todas usaram a tecnologia. Netscape, o primeiro browser, foi desenvolvido na Universidade de Illinois, um grande centro de pesquisa. O setor privado, auxiliado por verbas do governo, sempre ajuda nos Estados Unidos.

O QUE O GOVERNO BRASILEIRO FEZ NA AGRICULTURA É COMPARADO AO QUE OS ESTADOS UNIDOS FIZERAM NO VALE DO SILÍCIO, MAS DIFERE BASTANTE EM RELAÇÃO À ATUAÇÃO DO GOVERNO BRASILEIRO NO SETOR INDUSTRIAL? POR QUÊ?

Exatamente. Entender isso é uma questão de política que está um pouco fora dos meus conhecimentos. Posso apenas especular. A Embrapa criou uma tecnologia para uso de todos. Quando o retorno social é maior do que o privado, é hora de o governo intervir. Esse é o pro-

A maior razão pela qual a recessão machuca tanto é que não somos um país rico.





blema que a Embrapa resolveu. Mas o que o governo fez com computadores – proibir importação, escolher fabricantes para serem subsidiados etc. – é um modelo muito diferente, que persistiu até meados dos anos 1990 e foi retomado no fim da década de 2000. Resolveram fazer uma indústria baseada na descoberta de petróleo. Quando foi instituída, no fim do segundo governo Lula, por volta de 2008, 2009, qualquer pessoa com noção de história da economia sabia aonde isso iria acabar.

NESSE PERÍODO, QUE MEDIDAS O SENHOR ACHA QUE NÃO FORAM APROPRIADAS?

O modelo da política pós-2009 foi o seguinte: tínhamos uma descoberta de petróleo ligado ao pré-sal. Isso foi mais ou menos na mesma época em que se tornou viável economicamente o *fracking* [*fraturamento hidráulico usado para realizar perfurações e extração de gás xisto*] nos Estados Unidos, que mudou a balança comercial americana do petróleo. O pré-sal, até hoje, produz muito pouco. No modelo, a Petrobras comprava insumos de determinados produtores na esperança da criação de uma indústria nacional. Seria como se a Embrapa funcionasse assim: vamos fazer pesquisa, mas só vamos fornecer para a JBS.

VOCÊ NÃO BUSCA O SEU FORNECEDOR MAIS EFICIENTE, QUE TENHA O MELHOR PREÇO...

Exato. Na agricultura, o produtor brasileiro precisa ser eficiente. Tem que produzir bem e a um preço barato. Não tem esse problema da empresa que faz um navio e o vende a um preço absurdo para a Petrobras.

QUE PAPEL AS POLÍTICAS ADOTADAS A PARTIR DE MEADOS DA DÉCADA PASSADA, QUE O SENHOR CONSIDERA EQUIVOCADAS, TIVERAM NA GERAÇÃO DA CRISE ATUAL QUE VIVEMOS?

Em primeiro lugar, a crise fiscal. O Estado não tem mais capacidade de manter o nível de gastos em subsídios de crédito. E muitas empresas, ao perderem os subsídios, deixam de produzir. Essa é uma razão. Mas há outra mais profunda. Vamos voltar à questão dos computadores. A proteção não só fez com que, no Brasil, o usuário fosse

obrigado a comprar máquinas piores e mais caras do que aquelas disponíveis lá fora, como também prejudicou indústrias que dependiam de peças incluídas na reserva de mercado. Na década de 1970, os carros brasileiros eram muito atrasados tecnologicamente em relação aos europeus e americanos, porque aqui não se utilizavam certas peças que dependiam de informática. Nós, economistas, chamamos isso de “proteção efetiva”: significa que você protege uma coisa, no caso, a informática, e desprotege outras, que acabam tendo dificuldade para produzir, porque não podem utilizar os insumos corretos. Outro problema é a política de impostos. Um exemplo: a maior parte dos centros de logística estão em Minas Gerais por razões de ICMS. Fazem o chamado “passeio de mercado-ria”. Um artigo é fabricado em São Paulo, para ser vendido em São Paulo, mas antes é enviado para o centro de logística em Minas. E volta com impostos menores.

AÍ VOCÊ CRIA INEFICIÊNCIAS NA ECONOMIA.

Nenhuma dessas coisas é responsável pela recessão aguda que temos agora, porque o efeito de tudo é no longo prazo. Mas empobrecem o País. E a maior razão pela qual a recessão machuca tanto é que não somos um país rico. Há dois movimentos na economia: cíclicos e seculares. Qualquer pessoa, mesmo num país avançado, sente a recessão quando o movimento cíclico está ruim. Entretanto, o que contribui para o bem-estar no longo prazo é aquilo que faz crescer de forma secular a uma taxa mais alta por um longo período.

OU SEJA, O PAÍS TEM O DESAFIO DE TOMAR MEDIDAS PARA TENTAR SAIR DA RECESSÃO, MELHORAR A QUESTÃO HISTÓRICA DO CRESCIMENTO LENTO E IMPLANTAR MUDANÇAS REGULATÓRIAS. COMO FAZER TUDO ISSO NO MEIO DE UMA RECESSÃO E NUMA SITUAÇÃO POLÍTICA CAÓTICA?

Difícil. Por exemplo, acho que todos os Estados iriam se beneficiar se conseguíssemos ter um ICMS mais simples, no estilo de imposto sobre produto adicionado, sem proteções especiais. No entanto, entendo que durante a recessão é um pouco complicado você acabar com as isenções. Vou pegar o exemplo do Rio de Janeiro, que tem um siste-



ma especial para a indústria de joias. As joalherias pagam menos imposto de circulação do que outras indústrias. Evidentemente refletiu o gosto do governador, mas é uma questão que mostra o nível de detalhe ao qual se chegou.

A QUESTÃO TRIBUTÁRIA É UMA DAS MAIS URGENTES? O SENHOR TEM FALADO BASTANTE SOBRE O SIMPLES.

O Simples é outro problema. É um sistema especial para quem continua pequeno. Nos Estados Unidos detectaram que as empresas não crescem de maneira uniforme. Algumas tornam-se mais eficientes e tomam o mercado de outras, o que faz a produtividade crescer como um todo. As menos eficientes saem. No Brasil, não se vê isso. Poucos novos ingressantes crescem e abocanham mercado, e há pouca saída. Nos Estados Unidos, se você começa a perder dinheiro, o dono do imóvel no qual está a sua fábrica vai lá e toma o espaço. Aqui no Brasil, demora anos para que o dono recupere a propriedade, mesmo com aluguéis não pagos. As empresas param de pagar os empréstimos, principalmente se forem tomados do governo; param de pagar impostos. E ficam um tempão ainda na ativa. O Estado pode ajudar esse processo a ser mais efetivo.

O ESTADO PODE FACILITAR O PROCESSO, MAS O SETOR PRODUTIVO TAMBÉM NÃO TERIA DE ACEITAR MUDANÇAS?

Hoje ouvi a frase: “No Brasil, todo mundo quer progresso, mas ninguém quer mudança”. É exatamente isso. Há uma parte do setor privado que carece de espírito público. Enquanto houver dinheiro do BNDES, o empresário vai querer. A política é complicada, mas eu gostaria que o Estado dissesse: “Se você quiser dinheiro do BNDES, ou vai pagar taxas normais ou vai ter de demonstrar que o seu retorno social é maior do que o retorno privado”.

PARA O PROFESSOR ANDRÉS VELASCO, COLEGA SEU DE COLUMBIA, ESSA CRISE QUE O PAÍS VIVE TALVEZ TENHA UM LADO POSITIVO DE MOSTRAR QUE MUDANÇAS SÃO URGENTES E NECESSÁRIAS. O SENHOR CONCORDA?

Espero que o Brasil possa aproveitar. Mas tenho receios. O nível de corrupção ao qual chegamos... Eu achei que,

depois das repetidas vezes em que pessoas foram punidas, elas seriam mais cuidadosas. Mas, não. Tivemos os anões do orçamento, o Mensalão. As lições são esquecidas. Mas tenho esperança no Brasil. Há muita gente inteligente e preparada, pronta para se sacrificar e ajudar o setor público. Espero que Andrés esteja certo.

O SENHOR ACREDITA QUE AS REFORMAS PROPOSTAS PELO GOVERNO SÃO PASSOS NA DIREÇÃO CORRETA OU PODEM TORNAR A SITUAÇÃO AINDA MAIS COMPLICADA?

Temos de fazer. As medidas vão permitir que o governo volte a investir. O gestor público, as assembleias e o Congresso poderão fazer escolhas. Há uma torta de tamanho fixo e é preciso decidir quem vai comer cada pedaço.

A LEI DE RESPONSABILIDADE FISCAL (LRF) FOI POSITIVA, MAS NÃO CONSEGUIU CRIAR ESSA DISCIPLINA...

A LRF, de alguma maneira, foi burlada. Se tivesse sido cumprida no seu espírito, a questão fiscal hoje seria menos grave. O BNDES tinha obrigação de dar dinheiro para empresas escolhidas pelo governo. Os valores não entravam nos gastos públicos porque deram ao BNDES papéis do Tesouro.

AS FAMOSAS “PEDALADAS”.

Esse foi um dos tipos de pedaladas. Não estava no espírito da LRF. Nem sei se estava na lei. Construímos uma enorme dívida pública, hoje da ordem de 70% do PIB. Veja o caso do Rio de Janeiro. O Estado teve receitas não renováveis, com o petróleo, e comprometeu com pessoal 16% da receita. Isso é fora do espírito da LRF, mas dentro da lei. A LRF não foi suficiente, porque permitiu tratar receitas temporárias como permanentes. Finalmente, há um esgotamento da capacidade do Estado de criar receita. Enquanto o governo criava receita, a LRF não tinha muito efeito.

ADÃO ITURRUSGARAI ■■■
JANEIRO 2017 ■■■



ÍNDICES ECONÔMICOS × RESULTADOS ELEITORAIS

ENTREVISTADOR 
RENATO GALENO 

DANIELA CAMPELLO, PHD EM CIÊNCIA
POLÍTICA, EXPLICA COMO O CENÁRIO
ECONÔMICO INTERNACIONAL AFETA
A FORMA COMO O ELEITOR AVALIA
O DESEMPENHO DOS POLÍTICOS NA
AMÉRICA LATINA. A PESQUISADORA
DEFENDE QUE FATORES EXTERNOS
INFLUENCIAM ELEIÇÕES, MAS O ELEITOR
NEM SEMPRE PERCEBE. O PROBLEMA PODE
SER ENFRENTADO, SEGUNDO ELA, COM
INFORMAÇÃO QUALIFICADA E POLÍTICAS
FISCAIS QUE DIMINUAM A VOLATILIDADE
DA ECONOMIA EM TEMPOS DE CRISE.
A ENTREVISTA INTEGRA A SÉRIE
QUE DISCUTE ESTRATÉGIAS PARA O
CRESCIMENTO E O PAPEL DO ESTADO NA
ECONOMIA, GRAVADA EM SÃO PAULO E
NO RIO DE JANEIRO, EM DEZEMBRO DE
2016. UMA PARCERIA DA PLATAFORMA
UM BRASIL COM O COLUMBIA GLOBAL
CENTERS | RIO DE JANEIRO, BRAÇO DA
UNIVERSIDADE COLUMBIA, DE NOVA YORK.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

A EXPRESSÃO DO VOCABULÁRIO POLÍTICO, “É A ECONOMIA, ESTÚPIDO”, COLOCA A ECONOMIA COMO FATOR FUNDAMENTAL NOS RESULTADOS ELEITORAIS. VOCÊ COSTUMA USAR A EXPRESSÃO “É A ECONOMIA INTERNACIONAL, ESTÚPIDO”. POR QUÊ?

É uma conhecida teoria da ciência política: o voto econômico. De acordo com ela, as pessoas, independentemente de ideologias, conseguiriam avaliar se a sua vida melhorou ou não durante o período de um mandato. É algo otimista, no sentido de que é preciso pouco para que a democracia funcione. O problema é que se assume que os eleitores consigam atribuir corretamente responsabilidades pela economia a seus governantes. E não é o caso em muitos países. Acredita-se que em lugares nos quais as pessoas tenham mais acesso à mídia possa ser assim. No caso da América Latina (AL), nosso trabalho mostra que não ocorre. Porque o eleitor responde à economia, mas os fatores não estão sob o controle dos governantes. Esses acabam premiados ou punidos pelo eleitorado, mesmo sem influenciar a economia.

PARA AVALIAR A INFLUÊNCIA DA ECONOMIA INTERNACIONAL NA POLÍTICA INTERNA, VOCÊ CONSIDERA A DEPENDÊNCIA DO CAPITAL EXTERNO E A EXPORTAÇÃO DE COMMODITIES. POR QUE ESSES DOIS COMPONENTES SÃO TÃO RELEVANTES?

São fatores relevantes para um determinado conjunto de países. Na AL somos essencialmente exportadores de commodities. É fato, embora o Brasil não se veja dessa forma. As taxas de juros americanas influenciam a maneira como o capital se move no mundo. Quando as taxas estão baixas, o risco é baixo internacionalmente, e o capital financeiro tende a ir para países emergentes.

EM RAZÃO DOS RETORNOS?

Exato. Quando o risco sobe e as taxas de juros voltam a subir, o capital volta para os países da OCDE [*Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, formada por nações desenvolvidas*]. Esses dois mecanismos são importantes para explicar a economia na AL. Se por um lado fatores da economia externa afetam a

economia doméstica e o eleitor não sabe, isso altera o resultado eleitoral. A outra questão na AL é que há duas categorias diferentes de inserção na economia mundial. Na América do Sul, os países são exportadores de commodities, possuem baixa taxa de poupança e dependem do capital financeiro externo. Já México e América Central têm dinâmicas diferentes. Ambos não são essencialmente exportadores de commodities. A América Central recebe pouco capital privado. A maior parte do investimento vai de outros países ou do Banco Mundial. Assim, não responde às taxas de juros internacionais. No caso do México, o ciclo é muito próximo dos Estados Unidos (EUA). Quando os juros sobem nos EUA é porque a economia está aquecida, e isso é bom para o México. Por esse motivo é tão interessante estudar a AL. Ao identificar que os fatores importam para um grupo de países, mas não para o outro, se o eleitor não consegue descontar, podemos medir o impacto político.

COMO É FEITA A COMPARAÇÃO?

Criamos o chamado “Good Economic Times Index (GETI)”: um índice de bons tempos econômicos. Trata-se de um resumo das flutuações de taxas de juros americanos e de preços de commodities. Ele é usado para prever resultados eleitorais na região. E consegue prever crescimentos de PIB, emprego, inflação – claramente divide os dois grupos de países.

SERIA POSSÍVEL APLICAR O MODELO EM OUTRAS REGIÕES DO PLANETA?

Com adaptações. A África seria uma região interessante para olhar commodities. Não necessariamente taxa de juros americanos. Um colega de Princeton estava à procura dos melhores índices para trabalhar com a Índia. Então, não é que a AL seja mais ou menos exposta do que outras regiões, principalmente emergentes, em relação a esses fatores. Apenas conhecemos melhor e conseguimos testar. Um ponto importante é o problema da volatilidade – a questão da dependência das commodities. Como passamos por períodos de *boom* desde 2004, e depois crise, desde 2011, é muito difícil



para o eleitor diferenciar o governo competente do incompetente. Imagino que a realidade na África seja parecida com a nossa. Mas é diferente em economias estáveis, como as europeias. Lá o eleitor consegue identificar esse sinal de competência.

O SEU ESTUDO COMPARA UMA VASTA GAMA DE ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NA AL, FAZENDO UMA CORRELAÇÃO ENTRE AS ELEIÇÕES E OS ÍNDICES GETI DAQUELES MOMENTOS...

Exatamente. Meu coautor e eu codificamos todas as eleições acontecidas no período democrático, a partir da década de 1980, e tentamos identificar quem seria o candidato do presidente ou da presidenta. Isso dá bastante trabalho, porque os partidos são muito fluidos. Uma vez tudo codificado, tentamos prever a probabilidade de sucesso de um determinado presidente de acordo com o nosso índice de bons tempos econômicos. O resultado foi bastante claro: as chances de reeleição ou eleição do sucessor são 50% maiores no período em que o GETI está alto. No entanto, estamos num sistema presidencialista, no qual a figura do presidente conta muito. Se for pensar no Chile, Michele Bachelet tinha uma aprovação altíssima e não conseguiu fazer o seu sucessor. Então, o segundo passo é olhar a popularidade em toda a AL.

HÁ ASPECTOS BEM PARTICULARES EM PLEITOS PRESIDENCIAIS. NAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES BRASILEIRAS, UM DOS PRINCIPAIS CANDIDATOS MORREU EM UM ACIDENTE AÉREO. OS CENÁRIOS MUDAM..

Claro, tudo conta. Entretanto, se a ideia é medir o sucesso de determinado presidente ou presidenta, a popularidade é o fator mais importante. Olhamos a popularidade no Brasil, que está dentro da nossa amostra, e no México. Usamos dados desde a eleição de Collor, na volta da democracia, até a primeira eleição de Dilma. Conseguimos prever com o índice GETI em torno de 65% da variação da popularidade. Ou seja, grande parte da popularidade do presidente, no caso do Brasil (e a minha intuição é de que isso se estenda ao resto da América do Sul), é ligada a fatores que o presidente não controla.

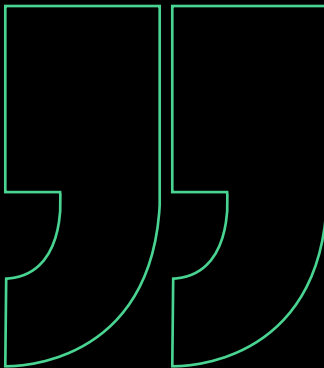
A conclusão é que os eleitores premiam ou punem os presidentes da AL baseados em sorte, e não em mérito. Alguns têm a má sorte de estar no governo em época de crise. Tentamos inferir relações causais. Imagine um presidente latino-americano que tenha duas alternativas: uma é maximizar o bem-estar do seu eleitorado, como se espera; a outra é qualquer outra atividade. Podemos falar de corrupção, excesso de gastos, ineficiência, enriquecer seu partido, uma série de coisas. Se ele sabe que a eleição está ganha – já que estamos em bons tempos econômicos, e o eleitorado atribui esses resultados à figura do presidente –, o incentivo para se desviar é forte. Quando tem certeza de que não será eleito de qualquer forma, ocorre o mesmo. Nem tenta. O fato é que a margem de esforço do candidato que gera vitória eleitoral é muito estreita na AL.

ISSO É GRAVÍSSIMO PARA A PRÓPRIA IDEIA DEMOCRÁTICA. SE O SUCESSO DOS GOVERNANTES ESTÁ LIGADO APENAS AO FATO DE SEREM AFORTUNADOS OU AZARADOS, IMPLICA OUTRO TIPO DE RELAÇÃO POLÍTICA?

Sim. O que se viu no último *boom* econômico foi que governantes conseguiram garantir reeleições múltiplas e eleições de seus sucessores. É quase uma carta branca que o eleitor dá nesse momento de prosperidade. Nos países que dependem totalmente de commodities (Venezuela e Equador, no caso, do petróleo), isso gera uma margem para o governo fazer quase qualquer coisa. No caso do começo dos anos de 1990, o *boom* brasileiro teve mais a ver com a queda da taxa de juros internacionais do que com o comércio. Porque os investimentos externos só vêm se os países estiverem adotando certas medidas. Mas ainda estamos investigando a natureza desses períodos.

EM UM EXEMPLO PRÁTICO, NO DEPOIMENTO QUE A ENTÃO PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF DEU AO SENADO, ELA MOSTROU GRÁFICOS QUE APONTAVAM A PERDA DA VITALIDADE ECONÔMICA BRASILEIRA EM DECORRÊNCIA DO DECRÉSCIMO DAS COMMODITIES NO MERCADO INTERNACIONAL. ESSE PANORAMA NÃO MUDOU. PODEMOS INTERPRETAR QUE A QUEDA DE POPULARIDADE DELA E A POUCA POPULARIDADE DO PRESIDENTE TEMER SE DEVEM

Os governantes da América Latina acabam premiados ou punidos pelo eleitorado, mesmo sem influenciar a economia.



AO FATO DE SEREM DOIS PRESIDENTES AZARADOS?

Não tenho dúvida nenhuma. Temos hoje trabalhado na fronteira da psicologia política, lidando com vieses. A dúvida é se as pessoas racionalmente percebem que a economia está melhor e por isso votam no governo ou se é simplesmente uma sensação de bem-estar. Há casos que mostram que situações como vitórias de times, que geram bem-estar, podem gerar apoio ao governo. A primeira vez que apresentei esse trabalho foi no Senado, quando ainda se considerava o Eduardo Campos como candidato. À época, houve um desgosto generalizado, porque, se o resultado da nossa pesquisa fosse válido, Dilma seria reeleita. O PT achava que isso era muito simplista: todo o processo, durante dois governos, atribuído a um cenário internacional favorável? Depois, passou a haver a percepção de que a crise com Dilma tinha ligação direta com a reversão do cenário internacional. Uma associação de investidores em mercados emergentes que eu frequentava analisava que Lula tinha sido extremamente sortudo e Dilma, uma incompetente. A visão dentro do PT é que Lula foi uma liderança única, que conseguiu gerar crescimento econômico com redução de desigualdade social, e Dilma é azarada. Acredito que a verdade esteja no meio: Lula teve muita sorte e Dilma, muito azar. Sobre Temer, não posso falar em azar, porque não foi eleito, ele se colocou naquela posição.

LULA E FERNANDO HENRIQUE CARDOSO FORAM AFORTUNADOS?

Sem dúvida. No segundo mandato de FHC, houve declínio do índice. Mas, no primeiro, ele “surfou na onda” do capital externo entrando na AL. A crise da dívida externa tinha sido solucionada anos antes, os juros nos EUA estavam baixos e a AL voltava a interessar aos investidores estrangeiros. Em tempos ruins, um presidente dificilmente consegue ir melhor do que esperamos dentro do modelo. Nos tempos bons, no Brasil tivemos duas ocasiões nas quais a popularidade dos presidentes foi muito mais alta do que o modelo previa: o primeiro governo de FHC e o segundo de Lula. Dois momentos em que houve grandes ganhos em termos de distribuição de renda, com a estabilização econômica e as políticas ativas de re-

distribuição de renda de Lula. Em tempos bons, os presidentes podem ir ainda melhor quando fazem com que o período bom da economia chegue no eleitorado.No caso de Temer, ou nos próximos dois anos, não há expectativa de subida nos preços de commodities e há expectativa de subida dos juros americanos. Então, não será um cenário favorável. Minha preocupação é que uma série de medidas que estão sendo adotadas hoje com objetivo de aumentar a confiança do mercado não atraíam investimentos. Tenho dificuldade em ver uma retomada na economia como se prometia com a virada do governo Temer.

COMO CRIAR UMA CULTURA POLÍTICA NA POPULAÇÃO PARA QUE ELA CONSIGA ISOLAR OS FATORES EXTERNOS E AVALIAR A REAL ATRIBUIÇÃO DOS GOVERNANTES NO PODER?

Os acadêmicos entendem que o eleitor europeu consegue descontar os movimentos internacionais e identificar a competência de seus governos. A discussão hoje é como o eleitor desenvolve essa intuição: se a mídia é quem provê a informação. Fizemos estudos no Brasil e no Equador para testar a influência da mídia. Estamos analisando os resultados. Chile é um caso à parte. Lá eles criam um “colchão”, com base nas commodities, que protege a economia doméstica dos fluxos internacionais.

AS SOLUÇÕES SERIAM INFORMAÇÃO E UMA POLÍTICA FISCAL QUE TORNE A ECONOMIA MENOS VOLÁTIL?

Exato. A ideia é diminuir a volatilidade da economia e garantir mais informação ao eleitor. Isso faria muita diferença. Aqui no Brasil temos pouca informação econômica sobre outros países. Sobre a América Latina não temos nenhuma. Nas últimas duas décadas, tivemos crescimento menor do que outros da AL, e as pessoas não têm a menor ideia disso. À época da nossa “marolinha”, Guido Mantega dizia que o Brasil estava bem em relação aos EUA e à Europa. No entanto, estávamos bem piores do que o resto da AL. A chave da questão é com quem nos comparamos. E é essencial comparar, porque sem comparação não é possível extrair o sinal de competência do governo.



JEAN GALVÃO ■
OUTUBRO 2017 ■



IDENTIDADE NACIONAL DISTORCIDA

ENTREVISTADORA 
SABINE RIGHETTI 

AUMENTAR A REPRESENTATIVIDADE DOS NEGROS E MUDAR AS MENTALIDADES RACISTA E SEXISTA QUE PERMEIAM A SOCIEDADE SÃO ALGUNS DOS CONCEITOS DIFUNDIDOS PELA FRANCESA **ALEXANDRA LORAS**. MESTRE EM **GESTÃO DE MÍDIA PELA SCIENCES PO**, ELA CONSTATA QUE NO BRASIL, MESMO COM 54% DE NEGROS NA POPULAÇÃO, O RACISMO AINDA ESTÁ PRESENTE NAS RELAÇÕES COTIDIANAS. RADICADA NO PAÍS, ELA AFIRMA ACREDITAR NA EMPATIA DOS BRASILEIROS PARA PROMOVER GRANDES TRANSFORMAÇÕES E FALA SOBRE A NECESSIDADE DA QUEBRA DE ESTEREÓTIPOS PARA ATINGIRMOS UMA CONSCIÊNCIA MAIS HUMANA.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista

VOCÊ COSTUMA DIZER QUE O BRASIL É O PAÍS MAIS RACISTA DO MUNDO. COMO CHEGOU A ESSA CONCLUSÃO?

Porque é o segundo país a ter a maior população mundial de negros, depois da Nigéria [*são negros e pardos 54% dos brasileiros, segundo o IBGE*], mas ligo a TV e não vejo negros como protagonistas nas novelas e nos desenhos animados. E somente 4% dos cargos de liderança são ocupados por negros. O Brasil tem dificuldade de assumir o fato de que foi o último país a assinar a abolição da escravidura. Pagar a uma empregada doméstica um salário mínimo ou constatar que 56% das mulheres negras estão nos cargos de faxineira, para mim, é sinal de que não acabou a escravidão. Faz 128 anos que foi assinada a Lei Áurea, mas ainda há quem trabalhe sem salário, só por lar e a comida. Ao fazer minha tese de mestrado sobre diversidade, percebi que o mundo todo é racista. É o racismo institucional ligado diretamente à herança da escravidão. A começar, a Bíblia traz uma narrativa preconceituosa: brancos e negros tiveram chance de se limpar em uma fonte. Os negros chegaram depois e só conseguiram lavar as palmas dos pés e das mãos. Existem só 3% de loiros verdadeiros, adultos, no planeta. A representatividade do loiro no marketing brasileiro está bem além. Onde estão os negros no marketing? Escuto: “Mulher negra não vende”. Será? Uma pesquisa da Locomotiva mostra que os negros consomem R\$ 1,5 trilhão por ano no Brasil. Então chega de dizer que o negro não vende. Entramos em lojas de brinquedos e vemos apenas duas bonecas negras no meio de milhares de outras. Isso não é racismo velado. É racismo frontal, agressivo e institucional. Não somente a criança negra não se vê representada, como a branca não vai aprender a enxergar o negro além dos papéis de babá, faxineira, saci-pererê, sempre serviçal ou criminoso.

QUAL O CAMINHO PARA MUDAR?

Temos que reequilibrar. Só teremos uma democracia racial e de gênero, uma democracia real, quando tivermos 52% de mulheres e 54% de negros representados no poder.

VOCÊ É FRANCESA, PASSOU POR VÁRIOS PAÍSES, COMO ALEMANHA, ESTADOS UNIDOS ETC. SENTE QUE, NO BRASIL, O RACISMO É MAIS FORTE?

Aqui o negro é maioria, porém, considerado como se fosse minoria. Nos Estados Unidos a população negra é de 13%. Lá, há oito canais de TV que funcionam 24 horas por dia com programas para negros. O mês da consciência negra é estudado em museus e escolas. Os livros didáticos mostram inventores negros – da geladeira, do marca-passo, da antena parabólica, do celular. Você tem referências de pessoas negras inspiradoras. O potencial no Brasil é igual. No entanto, com a inferiorização, o negro perde a oportunidade de colocar a melhor versão dele mesmo a serviço da economia brasileira. No Brasil, muitos (chamados de “carentes”) se organizam para fazer o Carnaval. E tudo funciona impecavelmente. Imagine se essas pessoas estivessem em cargos de liderança? O problema é que o homem branco, que tem a chave do jogo, escolhe outro homem branco para comandar.

CHEGAMOS À DISCUSSÃO DAS COTAS...

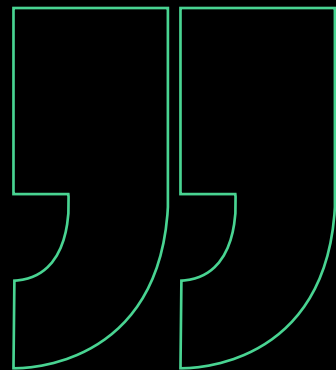
Sem cotas ou uma bolsa de estudos é muito difícil tomar um crédito com 400% de juros por ano para estudar numa boa escola ou ter recursos de empreender. Talvez as cotas sejam a pior solução, mas, infelizmente, são a única. Os Estados Unidos conseguiram reequilibrar a presença dos negros com 30 anos de cotas. A mulher mais rica do país é negra [*Oprah Winfrey*]. Sete entre as dez celebridades americanas mais poderosas são negras. Onde estão a Beyoncé brasileira, o Barack Obama brasileiro? Sem cotas, vamos ter que esperar 200 anos para que as coisas se reequilibrem de maneira orgânica. Se aplicarmos cotas, vai demorar entre 20 e 30 anos. Houve um aumento de 350% de negros formados nas universidades. Estou montando um aplicativo, um LinkedIn para negros. Será um banco de dados com perfis de negros que possam agregar valor às empresas.

APESAR DE SER MAIORIA NO ENSINO SUPERIOR, AS MULHERES AINDA NÃO CHEGAM AO TOPO DAS EMPRESAS. POR QUÊ?

Temos só 6% de mulheres no rol de executivos brasi-



Sem cotas,
vamos ter que
esperar 200
anos para que
as coisas se
reequilibrem.
Com cotas,
serão entre 20
e 30 anos.



leiros, quando elas saem mais diplomadas do que os homens das universidades. É a mesma inferiorização subliminar. Vejo meu filho, de quatro anos, já cheio de preconceitos. “Isso é para menino, aquilo é para menina.” O carrinho, que simboliza aventura, viajar, explorar, é dado ao menino. Por que não damos carrinhos para as meninas? Temos que desconstruir essa narrativa. Entre outras coisas, integrar os homens às tarefas domésticas. Fiz isso com meu marido. Tinha que viajar e deixava meu filho ainda bebê com o pai por 15 dias.

TEMOS ENTÃO QUE QUEBRAR PADRÕES?

Muitos. A solução para mudar os estereótipos começa com a programação infantil da TV. Vamos pedir conteúdo melhor nos desenhos animados. Hoje, temos monstros explodindo, guerras e coisas de princesa, que promovem a aristocracia, criam mágoa e depressão por não achar o príncipe, não se tornar princesa. Precisamos reinventar algo com empatia, compaixão e diversidade em todos os sentidos. E também ver deficiência física nos desenhos e na escola.

VOCÊ ESCOLHEU FICAR NO BRASIL, MESMO COM AS DIFICULDADES, PORQUE A LUTA PRINCIPAL ESTÁ AQUI?

Claro. Não fico no Brasil só porque tem 300 dias de sol, caipirinhas maravilhosas e Carnaval delicioso. Escolhi o País porque aqui ganhei dignidade e respeito, além de palco para verbalizar o que não conseguia no meu próprio país, que tem o lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Questiono o quanto a França ainda é o país dos direitos humanos, e hoje está deixando milhares de refugiados morrerem no Mar Mediterrâneo. A riqueza da França vem da exploração por séculos de países da África. E o Brasil possui uma mentalidade de adolescente rebelde, que questiona, critica e está aberto ao debate, muito mais do que a velha Europa e os Estados Unidos. O curioso é que o brasileiro fala “sou descendente de italiano, de espanhol, de português”, e tem dificuldade em enxergar que o carinho, a abertura, essa inteligência emocional está ligada às ancestralidades indígena e africana.

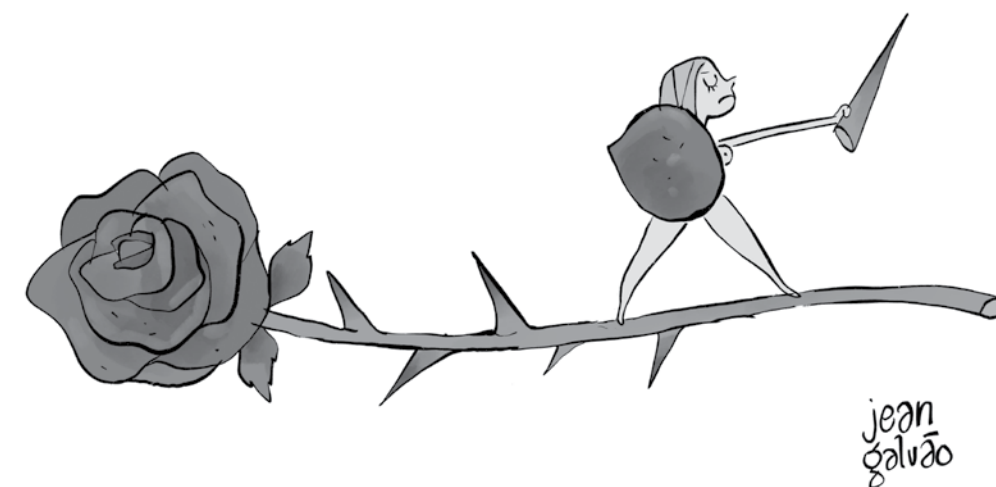
QUERIA QUE VOCÊ FALASSE SOBRE A EXPERIÊNCIA DE SER UMA MULHER NEGRA NO BRASIL.

Em 80% das vezes que chego a Guarulhos, no aeroporto, minha mala é revistada, mesmo apresentando o passaporte diplomático. Se vou a um supermercado, sempre há um segurança atrás de mim. Fui ao Clube Pinheiros e esqueci minha carteirinha. A mulher, na entrada, olhou a lista de babás e perguntou: “Você é a acompanhante dele?”, falando do meu filho. O branco não passa por essa humilhação cotidiana. Estudei na maior escola mundial de Ciências Políticas, a Sciences Po, pela qual passaram vários presidentes da França. Quando quis trabalhar na TV, só me ofereceram cargos no entretenimento, papéis da mulher negra. Mas o Brasil está me dando oportunidade de criar projetos. Fiz com Carlos Machado um livro sobre inventores negros. Temos que fazer o mundo enxergar que a escravidão foi um crime contra a humanidade. O Brasil ainda não reconhece, tampouco a Unesco. O Atlântico é o maior cemitério a céu aberto do planeta. Para ter 15 milhões de escravos nas Américas, morreram cinco a seis vezes esse número no mar. E ainda não falamos em genocídio. Estou desenvolvendo, com o Henrique Steiner, uma exposição que vai se chamar *What if*. Para inverter o papel, colocamos a Marilyn Monroe como negra, o Adolf Hitler como negro, grandes personalidades como negros. Imagine um mundo no qual filósofos, autores, revolucionários, políticos, todos, fossem negros. Como seria enxergar na novela a mulher branca como faxineira, o homem branco como criminoso, a mulher branca hiperssexualizada. Como seria criar seus filhos numa sociedade que inferioriza o branco e o coloca no papel de serviçal ou criminoso? A única coisa que você sabe é que os brancos foram escravos.

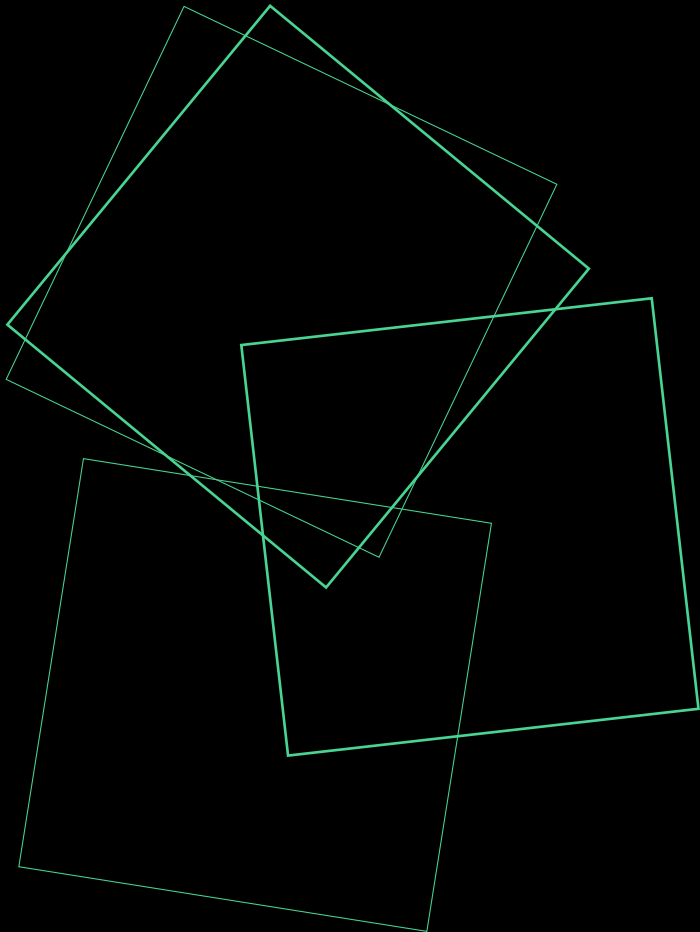
SERIA MUITO DIFÍCIL...

Precisamos enxergar o problema. Acredito muito no Brasil. Com a maioria negra, podemos influenciar uma nova era de diversidade, de entendimento. E confio no brasileiro, que com essa abertura de mentalidade possa reinventar um mundo mais justo.

dia internacional
da Mulher



JEAN GALVÃO ■■■
MARÇO 2017 ■■■



VIOLÊNCIA GERA VIOLÊNCIA

ENTREVISTADOR [REDACTED]
FERNANDO SACCO [REDACTED]

JOSÉ MARIANO BELTRAME,
MAIS LONGEVO SECRETÁRIO DE
SEGURANÇA PÚBLICA DO RIO DE
JANEIRO, FICOU NO CARGO POR
DEZ ANOS – DE 2006 A 2016. SOB
SUA ADMINISTRAÇÃO, O ÍNDICE
DE HOMICÍDIOS NO ESTADO CAIU
DE 40 PARA 20 A CADA 100 MIL
HABITANTES. CONTRA O PORTE DE
ARMAS, ELE DEFENDE UMA SOLUÇÃO
FEDERALISTA PARA A SEGURANÇA,
COM AJUDA DO EXÉRCITO. E DIZ
QUE A SOLUÇÃO PARA APAZIGUAR
OS MORROS CARIOCAS INCLUI,
ALÉM DA POLÍCIA, ESCOLA, SAÚDE,
PROSPERIDADE E CIDADANIA.
A ENTREVISTA INTEGRA A SÉRIE
“DIÁLOGOS QUE CONECTAM”,
REALIZADA EM PARCERIA COM O
BRAZIL CONFERENCE – EVENTO
REALIZADO POR ALUNOS
BRASILEIROS DA HARVARD
UNIVERSITY E DO MASSACHUSETTS
INSTITUTE OF TECHNOLOGY (MIT).



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

COMO, EM UM PAÍS COM 60 MIL HOMICÍDIOS POR ANO, SEGURANÇA PÚBLICA NÃO É TEMA DE PRIMEIRA NECESSIDADE?

O tema não é prioridade para o Brasil. Se fosse, nós não atingiríamos a cifra absurda de 60 mil pessoas assassinadas por ano no País. Fazendo um paralelo com as Torres Gêmeas: nos Estados Unidos aconteceu esse desastre que deixou o mundo inteiro perplexo [*morreram 2.996 pessoas no ataque de 11 de setembro*]. No Brasil, são 20 vezes mais. O governo federal segue dizendo que, constitucionalmente, não é sua responsabilidade. Os Estados não têm condições financeiras de prover. Segurança pública é o primeiro dos direitos do cidadão, porque sem ela a saúde não chega, a educação não avança, o desenvolvimento econômico não deslança.

É POSSÍVEL TER TRANSPARÊNCIA NA SEGURANÇA?

Tudo o que fizemos está disponível online de maneira objetiva e clara, com medição de homicídios, letalidade policial, tudo. Os dados estão no site www.isp.rj.gov.br e podem ser consultados 24 horas, 365 dias por ano. A maioria dos Estados não tem isso.

O SENHOR ACREDITA QUE A POLÍCIA SE AFASTOU DA SOCIEDADE OU VICE-VERSA?

Os dois. As polícias se entrelaçaram com a ditadura militar, com o golpe de 1964. Alguns militares praticavam barbáries, e junto havia um sargento da PM, um investigador. Quando as Forças Armadas saíram do processo autoritário, a polícia ficou com uma referência ruim. Em certa época no Rio, foi instituída a chamada “gratificação faroeste”, um pagamento em dinheiro aos policiais que mais matavam. Assim, a sociedade continua a ver a polícia com estranheza. Nos morros do Rio, muitas vezes os moradores eram obrigados a esconder traficantes. Com as UPPs [*unidades de polícia pacificadora*], começamos a mudar essa cultura. Mas a mudança só acontece de verdade com ações cotidianas que criam um círculo virtuoso de confiança lado a lado.

O SENHOR DEFENDE O FEDERALISMO NA QUESTÃO DA SEGURANÇA PÚBLICA?

Sim. Não só na questão da segurança. Mas o Brasil é um país imenso. Com 16 mil quilômetros de fronteira seca, 9 mil de fronteira marítima, uma floresta que cobre grande parte do território, a política pública de saúde ou educação que dá certo no Amapá pode não funcionar no Rio Grande do Sul. É preciso fazer ajustes para chegar a êxitos em soluções federalistas.

UMA DAS BANCADAS QUE SE CONSAGRARAM NO CONGRESSO É A “BBB” (BOI, BÍBLIA E BALA)...

Deveríamos ter pessoas dentro do Congresso para fazer o contraponto. As pessoas acham que andar com arma vai resolver. Não. Você pode estar abraçado a uma arma de grosso calibre, mas se alguém lhe encosta um canivete nas costas, você fica neutralizado.

A CULTURA DAS ARMAS.

São forças poderosas. Um exemplo: quando ocupamos o Alemão, apreendemos uma pilha de armas e buscamos a origem delas. Muitas eram de fabricação americana. Os Estados Unidos responderam para quem venderam? Não.

FECHAR A FRONTEIRA É IMPOSSÍVEL?

É preciso tentar controlar a fronteira. No Brasil, a sociedade está perplexa. Então temos que aproveitar a perplexidade para agir. O pior cenário é ficar parado e calado.

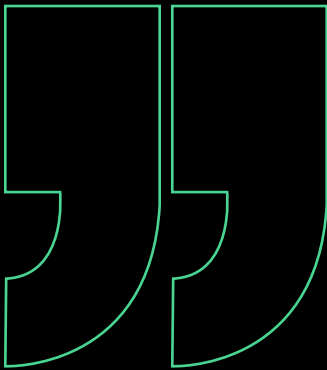
FALTA DEBATE NA SEGURANÇA PÚBLICA?

Há muita política imediatista e oportunista. Precisamos de políticas que se estendam, independentemente de quem estiver à frente delas. Por meio de núcleos organizados da sociedade, da própria universidade, podemos desenvolver os temas e chegar a conclusões.

COMO VÊ A INTERVENÇÃO DO EXÉRCITO NA SEGURANÇA?

Em tese, não é o papel deles. Por outro lado, temos logística, massa de efetivo, bases militares espalhadas por todo o Brasil. Eles poderiam entrar na questão da fronteira. Sim,

Segurança pública
é o primeiro dos
direitos, porque sem
ela nada prospera.
A saúde não
chega, a educação
não avança.





tem a Constituição. Quando querem, mudam a Constituição de madrugada. Poderíamos fazer um entendimento com objetivos mensuráveis. Ademais, ninguém sabe o que acontece dentro dos quartéis. Não é desconfiança, apenas transparência para o século 21. É preciso discutir.

QUERIA FALAR UM POUCO SOBRE CRIME ORGANIZADO.

Para mim, o crime organizado está na esfera de comando: aquelas pessoas que, com meia dúzia de cliques no computador, mandam milhões para fora do País, deixando de fazer escola, tirando dinheiro da saúde, da segurança. O crime organizado está nos clientes da Lava Jato. Diria que o tráfico de drogas no Brasil, para a nossa sorte, ainda é um pouco desorganizado. A única exceção seria o PCC paulista, cujo carro-chefe é o dinheiro: assalto a banco, a carro-forte, explosões de caixas eletrônicos. Levaram R\$ 60 milhões naquele assalto no Nordeste.

ESTAMOS SABENDO COMBATER A PARTICIPAÇÃO DE MENORES DE IDADE NO CRIME?

Não. Vem o debate sobre o sistema penitenciário: recupera ou não o preso? O Estado não sabe ou não quer fazer nada? Com o menor, o mesmo. É preciso ter um plano, uma perspectiva para o menor.

ENQUANTO SECRETÁRIO, O SENHOR PROPÔS UMA ESPÉCIE DE LABORATÓRIO NA VILA KELSON, NO RIO DE JANEIRO...

Sim. Acho que o problema da violência você resolve com escola, saúde, prosperidade, cidadania. É o que propus lá. A polícia entra, faz seu papel, e depois vem a retaguarda, trazendo moradias dignas, iluminação pública, telefonia, acessibilidade. Antes das UPPs, diziam: “Quero fazer uma escola lá, mas o tráfico não deixa”. O mesmo com hospital, creche etc. O empecilho era o tráfico. A polícia entrou e disse: “Venham, agora façam”. Era a hora de pagar a dívida que tinham com a comunidade há 50 anos, 60 anos. Só que isso não aconteceu. Aquilo é a chamada “vaca sagrada”. Político nenhum quer se meter. São grupos eleitorais. Ninguém quer mexer.

QUAIS OS CAMINHOS PARA A SEGURANÇA PÚBLICA?

O que fizemos no Rio de Janeiro não é a solução absoluta, mas demonstra que é possível melhorar. Saímos de 40 homicídios por 100 mil e chegamos a 20. Agora precisamos do que chamei de “retaguarda”. A polícia é somente um elo de uma corrente chamada “segurança pública”. Assim como a política de saúde, se atuarmos na prevenção, teremos menos gente no hospital.

QUEBRADO COMO ESTÁ, O RIO DE JANEIRO AINDA CONSEGUE SER ESTADO PARA AS PESSOAS?

Nós oportunizamos isso há oito anos. O Estado errou muito em deixar essas pessoas se instalarem onde bem entendiam. A sociedade foi tolerante em ver e não se manifestar.

DO QUE O SENHOR TEM ORGULHO NO BRASIL HOJE?

Da capacidade que o brasileiro tem de lutar. Trabalhei dez anos na Central do Brasil. Vi um povo que acorda às 4h, pega dois trens, ônibus, e faz as coisas.

DO QUE MENOS TEM ORGULHO?

Da corrupção brasileira, que veio para cá junto com a descoberta deste País. Mas sou otimista. Um homem que mandava no Brasil, o Eduardo Cunha, está preso, condenado e com quatro processos.

O PRÓPRIO CABRAL TAMBÉM, QUE ERA GOVERNADOR...

Para mim é muito triste. Ele foi uma pessoa que me deu condição de trabalhar. Mas era ele lá e eu cá. Ficava dez, 15 dias sem falar com ele. Não acompanhava sua vida social.

O SENHOR VOLTARIA PARA A VIDA PÚBLICA?

Não. Já tinha combinado que, depois das Olimpíadas, sairia. Vou procurar novos horizontes, desafios, relacionamentos diferentes, outros lugares.

ADÃO ITURRUSGARAI ■■■
MAIO 2016 ■■■

SEGURANÇA PÚBLICA...



EDUCAÇÃO E
EMPREENDEDORISMO

ENTREVISTADOR 
ANDRÉ ROCHA 

FUNDADOR DA REDE DE ESCOLAS
DE IDIOMA WISE UP, O EMPRESÁRIO

FLÁVIO AUGUSTO DA SILVA FALA
SOBRE AS BARREIRAS PARA SE
EMPREENDER NO BRASIL. PARA
ELE, O MERCADO BRASILEIRO
TEM FORTE POTENCIAL PARA
NEGÓCIOS, MAS É LIMITADO
PELA CULTURA DA DEPENDÊNCIA
DO ESTADO. A ENTREVISTA FAZ
PARTE DA SÉRIE “DIÁLOGOS QUE
CONECTAM”, REALIZADA PELO
UM BRASIL EM PARCERIA COM O
BRAZIL CONFERENCE – EVENTO
REALIZADO ANUALMENTE POR
ALUNOS BRASILEIROS DA HARVARD
UNIVERSITY E DO MASSACHUSETTS
INSTITUTE OF TECHNOLOGY (MIT).



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

DIANTE DA BUROCRACIA NA RELAÇÃO ENTRE AS ESFERAS PÚBLICA E PRIVADA, VALE A PENA SER EMPREENDEDOR NO BRASIL?

Sim. Afirmo isso com base na minha experiência de 20 anos empreendendo no Brasil, na experiência de ajudar pessoas a empreender, afinal, nós temos centenas de franquias, novos empreendedores que treinamos e ajudamos a empreender e pessoas que têm bons resultados. A ressalva é que vale a pena, apesar de vários fatores, entre eles, a burocracia. Parece que a máquina pública ignora o fato de que empreendedores de micro e pequeno portes são responsáveis por 70% da geração de emprego no País. O maior empregador no Brasil não é o Estado, não são as grandes multinacionais, mas sim esses empresários. Apesar da complexa estrutura tributária e das leis trabalhistas arcaicas onerarem bastante não apenas o empresário, mas o próprio trabalhador, que, no fim das contas, fica com 15% do valor que ele gerou, enquanto 85% foram para a estrutura de INSS, para o próprio governo, em forma de impostos. Apesar de tudo isso, o Brasil é um mercado consumidor ávido por produtos de qualidade, que tem gente talentosa disponível e a fim de mudar de vida.

VOCÊ CONSEGUE DIMENSIONAR QUANTO A LEGISLAÇÃO TRABALHISTA ATRAPALHA OS NEGÓCIOS NO BRASIL?

Empreender no Brasil não é para amadores. É como ter que sobreviver em uma selva onde as regras da sobrevivência são desconhecidas para quem mora num ambiente urbano civilizado. Apesar disso, a gente aprende a lidar. Infelizmente, o que muita gente tem bastante dificuldade de entender é que quem é penalizado [com a legislação prévia à aprovação da Reforma Trabalhista] é o trabalhador. Ele tem alguns direitos que o protegem, mas o décimo terceiro, por exemplo, no fundo, são 12 salários diluídos em 13, é o contrário, o trabalhador está emprestando o dinheiro para o patrão, sem juros, pago no fim do ano. O fundo de garantia, acredita-se também que é um direito, mas no fundo é o contrário, é um empréstimo compulsório feito para o governo, remunerado abaixo da inflação, ao qual ele não tem acesso quando precisa. E toda contribuição previdenciária de

INSS vai por água abaixo quando as regras da própria Previdência vão mudar toda hora porque a conta não fecha. O problema é que a população está envelhecendo a cada ano que passa, logo você vai ter uma quantidade menor de jovens economicamente ativos trabalhando. E o pior: não tem a contrapartida que deveria ter, tem que pagar uma escola privada, plano de saúde. Na realidade, todo sistema patrocinado pelo Estado sequestra o trabalhador e ele fica refém desse sistema.

FALTA UM ENVOLVIMENTO MAIOR DA SOCIEDADE BRASILEIRA, INCLUSIVE DO EMPRESARIADO, NA BUSCA DE SOLUÇÕES?

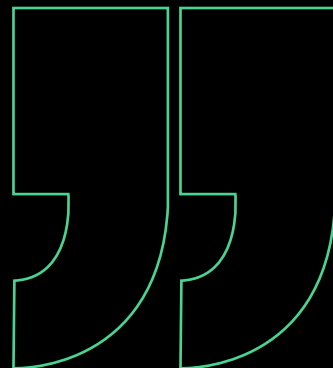
O que o empresário pode fazer é procurar se envolver mais no sentido de tentar mudar as regras do jogo e ter uma visão um pouquinho mais ampla do que limitada em defender os seus próprios interesses. Em uma sociedade em que as pessoas ganham mais dinheiro, o empresário vai ganhar mais ainda vendendo mais produtos. Eu acho que essa visão classista contaminou também o empresariado, “eu represento a classe dos empresários”. O cara tem que representar a classe dos brasileiros, entender que quanto mais a nossa economia se desenvolver, melhor. As pessoas devem ser desoneradas pelo Estado, que deve se ocupar apenas de governar, e não querer ter empresas ou ficar intervindo de uma maneira nociva no mercado. O maior prejudicado pela CLT não é o empresário, é o empregado.

COMO EMPREENDEDOR DA ÁREA DE EDUCAÇÃO, COMO VOCÊ AVALIA O ENSINO NO BRASIL?

Acho um desastre. As empresas cada vez mais têm dificuldade de ocupar as vagas e, ao mesmo tempo, tem muita gente desempregada, porque, infelizmente, o sistema de ensino não prepara as pessoas para o mundo real. As pessoas chegam sem saber falar em público, sem saber escrever uma redação, sem saber falar inglês. Passam 12 anos sentados na cadeira da escola do ensino fundamental, do ensino médio e saem sem falar inglês. Algumas empresas, como a minha, aproveitam-se desse fato para vender um produto que é um curso de inglês. Minha empresa só existe porque a escola é incompetente. As pessoas saem do



Todo sistema patrocinado pelo Estado sequestra o trabalhador, e ele fica refém desse sistema.



sistema de ensino sem ter noções mínimas de educação financeira. Então, as empresas, cada vez mais, têm optado por fazer a própria formação, e tem que peneirar bem para encontrar alguém com algum preparo.

COMO VOCÊ VÊ O OBJETIVO DO JOVEM QUE ESTÁ PRESTES A ENTRAR NO MERCADO DE TRABALHO?

Já houve um período em que mais de 18 milhões de jovens se preparavam para fazer concurso público. Não tenho nada contra o serviço público, acho que é importante existir pessoas capacitadas. Mas quando é demais, começa a existir a cultura do funcionalismo público, da dependência do Estado, da busca pela estabilidade. As pessoas estão trocando a realização dos seus sonhos, dos seus projetos, pela garantia de não ser mandado embora. Acredito que isso é pensar muito pequeno. Fico imaginando se o Bill Gates tivesse sido funcionário público em vez de ter criado a Microsoft. Pessoas que em vez de terem aberto um negócio na garagem, como acontece muito aqui nos Estados Unidos, tivessem buscado simplesmente trabalhar no serviço público para não perder o emprego. O oposto disso é o apetite pelo risco, que é outra cultura. Para um país resolver o problema do desemprego e se desenvolver, precisa de mais gente pensando e querendo vencer. As pessoas muitas vezes têm a impressão de que precisam do ambiente econômico perfeito, o ambiente político perfeito. E não é verdade, tem gente fracassando na Noruega, tem gente fracassando nos Estados Unidos. E tem gente vencendo na África, no Brasil, em ambientes muito menos favoráveis.

SOBRE O SEU INVESTIMENTO NO TIME DE FUTEBOL ORLANDO CITY, DOS ESTADOS UNIDOS, QUAL É SUA VISÃO DE EMPRESÁRIO BRASILEIRO DE SOCCER?

Empreender em futebol no Brasil é uma atividade muito mais política do que empresarial. Os clubes são entidades sem fins lucrativos pelas quais circulam centenas de milhões de reais. Nem que eu quisesse investir seria possível. Não posso ser dono de um clube do Brasil, não posso ser acionista, o modelo lá não permite. Nos Estados Unidos, se um clube tiver alguma dívida, eu respondo com meu patrimônio pessoal. No Brasil, se

um presidente deixar cem milhões em dívidas, a bomba vai explodir na mão de outro que assumir. As decisões que tomo, do ponto de vista financeiro, respondo por elas. Não é por acaso que as dívidas são bilionárias nos clubes brasileiros. Ao mesmo tempo, é um negócio que tem impacto na comunidade, porque a gente tem uma média de mais de 30 mil torcedores por jogo nos últimos anos, maior que no Brasil. Nós somos a segunda maior média de público dos Estados Unidos. Acho que política é política, negócio é negócio. Quando você mistura, não pode dar uma coisa que preste.

O QUE ACHA DA POLARIZAÇÃO QUE O BRASIL ESTÁ VIVENDO?

No mundo inteiro está acontecendo essa polarização. Trump e Hillary foram uma grande polarização, uma ruptura que, até hoje, é possível enxergar na sociedade. Na França, as eleições giraram em torno da questão de refugiados. No Brasil, a coisa também está acontecendo dessa forma. As pessoas estão bastante divididas, não existe uma união em prol da construção do País. Quando a coisa chega a esse ponto, a conciliação é absolutamente necessária. Eu não gosto de salvadores da pátria, mas uma liderança inspira tanto o ódio quanto a união. Essa confusão que o Brasil está passando é muito cara, sai bastante cara e vai levar bastante tempo, mas eu acredito que vai passar.

HOJE, O QUE MAIS DECEPCIONA VOCÊ NO BRASIL E O QUE MAIS DÁ ORGULHO?

O que mais me decepciona no Brasil é essa desunião das pessoas, esse abandono da racionalidade em prol do partidarismo, essa defesa cega de uma bandeira ou ideologia. A saída não é por aí. E o que mais me dá orgulho é saber que tem pessoas que querem construir um país, que ainda acreditam no Brasil. São mais de 200 milhões de pessoas acreditando e querendo que o Brasil seja aquele tal “país do futuro”. Que um dia esse futuro chegue.

CACO GALHARDO ■
AGOSTO 2017 ■



ÉTICA, JUSTIÇA E DEMOCRACIA NO BRASIL

DEBATEDORES 
GUILHERME BAROLI 
RENAN FERREIRINHA 

PROFESSOR DE FILOSOFIA POLÍTICA
DA UNIVERSIDADE HARVARD, **MICHAEL
SANDEL** FALA SOBRE SEU BEST-SELLER
JUSTIÇA, EM QUE DEBATE “O QUE É
FAZER A COISA CERTA?” NO DIA A DIA
DO CIDADÃO COMUM. AO ANALISAR
A CRISE DE REPRESENTATIVIDADE
NO MUNDO DEMOCRÁTICO E A
SITUAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA,
ELE ALERTA CONTRA OS RISCOS
DOS DISCURSOS EXTREMISTAS.
SANDEL ESTEVE NO BRASIL, ONDE
PARTICIPOU DE UM DEBATE SOBRE
O “JEITINHO BRASILEIRO” NO
PROGRAMA *CALDEIRÃO DO HUCK*,
DA TV GLOBO. A ENTREVISTA, QUE
TEVE A PARTICIPAÇÃO DE RENAN
FERREIRINHA, COFUNDADOR DO
MAPA EDUCAÇÃO E ESTUDANTE
DE ECONOMIA EM HARVARD, FAZ
PARTE DA SÉRIE “DIÁLOGOS QUE
CONECTAM”, REALIZADA EM PARCERIA
COM O BRAZIL CONFERENCE.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

SEU LIVRO *JUSTIÇA* É UM BEST-SELLER COM MAIS DE 100 MIL EXEMPLARES VENDIDOS APENAS NO BRASIL. A SOCIEDADE ESTÁ MAIS ABERTA PARA DISCUTIR ÉTICA E DEMOCRACIA?

Isso é particularmente verdade no Brasil, onde houve, nos anos recentes, demonstrações públicas sobre corrupção e sobre o futuro da democracia. Cada vez que visito o Brasil, noto que as gerações mais jovens estão famintas por abordar grandes questões de valores e justiça. Apesar de ser um livro sobre filosofia política e ética, meu objetivo foi escrevê-lo de maneira acessível aos cidadãos comuns. Faço isso oferecendo exemplos de dilemas éticos que todos nós enfrentamos no dia a dia, de forma a convidar as pessoas a refletir.

VOCÊ CONHECE FACETAS DIFERENTES DO PAÍS... QUAL A SUA IMPRESSÃO?

A oportunidade de alcançar tantas pessoas no Brasil, com o programa do Luciano Huck, foi especial para conectar essas questões filosóficas com a vida cotidiana. Tivemos um grupo de pessoas de todas as origens econômicas e sociais reunidas em um estúdio. Debates sobre se haveria uma conexão entre as questões éticas do dia a dia e as grandes questões nos negócios e na política, e o desafio da corrupção. Fiquei profundamente impressionado porque iam de professores e advogados a faxineiros e cozinheiros, e juntos tivemos uma discussão séria sobre grandes questões éticas e democracia no Brasil. E também ir a uma favela e conhecer líderes comunitários com quem conversei sobre cidadania e democracia, justiça e injustiça, violência. Eles foram muito eloquentes, apaixonados e articulados sobre como concebem ação cidadã, o que podem fazer para fazer do mundo um lugar melhor e lidar com o problema da violência em suas comunidades. Já na Suprema Corte foi uma audiência muito diferente, mas o Judiciário tem sido um grande herói nos recentes acontecimentos, afirmando sua independência e impondo os valores do Estado de Direito e da democracia. Eu me sinto mais um estudante do que um professor, realmente aprendendo com esses encontros com as diferentes partes da sociedade e da política brasileira.

TODO CONCEITO DE JUSTIÇA DEVE SER DISCUTIDO A PARTIR DE VISÕES DIFERENTES. SERIA POSSÍVEL ESTABELECE ALGUM TIPO DE CONSENSO?

O que pode ser consensual é a deliberação pública, para que todos os cidadãos tenham a oportunidade de expor seus argumentos e defender suas visões sobre o que deve acontecer na política, em suas comunidades e na economia. As democracias ao redor do mundo enfrentam hoje a questão de como dar aos cidadãos uma participação significativa. Em muitas democracias, o que vemos é uma revolta contra elites e partidos políticos estabelecidos, baseada no sentimento de que eles falharam em oferecer alternativas. Vimos isso na recente eleição americana e na Europa, onde os cidadãos estão frustrados com a política. Eles não acham que a democracia está funcionando bem e estão buscando caminhos para ter um discurso público melhor.

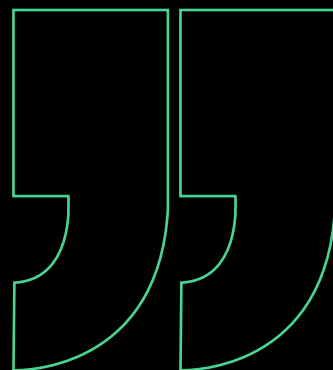
RENAN FERREIRINHA – Como o professor vinha dizendo, muitas coisas estão apontando em nível global a demanda por um sistema mais democrático, não apenas no Brasil ou nos Estados Unidos. Vemos isso na Europa Ocidental e em muitos países em desenvolvimento. O Brasil é uma democracia muito recente. Ainda temos que desenvolver e fortalecer nossas instituições. Estamos nos esforçando em muitos aspectos. Quando se fala dos Estados Unidos, eles estão aqui desde 1776, com uma Constituição que foi escrita alguns anos depois e que permanece até hoje com poucas mudanças, são uma democracia mais madura. E mesmo nessas democracias mais maduras, algumas coisas podem acontecer, como no ano passado, que surpreendeu muita gente [*esta entrevista foi realizada em 2017*].

A MELHOR PARTE DA DEMOCRACIA É QUE TEMOS O DIREITO DE EXPRESSAR NOSSAS OPINIÕES. NÃO É DIFÍCIL SE MANTER IMPARCIAL DIANTE DE TANTOS DILEMAS?

O livro não diz às pessoas como ou o que pensar, mas provoca por meio de perguntas e dilemas que enfrentamos nas vidas pública e privada. Mesmo para um grupo grande de estudantes em um auditório, eu não



Sócrates nunca
lecionava, ele nem
sequer escreveu
um livro, ele vagava
pelas ruas de
Atenas engajando
pessoas comuns em
discussões e diálogos
sobre os conceitos
e valores delas.



apenas leciono, mas faço perguntas e os convido a dar suas opiniões e responder uns aos outros, e discordar do que eu disse e, então, a conectar as visões deles com o que os grandes filósofos do passado escreveram. Sócrates nunca lecionava, ele vagava pelas ruas de Atenas engajando pessoas comuns em discussões e diálogos sobre os conceitos e valores delas. Eu admiro o exemplo dele. Algumas pessoas acham que a filosofia reside nas nuvens, bem acima do mundo em que vivemos, mas eu acho que o lugar da filosofia é nas cidades, onde cidadãos se reúnem, discutem e debatem como moldar suas vidas juntos. É assim que a filosofia pode contribuir melhor para a democracia e a deliberação sobre o bem comum.

VOCÊ ENSINA O SIGNIFICADO DE JUSTIÇA ANALISANDO TRÊS IDEIAS: BEM-ESTAR, LIBERDADE E VIRTUDE. PODE NOS FALAR SOBRE ELAS?

Algumas pessoas pensam que justiça é apenas uma soma de preferências e interesses pessoais, essa é a ideia utilitarista. Justiça significa mais felicidade para o maior número possível de indivíduos, e isso parece bastante atraente até você pensar que, por vezes, implica violar os direitos de outras pessoas. Por exemplo, os romanos, que jogavam cristãos aos leões por esporte. Se houver torcedores romanos suficientes no Coliseu que sentem prazer em ver esse espetáculo, a filosofia utilitarista pode dizer: “Então, isso é justo”. E os direitos e a dignidade humana das minorias, cujos direitos estão sendo violados? Isso sugere a segunda ideia de justiça que significaria o respeito à dignidade humana, aos direitos individuais e à liberdade das pessoas decidirem que tipo de vida desejam. É possível definir os direitos das pessoas sem ter alguma concepção sobre o que seria uma boa vida? E isso leva à terceira ideia, de que a justiça se relaciona à virtude, à boa vida. Essa é a visão que considero o elemento necessário para qualquer definição adequada de justiça, porque eu não acredito que seja possível definir “um bem comum” ou “direitos individuais” sem que se pergunte o que é uma boa vida, o que significa viver juntos, desenvolver um bom caráter e se preocupar com o bem comum.

JUSTIÇA, DIREITOS, OBRIGAÇÕES, CONSENSO, HONRA, VIRTUDE, MORAL E LEI: SÃO IDEIAS BEM ANTIGAS, MAS QUE AINDA NOS DESAFIAM, NÃO ACHA?

Às vezes, temos dificuldades com essas grandes questões e nos perguntamos: se aqueles famosos filósofos, por 2 mil anos, não conseguiram chegar a uma única resposta definitiva, como podemos esperar fazê-lo? A filosofia, às vezes, parece impossível, mas também inevitável, porque nós precisamos de respostas para essas perguntas todos os dias. Cada vez que tomamos decisões, estamos afirmando uma concepção ou outra de direitos, democracia, a melhor maneira de viver. Meu projeto é encorajar cidadãos em sociedades democráticas a se engajarem em um discurso público moralmente mais robusto do que aquele com o que nos acostumamos. Não porque chegaremos todos a um acordo, mas porque eu acho que isso fará de nós cidadãos democráticos melhores.

VOCÊ DARIA ALGUM CONSELHO AOS BRASILEIROS QUE ENFRENTAM A ATUAL CRISE?

Um dos grandes atributos do Brasil é um espírito de abundância de recursos, energia e paixão. Hoje eu vejo muito dessa paixão direcionada ao aprofundamento da democracia, a jovem democracia. Mas acho que é importante olhar o mundo para observar os erros de algumas sociedades democráticas na direção de soluções extremistas, nascidas de raivas e ressentimentos e tentar resistir a isso no Brasil. Tentar criar um tipo de debate forte entre os cidadãos para que o Brasil não seja vítima de soluções raivosas e extremistas que vemos brotar em algumas sociedades democráticas pelo mundo. Eu espero e acredito que o Brasil seja capaz de vencer esse desafio. O sucesso do futuro democrático no Brasil dependerá especialmente das gerações mais jovens, que se importam com o futuro da democracia, que se orgulham das conquistas do País.



JEAN GALVÃO ■■■
MAIO 2017 ■■■

CRISE DA DEMOCRACIA EXIGE DIÁLOGO E RENOVAÇÃO

ENTREVISTADOR 
JAMIL ASSIS 

A CRISE BRASILEIRA É UMA OPORTUNIDADE PARA QUE O PAÍS PROMOVA AS REFORMAS NECESSÁRIAS E “ATINJA O POTENCIAL QUE TODOS SABEM QUE TEM”. ESSA É UMA DAS FORMULAÇÕES DO PROFESSOR E PESQUISADOR DA UNIVERSIDADE STANFORD, **LARRY DIAMOND**. ELE ANALISA O ATUAL PERÍODO DE TURBULÊNCIA NO MUNDO DEMOCRÁTICO, MARCADO POR FALTA DE REPRESENTATIVIDADE DOS PARTIDOS, ATIVISMO DO JUDICIÁRIO E POLARIZAÇÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS. A ENTREVISTA FOI REALIZADA EM PARCERIA COM O INSTITUTO ATUAÇÃO.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

NOS ESTADOS UNIDOS, APENAS UM TERÇO DOS MILLENIALS CONSIDERAM ESSENCIAL VIVER EM UMA DEMOCRACIA. TAMBÉM NO BRASIL, COMO EM MUITAS PARTES DO MUNDO DEMOCRÁTICO, VEMOS UMA PROFUNDA INSATISFAÇÃO COM A POLÍTICA. COMO VOCÊ VÊ O FUTURO DA DEMOCRACIA NO MUNDO?

Primeiro, precisamos compreender esses dados com mais cuidado e precisão do que eles são apresentados. A pesquisa pede para as pessoas classificarem o quão importante é a democracia em uma escala de zero a dez. A redução vista é na parcela das pessoas respondendo “dez”. Houve uma redução drástica, mas não significa que os jovens não queiram mais viver numa democracia, apenas que eles têm mais dúvidas do que anteriormente. Reflete o mau desempenho da democracia, de ser um canal de polarização e de performance disfuncional e decepcionante. Reflete uma tendência de crescente dúvida sobre a democracia em alguns círculos, alguma incerteza. Reflete um aumento de disposição em considerar alternativas autoritárias, o que é maior em algumas sociedades do que em outras. Mas em nenhum desses países vemos algo próximo de uma maioria ou uma pluralidade de cidadãos dizendo que seria melhor ter um regime autoritário. Isso impõe desafios que a democracia terá de enfrentar, como fez no passado.

NA SUA AVALIAÇÃO, A REJEIÇÃO NÃO SE REFERE À DEMOCRACIA EM SI, MAS A ALGUM ASPECTO ESPECÍFICO DELA, OU A ALGUM TIPO INDESEJADO DE DEMOCRACIA?

Houve uma erosão da total falta de questionamento e do apoio incondicional à democracia. Isso é um alerta de que não devemos tomar a democracia por garantida, de que não podemos contar para sempre com o desejo de não viver sob um regime autoritário. A hipótese de Churchill, de que “a democracia é a pior forma de governo, exceto por todas as outras”, já não garante comprometimento no longo prazo. Não basta que a democracia seja menos indesejada, ela deve oferecer uma alternativa positiva às pessoas, uma alternativa que funcione. É um desafio em dois sentidos: aos políticos democráticos, à sociedade civil, aos pensadores e aos

formuladores democráticos para que reflitam sobre como reformar e revigorar a democracia para que ela funcione melhor. E é um desafio para a sociedade civil, sistema educacional e líderes religiosos, morais e filosóficos, para que eduquem para a democracia, e para renovar, a cada geração, uma profunda ligação com a democracia. Por isso, a educação cívica é tarefa tão importante para cada nova geração, porque não podemos presumir que os valores democráticos serão transmitidos para a próxima geração automaticamente.

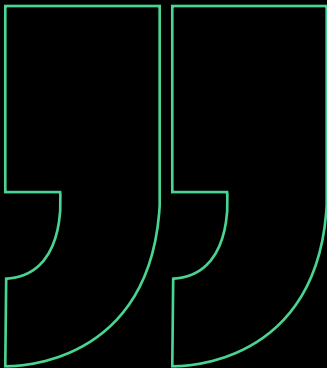
DE QUE MANEIRA A DEMOCRACIA PODERIA RECUPERAR CREDIBILIDADE COM OS JOVENS?

O mais importante é mostrar que a democracia pode, no longo prazo, assim como no passado, dar respostas às preocupações, aos temores e às ansiedades das pessoas, como a globalização, a queda do crescimento econômico, a justiça social, a distribuição de renda. Que o resultado de políticas sociais, com o tempo, pode ser fiscalmente sustentável, socialmente justo, e pode recriar uma economia decente e dinâmica. No longo prazo isso é indispensável. Ela precisa também demonstrar que pode funcionar no curto prazo para produzir políticas públicas, e que o Congresso é capaz de chegar a algum acordo, colocando de lado o partidarismo intenso. Políticos precisam mostrar um certo grau de civilidade uns com os outros e respeito pelas regras do jogo. E as pessoas precisam ver que a política não está afundada em corrupção e interesses individuais. E que o sistema Judiciário, combinado à sociedade civil e à mídia, é capaz de conter a corrupção, de punir os corruptos e de criar um padrão de política e governança mais transparente e honesto.

COMO OS PARTIDOS PODEM SE ADAPTAR À CRESCENTE DEMANDA POR UMA POLÍTICA MAIS REPRESENTATIVA?

Vivemos em uma era de profunda contradição democrática, mas nenhuma é tão evidente quanto a dos partidos políticos. Realmente, não existe uma maneira de estruturar uma democracia de larga escala decentemente funcional sem partidos políticos. Eles recrutam

O resultado de políticas sociais, com o tempo, pode ser fiscalmente sustentável, socialmente justo, e pode recriar uma economia decente e dinâmica.





candidatos, formulam programas, simplificam o desafio formidável da escolha eleitoral para os eleitores, facilitam a mobilização de apoio na legislatura, assim como na sociedade. Partidos exercem algumas funções democráticas que continuam bastante necessárias. Ao mesmo tempo, como todas as organizações, partidos podem se voltar ao interesse próprio, tornar-se ultrapassados, corruptos. Eles precisam estar sujeitos à competição, com novos participantes no mercado, com ideias e propostas mais inovadoras e, de forma geral, maior abertura e responsabilização no mercado. Imagine como seriam as indústrias automotivas ou de informação se, 30 anos atrás, dissessemos: “É isso, já temos todas as empresas que precisamos, nenhuma outra pode entrar no mercado”. Teríamos impedido a inovação. Precisamos estruturar meios para que os partidos renovem suas lideranças de forma que eles sejam atraentes para os eleitores, com caras e ideias novas.

COM RELAÇÃO AO BRASIL, ESTAMOS SOB GRAVES TENSÕES POLÍTICA E ECONÔMICA. COMO VOCÊ AVALIA AS PERSPECTIVAS DE ESTABILIDADE DEMOCRÁTICA NO PAÍS?

O que posso dizer é que esse tipo de crise não é exclusividade do Brasil. A Coreia do Sul acaba de remover sua presidente, e não foi a primeira vez. Pode ser a hora de os brasileiros refletirem se o sistema presidencialista é realmente o melhor para cultivar flexibilidade e sustentabilidade democrática. Sei que uma transição para o sistema parlamentarista é muito improvável. Mas, considerando a história do Brasil, nos últimos 30 anos de democracia restaurada, pode ser positiva uma reflexão sobre a estrutura constitucional. Há um velho ditado que diz que as crises são períodos de estresse, mas também de oportunidade. Uma crise pode preparar a sociedade para enfrentar reformas mais dolorosas, porque ela se dá conta da profundidade do que está em jogo. A maioria das sociedades industriais avançadas terá de fazer mudanças em seus sistemas de seguridade social, aposentadoria e pensões, incluindo para funcionários públicos, ou simplesmente irá à falência. E acho importante que todas as sociedades examinem periodicamente suas políticas tributárias e fiscais e reflitam

sobre justiça distributiva. Em muitas sociedades, essas regras práticas podem aparentemente ser redistributivas, mas o que realmente fazem é manter uma certa classe de beneficiados que não são os mais necessários, impedindo que a economia responda às necessidades dos mais carentes via expansão e empregos.

EXISTE UMA CONTRADIÇÃO REGENDO AS DEMOCRACIAS CONTEMPORÂNEAS?

Existe uma tensão, uma contradição na arquitetura conceitual da democracia liberal como um todo, pois a democracia liberal é a integração de três grandes princípios: o da decisão por maioria ou soberania popular: deixem o povo decidir; o do direito das minorias, constitucionalismo e afirmação de liberdades civis, que há coisas na democracia liberal que o povo não pode fazer, como remover os direitos de populações vulneráveis; e o do Estado de Direito, da responsabilidade horizontal no sistema judiciário para que a administração da Justiça não caiba a emoções populares. Não é possível maximizar todos esses valores, porque eles estão em conflito, essa é a contradição. Se você busca um Estado muito isolado da pressão popular e tecnicamente competente, você se arrisca a seguir o caminho da tirania de uma elite meritocrática, a despeito da vontade e da ansiedade popular. Muito do sentimento antieuropeu é uma reação contra esse nível de delegação da autoridade e responsabilidade das decisões populares para tecnocratas não eleitos. Ao mesmo tempo, certamente temos uma importante reação nos EUA, e acho que também em outras democracias, contra o ativismo judicial, juízes decidindo política social, a despeito da vontade popular. Uma das lições que estamos aprendendo é que o entendimento da democracia, de seus pontos fortes, suas promessas, seus defeitos, as reformas necessárias, e dos valores e ideias básicas de diferentes modelos de democracia, tudo isso precisa ser renovado a cada geração.

ADÃO ITURRUSGARAI ■■■
OUTUBRO 2016 ■■■



POLÍTICAS PÚBLICAS
PARA TRANSFORMAR A
REALIDADE BRASILEIRA

DEBATEDORES ■■■
OTAVIANO CANUTO ■■■
PEDRO HENRIQUE DE CRISTO ■

OTAVIANO CANUTO, DIRETOR
EXECUTIVO DO BANCO MUNDIAL,
E **PEDRO HENRIQUE DE CRISTO**,
MESTRE EM POLÍTICAS PÚBLICAS
PELA UNIVERSIDADE HARVARD E
FUNDADOR DO MOVIMENTO BRASIL
21, DEBATEM SOBRE POLÍTICAS
PÚBLICAS CAPAZES DE MUDAR
REALIDADES COMPLEXAS DO PAÍS.
A CONVERSA PERPASSA O EMBATE
ENTRE ESTADO GRANDE E ESTADO
MÍNIMO, O ASSISTENCIALISMO E A
BUROCRACIA. A ENTREVISTA INTEGRA
A SÉRIE “DIÁLOGOS QUE CONECTAM”,
REALIZADA EM PARCERIA COM O
BRAZIL CONFERENCE – EVENTO
REALIZADO POR ALUNOS
BRASILEIROS DA HARVARD
UNIVERSITY E DO MASSACHUSETTS
INSTITUTE OF TECHNOLOGY (MIT).



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

PEDRO DE CRISTO – Em primeiro lugar, a política pública tem que ser eficaz, com resultados comprovados por indicadores qualitativos. Como existem vieses para as bases de dados, os principais fatores para que uma política pública funcione são fazer um cruzamento com a experiência contextual e manter um sequenciamento. Contudo, é complexo. Na primeira infância, por exemplo, lidamos com educação, assistência social e saúde. Hoje, os maiores desafios do mundo são interdisciplinares. No entanto, as estruturas governamentais são organizadas por departamentos. Podemos começar a pensar em orçamentos por projeto e não mais por departamento.

OTAVIANO CANUTO – Concordo. As políticas bem-sucedidas mudam o comportamento das pessoas. Mas para que isso aconteça, elas precisam enxergar o ganho que terão. No jargão de economistas, falamos em incentivos microeconômicos para cada agente necessário à implementação de uma política. O acúmulo de experiência é fundamental, assim como mecanismos de consulta que permitam medir a eficácia. O ideal é ter vários grupos de controle, para que seja possível examinar as diferentes propostas e seus efeitos. Um experimento feito pelo Banco Mundial em uma periferia do Malaui [*país da África Oriental*] com garotas adolescentes ilustra a importância dos incentivos. Durante um ano, dois grupos de meninas ganharam uma quantia em dinheiro. O primeiro grupo tinha a obrigação de ir à escola para continuar recebendo; ao segundo, nenhuma exigência foi feita. Depois de um ano, o grupo que recebeu com a condicionalidade de ir à escola teve uma taxa de comparecimento escolar ligeiramente maior do que o outro, sem qualquer cobrança. Isso foi comparado ao grupo de controle: outras adolescentes que não receberam dinheiro algum. O surpreendente é que, mesmo no grupo de meninas livres de obrigações, a taxa de comparecimento à escola foi muito maior do que entre aquelas que não receberam dinheiro. E o mais importante: a incidência de HIV, o vírus causador da aids, nas meninas que receberam dinheiro, foi 60% mais baixa do que entre aquelas que não receberam. A conclusão é que o dinheiro possibilitou uma transfor-

mação no comportamento. Elas não se prostituíram, como ocorre com muitas, até por pressões familiares, para encontrar fontes de renda. O poder libertário... Mas, para isso, você precisa ter avaliação de resultados.

CRISTO – Os incentivos são fundamentais. Porque o ser humano não é ruim. É o sistema que não funciona para o propósito que almejamos. A cultura decide tudo. Costumamos dizer que cultura é algo imutável. Não é. Pode-se mudá-la. E construir uma identidade social para a reforma do Estado. O Brasil precisa de reformas estruturais na educação, na saúde, tributária. Mas isso só acontece se contarmos com membros de partidos diferentes trabalhando nessa agenda comum. O desafio é integrar gerações, profissões e classes sociais.

CANUTO – É. Sobre os mitos em relação à cultura, lembro que um economista, ganhador do Prêmio Nobel, falava sobre uma suposta postura acomodada da Ásia, que seria derivada do confucionismo, doutrina que pregaria a acomodação. Pois bem, não apenas a Ásia é hoje uma das partes mais dinâmicas do mundo como vários autores mostram aspectos do confucionismo que, pelo contrário, reforçam justamente a busca pelo aprimoramento das pessoas, agentes do progresso. Então, esse negócio da cultura é relativo. Serve muitas vezes de desculpa quando não se tem explicação lógica. E sobre o pouco investimento em educação: o Brasil passou, nas décadas de 1950, 1960 e partes da de 1970, pelo mesmo movimento que a China atravessou nos últimos 30 anos, a Coreia antes dela, e o Japão no pós-guerra. Ocorreu um deslocamento massivo de pessoas de atividades de subsistência de baixa produtividade para atividades em geral urbanas, industriais manufatureiras, sem grandes requisitos de mudanças educacionais. Nesses países, o processo foi acompanhado de programas de educação em massa da população. Quando se esgotou a simples transferência de pessoas das áreas rurais para as urbanas, a base educacional já tinha se formado, o que ajuda a explicar por que a Coreia continuou indo para frente e até hoje é uma economia rica. A China tem isso. Não aconteceu no nosso caso. Resultado do descaso dos responsáveis pelas po-



líticas. Recentemente bastou chegarmos a uma média de escolaridade dos mais jovens bem maior do que a dos mais velhos, para que tivéssemos em mãos um importante fator de queda da pobreza no Brasil no novo milênio. Isso sem ter educação com a qualidade que merece. Imagina quando tivermos.

CRISTO – É um grande desafio. Com a janela demográfica fechando nos próximos 15 anos, como é que a gente vai pagar a conta da Previdência sem ganho de produtividade do valor agregado?

CANUTO – De certa maneira, já foi dispersada parte dessa janela, que está fechando.

CRISTO – Quais são os caminhos para sair dessa questão dualista que existe no Brasil, da cultura binária: ou tem Bolsa Família ou não tem. Bolsa família é algo bom, necessário ter, mas tem que melhorar. Ou um Estado grande ou mínimo, mas não um Estado efetivo, calibrado pela democracia. Quais as maneiras de ir além disso?

CANUTO – Você tocou num ponto-chave. Há demandas diferenciadas. O Bolsa Família, por exemplo, focado na base da pirâmide (em conjunto com o aumento da renda, em virtude do aumento do mercado de trabalho no novo milênio), criou novas necessidades. Hoje, o melhorado de baixo não quer apenas renda, tem outras necessidades. Esse foi um ganho importante nas manifestações de 2013. Uma pesquisa do Banco Mundial mostrou, na época, que estava emergindo no Brasil um novo grupo de empresários, vindos de baixo, gente que conseguiu exercer atividade empresarial beneficiando-se do aumento de renda na base. Esse pessoal que emergiu já tem outra mentalidade. Estão preocupados com o serviço público que não funciona, com o Estado ineficiente. Porque o grande empresário se vira com o problema. Ele coloca no preço. O produto brasileiro acaba ficando mais caro do que em outros lugares do mundo. Como temos uma economia fechada, ele se vira. Entretanto, o cara de baixo não consegue. Então, esse pessoal começou a desenvolver uma demanda pela melhoria na qualidade do serviço público. Se per-

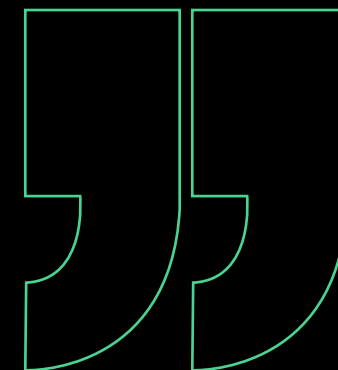
guntar para uma pessoa dessas: você quer mais Estado ou menos Estado? Que pergunta idiota. É claro que eu quero Estado! Mas quero um Estado que funcione. Um Estado que não seja peso no meu negócio.

CRISTO – É triste que tivemos a janela de crescimento baseada apenas em consumo. A galera mais pobre está endividada. Temos que trabalhar para democratizar os meios de produção. Já fizemos nosso processo migratório para as cidades no Brasil. Somos 85% urbanos. Na África, são 39%. Agora, temos a possibilidade de fazer uma transferência de renda maior até que o Bolsa Família com títulos de propriedade.

CANUTO – Já foi feito em outras partes. A ideia de titularizar a propriedade não reconhecida em áreas urbanas cria um ativo para as famílias. À medida que se reconhece a propriedade, para o bem ou para o mal, se o processo for acompanhado de educação financeira e do devido respeito e consideração, ela vira um ativo que serve inclusive para sustentar novos negócios. As pessoas conseguem alavancar sua capacidade de crédito. Essa questão dá a dimensão do péssimo ambiente de negócios existente no Brasil. E o enorme desperdício de valor que seria apropriado por pessoas da parte de baixo da pirâmide. Mas esse é um problema geral. Há desperdícios por causa de regulamentações e burocracias que são computadas em um ranking feito pelo Banco Mundial chamado “*Doing Business*”. O Brasil é um dos piores do mundo nesse departamento. E por que se desperdiça tanto talento e recursos materiais, forçando as empresas e as pessoas a executar atividades que não agregam valor? Na verdade, por trás de tudo, há grupos que ganham dinheiro justamente porque as coisas são como são. Um exemplo: quando eu estava no governo, veio a discussão para renovar a Lei de Falências. Pensamos: “Essa vai ser correr para o abraço”. Ninguém vai se opor a modernizar uma lei que está aí desde os tempos de Getúlio, e todos sabem que não funciona. No entanto, na hora em que chegou ao Congresso, descobriu-se que existiam mil interesses, em esferas do Direito Público, que ganhavam dinheiro com aquilo. A lição é que qualquer medida de impacto

“O que me desaponta
[no Brasil] é a
permanência da
herança dos tempos
coloniais extrativistas,
expressa na chamada
‘Lei de Gerson’.”

OTAVIANO CANUTO



vai enfrentar resistência. Sobrepujá-la depende do trabalho de organização e luta política.

CRISTO – Isso faz voltar à questão da cultura e dos incentivos. O título de propriedade é das raras políticas públicas nas quais você não tem troca entre acuidade e eficiência. Se as pessoas tiverem o título de propriedade no Vidigal, ninguém vai perder dinheiro em Ipanema. Pelo contrário: vão ser injetados recursos na economia. Mesmo assim as pessoas adotam a postura: “Ah, invadiram o terreno... Vão ter direito a ele?”. Para trabalhar essa questão, acabamos voltando para a única solução, a mãe de todas as ciências, como falava Tocqueville [*Alexis de Tocqueville, pensador político francês*]: Temos que fazer política”... Você pensa em fazer política algum dia?

CANUTO – Como política tradicional, sinceramente, não. Está na mão de vocês, jovens. Vocês estão vivendo e crescendo em um mundo no qual há vários aspectos de facilitação da política. As mídias sociais agilizam não apenas a aglutinação de pessoas para caminhadas nas ruas, como em 2013, na Primavera Árabe e em outros lugares. Também ensinam a articulação da comunicação e da ação política de maneiras que eram impensadas no passado. A tecnologia é outra ferramenta importante. Um estudo do Banco Mundial revelou que a presença de médicos em centros de saúde e de professores em salas de aulas melhorou brutalmente em áreas do Quênia nas quais foi dada aos pais a possibilidade de usar seus celulares para comunicar se aqueles professores estavam presentes ou ausentes. A cobrança mudou a estrutura de incentivos para que os profissionais estejam onde devem estar. Essas formas de democracia participativa, tornadas possíveis por meio de mais acesso a informações, não estavam presentes para a humanidade 20 anos atrás. Vocês têm nas mãos a possibilidade de capitanear o processo de maneira invejável.

CRISTO – Vivemos uma ressaca do digital. Todo mundo pensou que o digital iria resolver tudo. Mas o interessante é que no seu exemplo há a integração entre

os mundos físico e digital. Assim é nosso trabalho de arquitetura, urbanismo e democracia. O que estamos vendo hoje é que os padrões de comportamento do espaço físico estão sendo replicados na internet. O mundo online está polarizado porque reflete o desenho urbano das cidades. Os condomínios fechados, os muros, a falta de espaço público. A democracia não avança sem espaço público. Queremos encontrar pessoas diferentes da gente, conhecer e criar confiança para trabalhar junto. Mas perdemos isso na minha geração. Temos muito mais interação e acesso ao conhecimento, mas não à decisão pública. Aposto na calibragem ideal entre ação física e digital para promover as transformações políticas.

CANUTO – O que mais me orgulha no Brasil é a natureza acolhedora e integrativa do brasileiro. Isso não existe em nenhum país que eu conheça. Já o que me desaponta é a permanência da herança dos tempos coloniais extrativistas, expressa na chamada “Lei de Gerson” (sou corintiano, adorei ter o Gerson, mas ele foi infeliz naquela propaganda). Lamento a descrença na ações organizada coletiva e o refúgio na busca da vantagem individual.

CRISTO – O mais triste neste País é a apatia moral e a ignorância que as classes sociais abastadas têm em relação à realidade dos menos favorecidos. Ou seja, a segregação em que vivemos, dentro de um ecossistema de soma zero, no qual você só pode ganhar se o outro perder. Por outro lado, tenho esperança porque somos o povo mais misturado do mundo. Falou-se muito sobre o país do futuro, Zweig e tudo o mais [*Brasil, país do futuro*, livro de Stefan Zweig]. Mas o Brasil já é o futuro. Não existe nenhum povo tão miscigenado geneticamente como nós. Há força no nosso vigor híbrido. Já somos aquilo em que o mundo irá se tornar. Então, é hora de juntar nossas intersecções e fazer acontecer.



JEAN GALVÃO ■
OUTUBRO 2016 ■



ESTADOS MENORES
E FISCALMENTE
RESPONSÁVEIS

ENTREVISTADORES 
ÉRICA FRAGA 
THIAGO SALOMÃO 

ECONOMISTA, **ANA CARLA ABRÃO**
FALA SOBRE SUA EXPERIÊNCIA
À FRENTE DA SECRETARIA DA
FAZENDA DO ESTADO DE GOIÁS
ENTRE 2014 E 2016 – PERÍODO
EM QUE PROMOVEU AJUSTE
FISCAL E REFORMAS ESTRUTURAIS.
ELA DEFENDE UM ESTADO MAIS
TRANSPARENTE E FISCALMENTE
RESPONSÁVEL E FALA TAMBÉM
SOBRE A ATUAÇÃO DAS MULHERES
NO MUNDO CORPORATIVO. A
ENTREVISTA FOI REALIZADA EM
PARCERIA COM O *INFOMONEY*.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista



THIAGO — COMO SECRETÁRIA DA FAZENDA DE GOIÁS, VOCÊ PROMOVEU UM SEVERO AJUSTE FISCAL. ISSO CONTRIBUIU PARA QUE O ESTADO TIVESSE UM CAMINHO DIFERENTE DOS DEMAIS NO PAÍS?

Olhando em retrospecto para janeiro de 2015, quando eu assumi a secretaria, o desequilíbrio fiscal que era bastante importante, até em função da crise que já tinha se iniciado ali no segundo semestre de 2014, aumentou demais. O que fizemos desde o primeiro momento foi justamente cortar despesas. O Estado fez um ajuste focado em corte, e não em aumento de impostos, e isso deu as condições para que a gente chegasse ao fim de 2016 com as contas já dentro da normalidade. E mais do que isso, a gente entrou em um processo de privatização. No fim de 2016, Goiás privatizou as centrais elétricas do Estado. Foi um sucesso, teve um ágio de 28%, garantiu que o governo entrasse em 2017 não só com as despesas cabendo nas suas receitas, mas também com dinheiro em caixa para investir.

ÉRICA FRAGA — QUAL FOI O MAIOR DESAFIO QUE VOCÊ ENFRENTOU À FRENTE DA SECRETARIA?

O ajuste fiscal primeiro tem que ser entendido como um meio e não como um fim. E, claro, ele cria situações de restrições em curto prazo, o que gera uma resistência dentro do governo, nos servidores, na máquina pública de maneira geral, e reverbera na sociedade. Então, a maior dificuldade foi comunicar que aquilo era um processo que tinha como objetivo a retomada do investimento. O que aconteceu com o Rio de Janeiro é emblemático porque o ponto de partida é muito parecido com o de Goiás. A nossa trajetória foi oposta do ponto de vista de um ajuste fiscal muito duro, e a gente chegou a um lugar que é completamente diferente do Rio de Janeiro. O desafio foi comunicar às pessoas, à sociedade e à máquina que aquilo era um mal necessário.

THIAGO — COMO TIRAR O RIO DE JANEIRO DESSA SITUAÇÃO E FAZER AVANÇAREM AS REFORMAS NECESSÁRIAS?

Agora vão avançar, certamente. O Congresso aprovou a Lei de Recuperação, que é uma lei de falência para os

Estados. O tesouro nacional não tinha esse instrumento para permitir que o Estado que entrasse em colapso pudesse sair do buraco. Agora o Rio de Janeiro vai ser obrigado a tomar uma série de medidas para receber recursos. Claro que é um processo longo e doloroso, porque as restrições todas vão durar algum tempo, mas a solução está dada. O grande problema do colapso, e é isso que conseguimos evitar, é a perda da capacidade de gestão do Estado. O tesouro é obrigado a fazer o sequestro das contas, e você fica sem recursos para gerir, entra em um processo de ingovernabilidade.

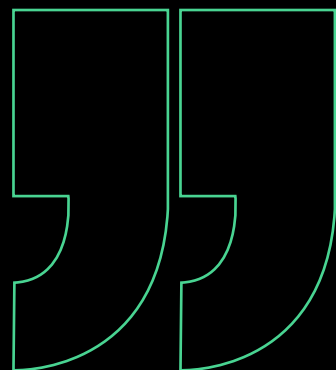
ÉRICA — COMO QUE VOCÊ VÊ ESSE CAMINHO ATÉ PARA A GENTE PODER DIZER QUE A CRISE ESTÁ RESOLVIDA?

Na verdade, a crise está controlada, porque a gente começa a ter alguns sinais de aumento de arrecadação. Mas a gente tem um problema enorme dos Estados que não está sendo tratado. A Previdência é uma bomba-relógio a minutos de explodir nos Estados mais jovens e a menos minutos ainda nos Estados mais antigos. No Rio de Janeiro, já explodiu. Em São Paulo e no Rio Grande do Sul, como a faixa etária dos servidores públicos é mais alta, o déficit só cresce. Esse problema em algum momento vai ter que ser enfrentado. E isso não depende do tesouro. Depende primeiro de uniformizar as estatísticas fiscais; hoje, cada Estado tem algum grau de liberalidade na publicação de suas contas fiscais, o que impede a gente de ter muita clareza em relação ao tamanho do problema de cada um. A responsabilidade fiscal vai ser o fio condutor que vai nos permitir enxergar os problemas dos Estados com a clareza necessária e, a com isso, começar a solucionar os problemas.

THIAGO — AINDA HÁ MUITA RESISTÊNCIA ÀS PRIVATIZAÇÕES?

Acho que há uma resistência ainda. A gente sofreu isso em Goiás. A Celg [*Companhia Energética de Goiás*] precisava ser privatizada porque era um gargalo para o desenvolvimento do Estado. As empresas querendo investir e se instalar em Goiás, e o fornecimento de energia era um problema. E ainda assim foi difícil, as centrais sindicais fizeram muito barulho, mas no fim das contas

A responsabilidade fiscal vai ser o fio condutor que vai nos permitir enxergar os problemas dos Estados com a clareza necessária.



deu tudo certo. Existe resistência, mas não tem alternativa, a gente tem que passar por isso. Esse é o lado bom da crise dos Estados, porque a gente vai, se tudo der certo, passar por uma nova onda de privatizações, e os Estados vão ficar menores.

ÉRICA — ECONOMISTAS APONTAM QUE A NÃO APROVAÇÃO DAS REFORMAS SERIA UM MAL MUITO GRANDE PARA O PAÍS. VOCÊ CONCORDA COM ESSE DIAGNÓSTICO OU ACHA CERTO EXAGERO NISSO?

Hoje, o Brasil não tem condições de voltar a crescer sem isso. A gente está falando de um país que precisa de taxas de juros mais baixas, precisa gerar emprego e, acima de tudo, precisa crescer. Sem reformas que reduzam o peso do setor público sobre a economia, isso é impossível. A decisão que a gente vai ter que tomar é se vai fazer essas reformas agora ou em 2018. A cada ano que passa, esse custo fica maior, o mercado já está precificando isso. O fato de haver dúvidas em relação à Reforma da Previdência já gera impacto sobre a taxa de juros, sobre a trajetória de crescimento e, portanto, sobre a geração de empregos. Sem as reformas, nós não conseguiremos retomar a trajetória de crescimento. Uma vez aprovado o teto de gasto, se a gente não aprovar a Previdência, o teto começa a ficar sob risco e você começa a ter que comprimir despesas que hoje são muito importantes.

THIAGO — AVENTA-SE O RISCO DE DILUIR DEMAIS A REFORMA DA PREVIDÊNCIA E REDUZIR SEU IMPACTO. QUAL A ALTERNATIVA CASO ELA NÃO TENHA O RESULTADO ESPERADO?

Não tem alternativa, a gente precisa aprovar a Reforma da Previdência. Se for muito diluída, vamos ter que voltar a esse tema, que é recorrente justamente porque a gente acaba fazendo reformas muito menores do que as que seriam necessárias. A Reforma Trabalhista é muito importante, até para dar força para a economia crescer. Mas do ponto de vista fiscal, a Reforma da Previdência, sem dúvida nenhuma, é a mais importante. Dois anos no setor público me fizeram aprender que nem sempre o que é ideal é possível na política.

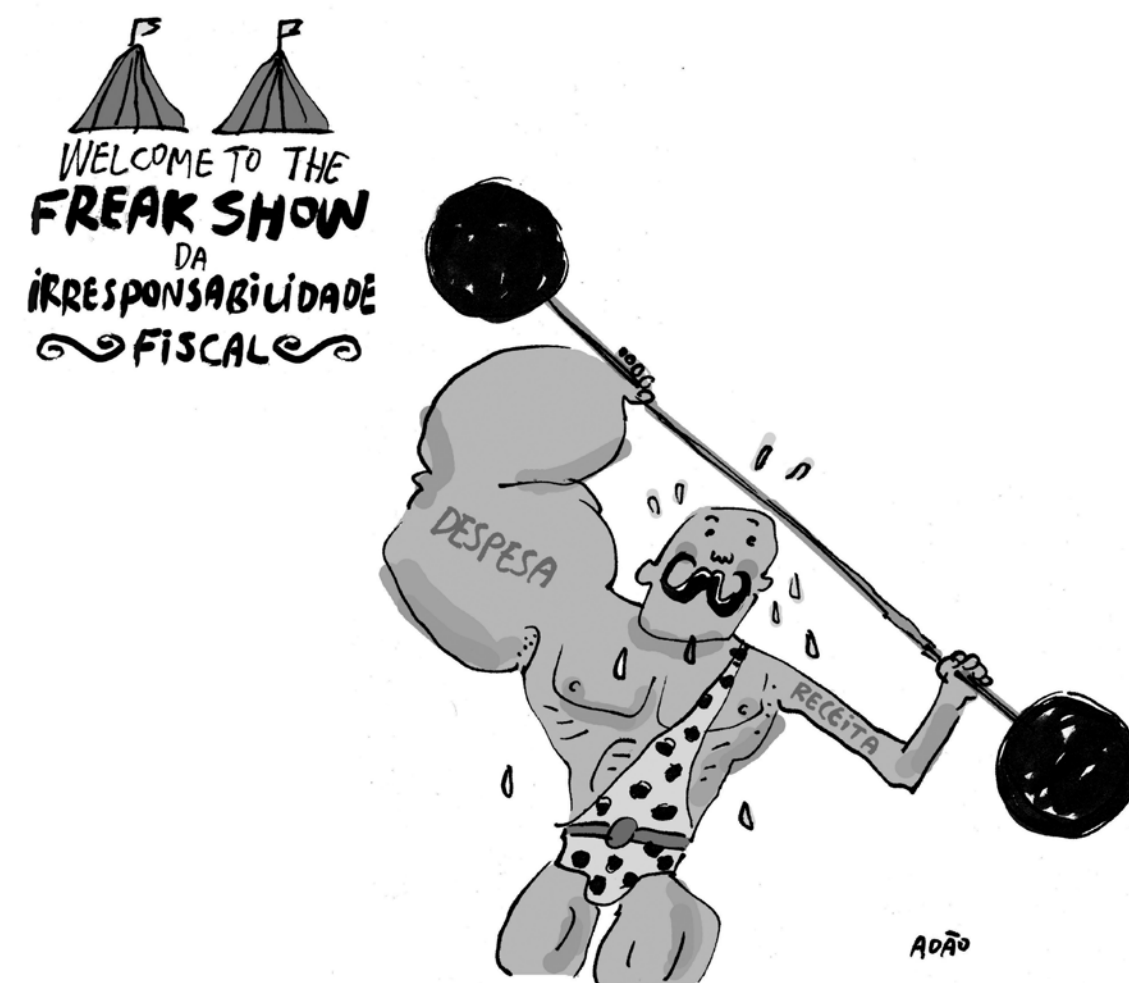
THIAGO — CADA VEZ MAIS OS NOMES DE NÃO POLÍTICOS ESTÃO GANHANDO ESPAÇO. COM UM NOME MAIS ALINHADO AO SETOR PRIVADO SERIA MAIS FÁCIL APROVAR AS REFORMAS QUE O BRASIL PRECISA?

Eu acho que 2018 será uma prova de fogo para o País. Nós veremos qual é a escolha que a sociedade está fazendo, se quer alguém que dê força às reformas fundamentais ou se prefere um governo populista. Uma bandeira populista, de Estado grande, de não enfrentar os problemas, ou uma bandeira que dirá: “Vamos ter que enfrentar ajustes”. Quando eu digo que as pessoas do mundo privado precisam vir para o setor público, falo principalmente de gestão. Porque, primeiro, você entende como o Brasil funciona, essa dificuldade que a gente tem com esse modelo tão complicado. E, por outro lado, você contamina com práticas do setor privado, de eficiência, de cuidado com custos, que são conceitos com os quais o setor público não foi estruturado para trabalhar.

ÉRICA — VOCÊ OCUPOU CARGOS IMPORTANTES NOS SETORES PRIVADO E PÚBLICO, EM QUE A PARTICIPAÇÃO FEMININA AINDA É BASTANTE REDUZIDA. COMO É SER MULHER NESSES AMBIENTES AINDA PREDOMINANTEMENTE MASCULINOS?

É uma questão cultural: somos poucas porque nós não fomos criadas para isso. Minha mãe é uma senadora da República, certamente para ela foi muito mais difícil do que para mim, e eu espero que para minha filha seja menos difícil. Não sofri preconceito de forma explícita, mas implícita, um preconceito inconsciente, de ser preterida em algumas escolhas, porque é um mundo dominado por homens. É mais fácil a comunicação entre iguais do que entre diferentes. Mas é uma evolução, embora muito mais lenta do que a gente gostaria. A gente tem que entender que ser mulher e ter uma vida executiva significa colocar 12 palitinhos em uma caixinha de seis. Dois, três, às vezes, vão ficar de fora. E você vai ter que lidar com isso, administrar.

ADÃO ITURRUSGARAI ■■■
JULHO 2017 ■■■



“O MAIS IMPORTANTE É
QUE O ELEITORADO TOME
RESPONSABILIDADE
SOBRE SUA ESCOLHA.”

ENTREVISTADOR ■■■
LUCAS MOTA ■■■

ANTHONY PEREIRA, DIRETOR
DO INSTITUTO BRASIL DO KING’S
COLLEGE, EM LONDRES, ACREDITA
QUE SÓ UMA SOCIEDADE QUE COBRA
ATIVAMENTE HONESTIDADE DOS
SEUS CANDIDATOS PODE COMBATER
A CORRUPÇÃO. O ACADÊMICO FALOU
AO **UM BRASIL** SOBRE LAVA JATO,
IMPEACHMENT, GOVERNABILIDADE,
MANIFESTAÇÕES, POLITIZAÇÃO
DO JUDICIÁRIO E OUTROS TEMAS
RELEVANTES NO CENÁRIO NACIONAL.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

NA SUA VISÃO, QUAL É O LEGADO DA OPERAÇÃO LAVA JATO?
É um pouco cedo para avaliar, mas acho que é importante [entrevista concedida em maio de 2017]. Teve uma herança positiva. Vimos que as forças do Estado Democrático de Direito vão prevalecer, que o novo sistema político vai ser mais transparente, mais responsável, mais honesto. Mas depende muito também da sociedade civil. Se ela fica passiva e não se expressa nas urnas, discriminando o político corrupto, as práticas podem se repetir.

OUTRA CONSEQUÊNCIA DA OPERAÇÃO FOI UM CONSTANTE EMBATE ENTRE OS TRÊS PODERES. A CONTINUAR O CONFLITO, HÁ RISCO PARA A DEMOCRACIA?
Há um risco de o Congresso passar leis que vão diminuir a autonomia e o poder do Judiciário. Eu não acredito que vá acontecer, mas tem alguns atores no Congresso querendo fazer algo nesse sentido. Um passo além da Lava Jato é a reforma dos sistemas partidário e eleitoral. É importante substituir o sistema velho por um que busque a prevenção à corrupção e não simplesmente punir. É muito mais fácil prevenir do que acertar as contas depois de um desvio enorme de dinheiro público.

QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE O PROTAGONISMO DO PODER JUDICIÁRIO?
Às vezes, acho que alguns agem como políticos, falam em nome do povo ou fazem declarações que soam mais como um pronunciamento político do que um julgamento judicial. Mas em geral, há um conteúdo judicial muito forte. Porque a imprensa e a opinião pública cobram quando algum juiz excede esses limites, ele volta atrás e fica mais discreto. Então essa discussão tem um efeito positivo.

DESDE 2013, O BRASIL VIVEU MANIFESTAÇÕES SEM PRECEDENTES. QUAL É A SUA AVALIAÇÃO DESSE FENÔMENO?
Parece que, em parte, é um fenômeno de alta de expectativas. Aconteceu depois de dez anos do crescimento do PIB per capita, do salário médio. As pessoas observaram que a qualidade dos serviços públicos não acompanhou. Esse choque criou o clima de insatisfação. Os pro-

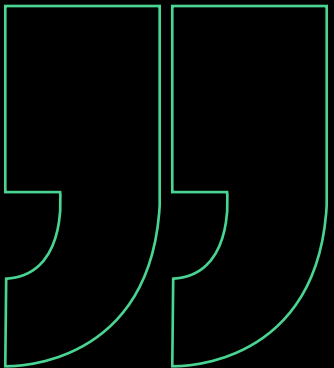
testos eram muito variados: legalização da maconha, direito do casamento homoafetivo, mas, no fundo, era esse choque de expectativas. Os ganhos do mercado eram claros, mas o Estado não oferecia a contrapartida.

O MODELO DE PRESIDENCIALISMO DE COALIZÃO, QUE GANHOU FORÇA DESDE A REDEMOCRATIZAÇÃO, ESTÁ ESGOTADO?
Gosto muito da análise do professor Jairo Nicolau dizendo que o atual sistema custa demais, especialmente por causa dos pequenos partidos. Tem partido que tem menos de 1% do voto popular, vai negociar e vai receber alguma coisa em troca do apoio, seja orçamento, seja um ministério. Se os próprios políticos podem reformar o sistema criando a cláusula de barreira, não necessariamente radical, pode ser em torno de 1,5% dos votos, e não 5%, como na Alemanha. Isso deixaria o sistema mais gerenciável e baixaria “o custo” das transações entre o Executivo e o Congresso.

SE TIVÉSSEMOS MENOS PRESENÇA PARTIDÁRIA NA ESTRUTURA DAS ESTATAIS, TERÍAMOS UM ESTADO MAIS EFICIENTE?
Eu acho que sim. Você pode reformar as estatais e manter um Estado que tenha ações, – como no caso da Petrobras, em que fundos de pensões investem nela. É preciso que haja menos influência das escolhas dos membros do Congresso. O fato de o presidente escolher cerca de 20 mil pessoas nas altas camadas do Estado é excepcional. O presidente americano tem cerca de 4 mil indicações. O primeiro-ministro da Grã-Bretanha tem poucas, porque o funcionalismo público chega até o segundo nível dos ministérios. É um momento bom para o Brasil refletir se quer continuar com este intercâmbio tão grande entre o Congresso e o presidente.

COMO VOCÊ AVALIA A DECISÃO DO TSE DE JULGAR IMPROCEDENTE A DENÚNCIA CONTRA A CHAPA DILMA-TEMER?
Fiquei um pouco surpreendido com o discurso de Gilmar Mendes, que deu o voto de minerva. Ele citou um arti-

É um momento bom para o Brasil refletir se quer continuar com este intercâmbio tão grande entre o Congresso e o presidente.



go do cientista político José Murilo de Carvalho, dizendo que só cinco presidentes eleitos desde 1930 conseguiram chegar ao fim do mandato, e que, em razão dessa instabilidade, não pode cassar o mandato do presidente. Eu não estou discutindo o mérito do argumento, estou dizendo que é político, e não jurídico. Isso cria nas pessoas certo grau de ansiedade sobre as instituições. Foi interessante ver a reação do sistema político. O PT ficou satisfeito porque Dilma manteve os direitos políticos. O PSDB, apesar de ter apresentado a denúncia, também ficou satisfeito, porque está aliado ao governo Temer. A pergunta que você pode fazer em um caso como esse, com tanta evidência de dinheiro ilícito entrando numa campanha, se não houve condenação, que tipo de caso é possível condenar? Cria-se um precedente de ser muito difícil.

QUAL É A SUA VISÃO SOBRE A EXCESSIVA POLARIZAÇÃO DO DEBATE PÚBLICO NO PAÍS?

A polarização, às vezes, é tão forte que estraga a qualidade do debate. Há uma parcela de conservadores que acha que os partidos de esquerda são tão ruins que não têm direito de existir. Essa negação é muito ruim, mas há também a contrária, da esquerda, que diz que as elites são traidoras, podres e corrompidas. Ambas são ruins. A grande conquista dos governos de Fernando Henrique e Lula é que eles criaram um consenso razoável entre os partidos. Parece que, desde 2013, o País perdeu essa capacidade de consenso.

COMO A RECESSÃO TEM AFETADO A IMAGEM DO BRASIL NA EUROPA?

Fora do País, a imagem do Brasil está mudando. No passado, a tendência do estrangeiro era pensar que o Brasil era festivo, agradável, mas não era um país sério. E acho que isso está mudando. As cobranças dos cidadãos estão mostrando um país mais complexo. Há muita ansiedade em Londres por parte de potenciais investidores, que ficam apreensivos com essa instabilidade e com a corrupção. A questão da corrupção tem dois lados. Ao mesmo tempo que sabemos que houve muito desvio de dinheiro público, há essa estrutura da Lava

Jato condenando tudo isso. Quando eu comecei a visitar o Brasil na década de 1980, era impensável haver um ex-governador de Estado condenado a 14 anos de prisão como o Sérgio Cabral. Apesar das dúvidas, ainda há a percepção de um mercado dinâmico, mais atraente do que a Europa, que tem menos capacidade de crescer.

VIVER DOIS IMPEACHMENTS EM UM CURTO PERÍODO DE TEMPO FRAGILIZA O SISTEMA POLÍTICO DO PAÍS?

O segundo é mais problemático do que o primeiro, que não gerou muita polêmica. Quando o Collor chamou as pessoas para ir às ruas, as pessoas se viraram contra ele. A justificativa do impeachment é importante, não somente o procedimento. A tramitação foi toda constitucional, não estou discutindo isso, por isso sou contra a alegação de golpe para descrever o impeachment. Mas a justificativa é importante porque tem a ver com a qualidade do julgamento. A imagem dos deputados falando durante a sessão do impeachment não foi um cartão-postal para o Brasil.

COM O DESCRÉDITO DA CLASSE POLÍTICA, A SOCIEDADE E A IMPRENSA ESPECULAM NOMES DE FORA DA POLÍTICA. HAVERÁ MUITOS *OUTSIDERS* EM 2018?

Eu não acredito nessa ideia de que o *outsider* será melhor. Eu entendo o charme do *outsider*. O engano desse discurso é o seguinte: qualquer *outsider* eleito vira um político profissional. O mais importante é um eleitorado que tome responsabilidade com a escolha. Porque é muito fácil votar em alguém e, uma semana depois, começar a criticar. O cidadão responsável vai pensar para votar. Uma mudança muito importante na Inglaterra foi o jovem entre 18 e 24 anos que votou no patamar de 72% na última eleição, índice que ficava entre 40% e 42%. Finalmente, essa jovem geração acordou e percebeu que as políticas públicas favorecem os “velhos” porque os velhos votam muito mais do que os jovens. Isso é um exemplo de um eleitorado mais responsável, que não vai acabar no fim da eleição.



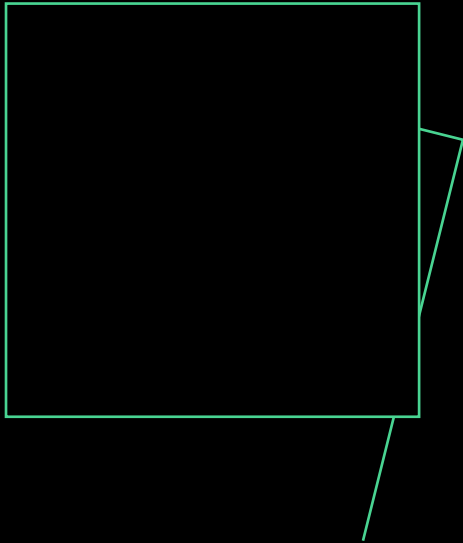


ADÃO ITURRUSGARAI
JULHO 2017

BRASIL DE PRIVILÉGIOS E DESEQUILÍBRIOS

ENTREVISTADOR ■■■■■
HUMBERTO DANTAS ■■■■■

PRIMEIRO DIRETOR DA ESCOLA DE DIREITO DE SÃO PAULO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV-SP) E FUNDADOR DA PRESTIGIOSA BANCA DE ADVOGADOS QUE LEVA SEU NOME, O TRIBUTARISTA **ARY MATTOS FILHO** É UM DOS MAIS RESPEITADOS JURISTAS DO PAÍS. EM ENTREVISTA AO **UM BRASIL**, ELE DISCUTE O TAMANHO DO ESTADO BRASILEIRO, OS PRIVILÉGIOS DO FUNCIONALISMO PÚBLICO, AS DEFICIÊNCIAS DO SISTEMA TRIBUTÁRIO NACIONAL E O DESAFIO DE APROVAR REFORMAS EM UM CONGRESSO CONTROLADO POR DIVERSOS GRUPOS DE PRESSÃO.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista



EM MEIO ÀS CRISES POLÍTICA E ECONÔMICA, É OPORTUNA A PERGUNTA: O BRASIL CABE DENTRO DO BRASIL OU O ESTADO BRASILEIRO É MUITO GRANDE?

Os autores divergem. Para mim, é. Precisamos levar em consideração que este é um fator cultural, somos ibéricos e adoramos um Estado grande. Ocorre que a economia chegou a um ponto que não aguenta mais, levando em consideração coisas que são próprias do Estado, por exemplo, previdência, educação. Não sobra dinheiro para o Estado produzir bens e serviços que se esperam efetivamente de um Estado: infraestrutura, financiamento. Temos ao longo de séculos um Estado grande. A primeira tentativa de desmobilização do Estado ocorre com o início do processo de privatização da era Collor-Itamar-FHC, aí entram as concessões, Lula e um pouquinho de Dilma. E se tende a continuar a diminuindo para que o Estado possa se dedicar economicamente a determinados setores que o setor privado não vai. Está mudando, mas a média brasileira ainda gosta de um Estado forte.

O BRASIL AINDA É ATRAENTE A INVESTIMENTOS, SEJA NO SETOR PÚBLICO, SEJA NO SETOR PRIVADO?

O que está se demonstrando agora é que várias dessas empresas que emitiam papéis aqui e foram para a Bolsa de Nova York têm um mercado muito mais líquido. A afirmação de rentabilidade é mais confiável para os grandes compradores, que são os fundos americanos. Deu um resultado bom. Mas eles esqueceram que lá não podem fazer coisas que aqui eles fizeram, então estão pagando o preço. Ou seja, tem o bônus de estar em um mercado de alta liquidez, mas esqueceram o ônus, que para os investidores é o nosso bônus, que é tratar direito o patrimônio de terceiros que investiram lá dentro, não corromper funcionários públicos, não se deixar corromper, dar informações precisas, não utilizar informação privilegiada, uma série de coisas às quais eles não estavam muito atentos. Eu acho que o mercado brasileiro continua bom não só para brasileiros, mas também para estrangeiros. Pelo volume de dinheiro que continua entrando, independentemente de crise, a impressão que dá, lá fora inclusive, é que o mundo continua numa velocidade boa, mas dizendo: “Deixe eles resolverem isso que nós resolvemos o nosso”.

EM RELAÇÃO À QUANTIDADE DE DIREITOS OFERTADOS PELO ESTADO, CABE ALGUM TIPO DE REFORMA OU ESSES GASTOS DEVERIAM SER COMPENSADOS DE OUTRA MANEIRA?

Esses são dois pontos fundamentais debatidos no mundo inteiro. Não é por outro motivo que o presidente Clinton tentou mudar o plano de saúde, que acabou virando o “Obamacare”, e não conseguiu. Na Europa, existe uma discussão sobre o quanto de dinheiro precisa trazer daqueles que estão trabalhando para pagar a aposentadoria de quem já se retirou. Um problema muito sério que deve entrar nessa equação é que a longevidade está aumentando, então, se as pessoas continuam se aposentando com idade igual à média do passado, que era 60 anos, é difícil manter esse sistema. A taxa de natalidade caiu, ou seja, aqueles que estão saindo do mercado com aposentadoria representam uma fatia que tende a ficar maior do que a dos que estão entrando e produzindo renda para pagar aqueles que saíram. As mulheres vivem mais do que os homens e, no sistema de aposentadoria, as mulheres continuam se aposentando mais cedo. O outro ponto é a saúde. Ela é deficiente? É. Se fizermos um retrospecto, há 40 anos a saúde era melhor? Não. Melhorou a oferta de remédios, de médicos, o equipamento diagnóstico, a infraestrutura melhorou. É boa em relação a antes? É, mas é boa em relação ao ideal? Não é. Ficou muito caro, mas aí é uma decisão que deveria ser tomada ouvindo o País, não só grupos de pressão, porque obviamente quem é prejudicado vai querer reagir contra esse tipo de mudança. Vai chegar a um momento de conversarmos seriamente, não tem escapatória. Ou o dinheiro sai da tributação ou do endividamento do governo. Então não adianta fazer cara feia.

A QUESTÃO DA PREVIDÊNCIA CARREGA O ASPECTO DA DESIGUALDADE NO PAÍS: DIFERENTES LOCAIS TÊM EXPECTATIVAS DE VIDA DIFERENTES. FAZ SENTIDO CRIAR UM FATOR DE CORREÇÃO OU DEVEMOS NOS TRATAR COMO NAÇÃO E BUSCAR UM AVANÇO NA QUALIDADE DE VIDA NESSES LUGARES NÃO TÃO DESENVOLVIDOS?

Primeiro, precisa haver um consenso de nação. Não é fácil, mas vamos ter que conversar. Agora, tem determina-

dos setores, como o agrícola, que não recolhe, e recebe. Precisa sentar com as pessoas urbanas e perguntar se querem continuar pagando por isso. Provavelmente vão dizer “não”. Mesmo em lugares de grandes famílias, como o Nordeste, a família também está diminuindo. Quando eu era criança, a taxa de natalidade brasileira era de 3,2; hoje, um indivíduo tem um filho ou pouco mais que isso. Você precisa pagar colégio, morar perto do colégio, precisa arrumar trabalho, precisa tratar das crianças. Então a própria população está chegando à conclusão de que a família menor é mais bem tratada do que a família grande, na qual ninguém liga para ninguém.

SE HOUVESSE ALGUM TIPO DE PACTO REPUBLICANO PARA REDUZIR ALGUNS PRIVILÉGIOS NO SETOR POLÍTICO E NA MAGISTRATURA, HAVERIA TAMBÉM UM EQUILÍBRIO MAIOR NOS GASTOS ESTATAIS?

Pode não resolver o problema da saúde, da escola pública, mas esse rentismo de algumas categorias de servidores públicos precisa ser consertado. O Judiciário é uma delas. Uma coisa muito ruim é o indivíduo ter a sensação de que está sendo passado para trás porque a lei diz que não pode receber mais do que tanto, mas aí o juiz tem remuneração de moradia, colégio de criança para alguns, esse tipo de coisa. O exemplo é muito ruim. Cortar isso não vai resolver o problema orçamentário, mas assim se tem a sensação nítida de que alguém está levando vantagem. E essa sensação de levar vantagem destrói a eventual solidariedade do tecido social. Aposentadoria de funcionário público é outra coisa. Todos nós temos que contribuir para a nossa aposentadoria obrigatoriamente ou fazer um plano privado, se achar conveniente. O funcionário público aposentado recebe um aumento quando o salário do da ativa é aumentado, isso não é bom. A conta moral está escancarada. Violentaram a porta da moralidade.

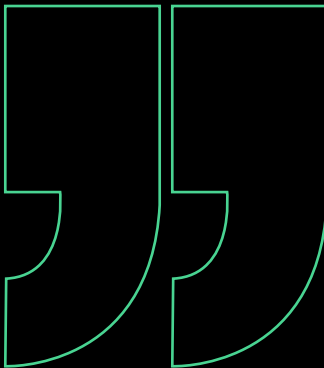
NA DÉCADA DE 1990, VOCÊ COORDENOU UM ESTUDO DE REFORMA TRIBUTÁRIA. A QUESTÃO ESTÁ ASSOCIADA À FORMA EQUIVOCADA DE COBRAR OU A UM VOLUME EXAGERADO DE IMPOSTOS?

As duas coisas. Num país em desenvolvimento como o Brasil, uma carga de quase 40% do PIB é altíssima. Estamos chegando ao patamar dos países nórdicos da Europa. A carga é muito alta e mal alocada. Porque a grande incidência na carga é o imposto sobre o consumo, que é muito baixo sobre a propriedade e sobre a renda. Qual é o defeito disso? O imposto sobre o consumo é regressivo, eu pago o mesmo ICMS sobre uma caixa de fósforo que um milionário pagará. E eu pago a mesma coisa que um sujeito que trabalha na roça. Ou seja, a carga tributária incide da mesma maneira independentemente da capacidade contributiva. Isso é muito ruim, distorce e torna o imposto regressivo: ele é um fator de acumulação de renda para quem tem renda e um fator de “desacumulação” para quem não tem. O Imposto Territorial Rural, por exemplo, é ridículo. Tem que haver uma conversa séria, porque você fala em aumentar e a chamada “bancada ruralista” entra em pé de guerra. As pessoas ficam felizes, falam que precisa, mas quando se fala em Reforma Tributária, “tributa ele, eu não”.

A EXPRESSÃO “SENTAR PARA CONVERSAR” ENVOLVE UMA INSTITUIÇÃO FORMAL. FALTA UM CONGRESSO CAPAZ DE LIDERAR ESSAS CONVERSAS?

O Congresso é uma divisão de grupos de pressão, existem grupos grandes de deputados e senadores que se unem independentemente de partido. O setor agropastoril é um deles, as igrejas são outro setor fortíssimo, os funcionários públicos não têm um número enorme de representantes, mas estão diuturnamente no Congresso, exercendo pressão. Se somarmos as parcelas desses grupos, sobra muito pouco daqueles que não pertencem a setor nenhum, por isso precisaria de um presidente muito bem eleito. Ele poderia propor, inicialmente, uma racionalização. Pegar os tributos federais, sem mexer em carga, unindo os tributos que são parecidos. Depois, uma racionalização em nível municipal. Precisa fazer uma racionalização para tirar essa pressão dos contribuintes. No nível estadual, a grande dificuldade é fazer os Estados chegarem a um acordo sobre o ICMS. Desde 1992, tivemos várias proposições, as propostas iam andando e, quando chegavam aos Estados, mor-

Pode não resolver as contas públicas, mas esse rentismo de algumas categorias de servidores públicos, como o Judiciário, precisa ser consertado.



riam. Porque os Estados não deram a menor bola para a Constituição, concederam incentivos sem poder conceder, o prejudicado ia ao Supremo reclamando inconstitucionalidade, ficou um negócio difícil de desamarrar. Eu começaria a mexer setorialmente, porque, se você mexe no geral, desagrada todo mundo. Aí você não tem direito nem de escolher em qual orelha você vai levar tapa. Porque é amplo, geral e irrestrito o direito do povo de estapear você. Mas acho que mais importante do que essa, é a Reforma Política. O que complica é que eu duvido que qualquer parlamentar tenha a dignidade de fazer uma reforma boa para o País e prejudicial a eles.

EM RELAÇÃO À QUESTÃO FISCAL, TEMOS UM PROBLEMA ATRELADO À IDEIA DA SONEGAÇÃO QUE PARECE COMPENSAR EM RAZÃO DOS TRATADOS DE NEGOCIAÇÃO. AINDA SE SONEGA MUITO IMPOSTO NO BRASIL?

É uma questão de tecnologia. Quanto mais informatizadas são as operações geradoras de tributos, mais o Fisco tem condição de acesso direto. Se pegarmos o setor de bebidas, é difícil de controlar. Então eles colocaram um medidor de água ligado ao sistema da Receita Federal. O hidrômetro está girando, a Receita está recebendo os *inputs*. Outro setor que sonegou muito foi o de transações imobiliárias; hoje o Fisco federal está ligado com os Fiscos estaduais. Então, vendo um imóvel que precisa da escritura, o cartório comunica a Receita, a Receita vai ver o Imposto de Renda, e o Estado, o Imposto de Transmissão. Essa interligação está ocorrendo cada vez mais. O sigilo bancário, que era um negócio absoluto, está definhando cada vez mais porque a sociedade precisa saber o que está acontecendo. Inclusive em nível global. Isso começou a mudar lá fora, fundamentalmente nos Estados Unidos, que começaram a fiscalizar fortemente e a dizer que bancos não poderiam operar lá se não abrissem suas operações para a troca de informações entre os Fiscos. É um processo que vem vindo e cuja origem é o tráfico de drogas e armas. Agora, o que precisa ser dito é que quanto maior a arrecadação, maior a propensão à sonegação. Por outro lado, não havia criminalização, hoje já tem gente na cadeia. Dos últimos cem anos para cá, o País está se civilizando.

O ATIVISMO DA JUSTIÇA NO COMBATE À CORRUPÇÃO ERA INIMAGINÁVEL HÁ ALGUMAS DÉCADAS. QUAL É O IMPACTO DOS ESCÂNDALOS REVELADOS PARA A NAÇÃO E PARA A ECONOMIA NO CURTO E NO LONGO PRAZOS?

O ativismo judicial é mais profundo do que isso. A junção de Ministério Público, Polícia Federal e Judiciário dá ibope na imprensa, mas há outro ativismo judicial mais profundo e silencioso: o papel que o STF está tendo ao promover transformações sociais no campo ético, que seria papel do Legislativo. Por exemplo, aquele julgamento no Supremo sobre crianças sem cérebro. Se formos olhar o Código Penal, o aborto é crime e ponto. Nós temos conceitos abertos dentro da Constituição, ou seja, tem só o conceito, sem a sua delimitação. O direito de o feto não ter uma vida sem cérebro, que é um negócio muito complicado, é um direito humano, e a opção da mãe é um direito humano dela. Vamos julgar isso pelo prisma dos direitos humanos. Sob o prisma dos direitos humanos, esse artigo do Código Penal é inconstitucional, mesmo que com uma interpretação *a posteriori*. O juiz está criando uma lei, está revogando uma lei por interpretação própria. Se o Supremo fosse composto de pessoas religiosas, certamente isso não passaria. Hoje, temos o seguinte problema: qual é o limite da interpretação de leis com base em textos abertos da Constituição? Uma pessoa precisa de um determinado remédio caro que não tem no Brasil, o INSS diz que não tem dinheiro. Recorre-se ao juiz de primeira instância que manda o INSS dar o remédio. O Judiciário diz: “Arruma, senão vou mandar prendê-lo”. De novo, é o Judiciário entrando como Poder Executivo, não como Legislativo.



JEAN GALVÃO ■
SETEMBRO 2017 ■



MUDANÇAS SOCIAIS
GERAM CRISE DE
REPRESENTATIVIDADE

ENTREVISTADOR ■■■
RENATO GALENO ■■■

SOCIÓLOGO, CIENTISTA POLÍTICO
E AMBIENTALISTA, **SÉRGIO**

ABRANCHES FALA AO **UM BRASIL**
SOBRE “A ERA DO IMPREVISTO”,
TEMA DE SEU LIVRO, QUE ANALISA
OS IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO
E DA DIGITALIZAÇÃO DAS
SOCIEDADES. CRIADOR DO TERMO
“PRESIDENCIALISMO DE COALIZÃO”,
ABRANCHES DISCUTE AINDA AS
TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS,
ECONÔMICAS E SOCIAIS QUE O
BRASIL ATRAVESSA E OS DESAFIOS
DA MUDANÇA CLIMÁTICA.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista



VOCÊ DESCREVE O MOMENTO ATUAL COMO UMA GRANDE TRANSIÇÃO PELA QUAL O MUNDO ESTARIA PASSANDO. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DE UM MOMENTO COMO ESSE?

A principal característica é que é uma transição profunda, radical e absoluta. É o fim do mundo tal qual nós conhecemos. A partir daí, existem alguns elementos que fazem com que esse mundo esteja perdendo sentido, parando de funcionar e com que um novo mundo vá se formando. Mas nós não sabemos qual é, e ainda não conseguimos saber as suas características fundamentais. Há uma mudança tecnológica muito rápida com a digitalização da sociedade, acompanhando e viabilizando o processo de globalizações econômica, social, política e cultural. Há transformações na sociedade e na economia que produzem um sentimento de crise. Porque, na verdade, essas mudanças societárias muito radicais começam fazendo com que muitas coisas não funcionem mais e poucas coisas funcionem bem. Pela primeira vez, em muitos séculos, nós enfrentamos uma mudança que nós causamos, mas sobre a qual nós não temos controle, que é a mudança climática e a mudança na biodiversidade. Então, uma mudança científica tecnológica vertiginosa que muda paradigmas, convicções. As ferramentas tradicionais não funcionam mais, e esse enfrentamento com a natureza, com uma extinção enorme de espécies, e a mudança climática fazem com que nós vivamos uma travessia entre o mundo que nós conhecemos e o mundo que nós ainda vamos conhecer.

SOBRE A CRISE DA REPRESENTATIVIDADE POLÍTICA: VOCÊ CONSIDERA QUE ESSA IDEIA DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA SE ESGOTOU OU ESTÁ SE ESGOTANDO?

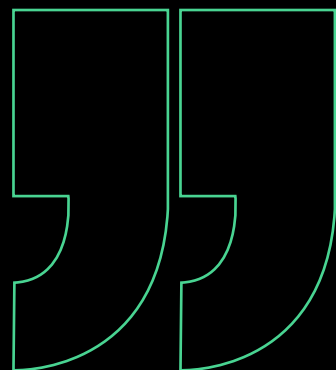
A ideia da representação analógica está se esgotando. Durante todo o período da democracia representativa, vivemos uma representação que se baseava no seguinte fato: as pessoas não podiam ser consultadas adequadamente sobre as questões, então, fazia-se uma eleição e as pessoas elegiam algumas poucas pessoas para serem representadas no processo decisório. Por outro lado, as pessoas não tinham informação sufi-

ciente e em tempo real, então, na verdade, na campanha política, elas eram informadas das questões e se identificavam com algumas dessas informações. Hoje, vivemos numa sociedade na qual as pessoas têm informação em tempo real, sabem como e por que as coisas acontecem (ou pelo menos fazem uma ideia disso), têm opinião e trocam essa opinião o tempo todo em rede. Então, a sociedade foi se digitalizando, mas continua analógica. Ainda que ela entre no mundo digital, ela entra sem saber o que é o mundo digital. Ela aproveita algumas técnicas desse universo, mas não se imbuíu do fato de que a sociedade vive em rede e é mais democrática e menos controlável. O partido era uma forma de organizar essas ideias analógicas em blocos que permitiam às pessoas detectar aqueles que pensavam como elas. Eu duvido que os partidos sobrevivam ao processo de digitalização da sociedade. Acho que o partido, tal como nós o conhecemos, não vai existir no futuro. O que será colocado no lugar eu não sei, mas o partido está parando de fazer sentido. Como a mudança social é muito rápida, vão se criando camadas e categorias sociais novas que não encontram representação nem no sistema partidário, nem no sistema sindical, nem em lugar nenhum.

A IDEIA DE DIREITA E ESQUERDA É UMA PROVA DE QUE AS CATEGORIAS POLÍTICAS ESTÃO PERDENDO O SENTIDO?

Sem dúvida, embora com desigualdade. Há um conjunto de ideias que se adaptou melhor a essas transformações. O que se chama, por exemplo, de “neoliberalismo”: dá soluções a crises fiscais do Estado, que, embora tenham um custo social, funcionam. Se você aplicar um regime de austeridade fiscal, você consegue sanear as contas e financiar o Estado e a economia cresce, mas aumenta a desigualdade. A chamada “esquerda” não conseguiu atualizar o seu pensamento, então continua pensando com relação a categorias tradicionais. A esquerda mais de matriz marxista continua a achar que a classe fundamental popular é o operariado industrial. Esse operariado industrial está desaparecendo, e hoje é minoria na categoria dos trabalhadores. A indústria manufatureira cada vez representa menos na econo-

Nós entramos nesta crise da democracia representativa com uma democracia de pior qualidade que deveríamos ter no momento no Brasil.



mia, nós estamos entrando na economia do conhecimento, criativa. Então, não faz sentido você pensar em política dos setores populares baseada em uma categoria muito específica, em uma determinada era do capitalismo que está acabando. Para mim, a minha esquerda ideal tenta buscar formas compatíveis de proteger os setores desprotegidos da sociedade, levando em consideração as limitações naturais desse processo de globalização, como a responsabilidade fiscal. Está claro que não pode chegar um governo de esquerda e gastar tudo o que se quer gastar; tem que haver prioridades, redistribuir o orçamento de forma equilibrada, porque senão ele produzirá uma crise, que será corrigida com a austeridade neoliberal, que afetará os mais vulneráveis. Esse processo de transformação destrói empregos, atividades profissionais e modelos de negócios. Estamos vendo isso nas indústrias do cinema, da música, no jornalismo. Os modelos de negócios tradicionais não estão dando mais certo porque o mundo está mudando radicalmente. Como é que a sociedade está respondendo a tudo isso? De forma compatível à ideia de “tudo está por nossa própria conta”. A ideia que mais se dissemina é o a do empreendedorismo. Mas, se você não tem talento de empreendedor, você vai fracassar. Talento não se ensina, e um bom empreendedor é quem tem talento para isso. Uma das questões do conceito de igualdade social é exatamente essa: criar oportunidades iguais para que as pessoas possam realizar diferentemente suas aptidões, desejos e capacidades. Nenhuma sociedade é homogênea, a igualdade não evita a diversidade.

EMBORA EXISTA ENTRE OS MAIS JOVENS E NOS PAÍSES MAIS RICOS UMA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL QUE NÃO EXISTIA NO PASSADO, HÁ REAÇÕES DA POLÍTICA, COMO A DO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS, QUE CONSIDERA O AQUECIMENTO GLOBAL UMA FRAUDE. ESSA É OUTRA CRISE DO NOSSO TEMPO?

Nós fomos convocados a enfrentar um problema sobre o qual os próprios cientistas dizem não estar seguros. Isso é uma mudança no modo que a humanidade encara a ciência. Ao longo do iluminismo, sobretudo du-

rante o século 20, nós nos acostumamos a olhar a ciência como uma coisa exata. O físico fazia previsões que davam certo e eram reprodutíveis em laboratório. Hoje, eles estão trabalhando como cientistas sociais, fazendo previsões probabilísticas. A sociedade estava acostumada a ouvir certezas dos cientistas e agora ouve dúvidas, o que provoca negação numa parte da sociedade e paralisa numa outra. Eu acredito que o movimento da sociedade possa ser auxiliado por decisões políticas sensatas. Um dos aspectos fundamentais dessa mudança é incrementar o poder em dois polos: aumentando o poder global, porque se eu desmato a Amazônia, eu não estou causando um problema só para a Amazônia, mas para o Brasil e o mundo; e aumentando o poder local, porque as cidades estão fazendo esforço para ficar cada vez mais inteligentes. E esse é o caminho da democracia mesmo, uma democracia que se realiza na cidade e que deixa muito pouco para ser resolvido no plano nacional. E o resto tem que ser resolvido no plano global com muito menos interferência nacional.

EXISTE UM COMPONENTE INÉDITO NA CRISE DA DIGITALIZAÇÃO DA SOCIEDADE, CUJA SOLUÇÃO NÃO TENHA EXEMPLOS HISTÓRICOS EM QUE SE BASEAR?

Eu concordo. Nós temos condições técnicas de aceleração da história, mas essa aceleração só é compatível com uma comunicação digital em tempo real. Eu só consigo me mover profissionalmente, em qualquer categoria que exija estar em conexão com o mundo, se eu estiver conectado. Se não, eu fico desinformado rapidamente. Esse é um aspecto fundamental. Outro componente inédito é nós podermos usar as máscaras que quisermos, construir personagens digitais, com fotografias, ícones. Podemos usar máscaras para nos comunicar de maneira mais livre e mais malévola. É como se eu pudesse botar uma máscara e sair fazendo tudo o que quero sem censura, o que sempre foi um sonho do ser humano. Ele sempre usou máscaras, mas menos ostensivamente nesse jogo do eu social e eu íntimo, em que eu sou aquilo que eu quero que você me veja ser e não aquilo que eu sou de fato. E eu vou fazendo vários personagens conforme o grau de intimidade que tenho



com as pessoas. O mundo digital permite que você faça isso com muita liberdade e produz um fenômeno que é a linguagem do ódio, da difamação, o uso de robôs, a ideia de *fake news*. Tudo isso faz parte dessa liberdade nova que precisa ser aprendida para se criar mecanismos de defesa, mas neste momento há uma exacerbação, como há em tudo. Assim como a mudança social gera crise, a digitalização também gera crise, exacerba coisas que já existiam no mundo analógico. A vida em rede será a vida que nós quisermos que ela seja. O Brasil experimenta essa transição de forma singular porque nós ficamos atrasados em relação a muitas coisas. A conexão digital é muito cara, portanto, a digitalização é mais desigual do que em outros lugares do mundo similares ao nosso. Nós entramos nessa transição carregando um passivo, que podemos descartar se quisermos. É o que chamo de “vontade do atraso”, que é você não precisar repetir todos os passos da modernização que os outros passaram. Na educação, nós atrasamos tanto que não dá para ficar pensando em fazer uma sala de aula melhor. É preferível usar toda a tecnologia disponível para revolucionar a sala de aula para educar mais gente mais rapidamente.

VOCÊ CUNHOU O TERMO “PRESIDENCIALISMO DE COALIZÃO” PARA INTERPRETAR AS RELAÇÕES POLÍTICAS BRASILEIRAS. VOCÊ ACREDITA QUE ESSE MODELO SE ESGOTOU?

O modelo está em esgotamento como todos os outros do mundo, por exemplo, o semipresidencialismo francês ou o parlamentarismo inglês. Mas, no caso do presidencialismo de coalizão, houve uma confusão, que é o fato de o presidente ter que governar com alianças caso seu partido não consiga eleger a maioria no Congresso. Isso diferencia o presidencialismo brasileiro do americano. Aqui, um presidente sem maioria não governa, tem sido assim ao longo da nossa história. A maneira clientelista de se fazer a coalizão e administrá-la, ela se tornou mais corrupta e corrompida. Essa prática já se exauriu, o Brasil não suportaria mais um Petrolão, isso nos levaria a uma crise gravíssima. Então, a prática tem que mudar, mas isso não se consegue simplesmente mudando a regra. É preciso mudar o comportamento,

fazendo com que os políticos façam coisas que eles não estão fazendo, como se expor à sociedade, por exemplo. Hoje, quem ganha a campanha é marqueteiro. O candidato não conversa na frente da câmera livremente, é um boneco perfeito e não aquilo que o povo vai ver no exercício da presidência ou do Congresso. Temos que tirar esse candidato dessa zona de conforto e trazê-lo ele para rua porque aí o eleitor passa a ter memória. Precisamos reduzir tempo de televisão, reduzir financiamento. Partido político não tem que ser financiado pelo Estado, mas por seus militantes. Se você consegue se financiar, você consegue se eleger. É uma regra razoável. Por outro lado, temos federalismo artificial baseado em dinheiro. Quando há uma crise fiscal, o presidente da República, mesmo sem ter orçamento, tem mais poder do que qualquer prefeito, governador, deputado ou senador. Basta dar uma migalha aqui, liberar uma emenda ali, financiar um hospital, e ele consegue o que quer do Congresso. É concedido um poder artificial ao presidente. Para a democracia funcionar, é preciso que se descentralize o federalismo. Sou a favor do fim das coligações em qualquer circunstância, porque carona é ruim, exceto na mobilidade urbana. Nós temos que ter mecanismos que permitam entradas novas, para que pessoas que nunca fizeram política ou que ocuparam cargos menores possam disputar em condições iguais. A ideia de que um bom empresário pode ser um bom presidente é falsa, ele vai fracassar como presidente porque o setor público não é uma empresa. Se você adotar critérios empresariais no setor público, você paralisa esse setor e cria uma crise que desestabiliza o mandato do presidente. Tem que ter eficiência, mas o critério de eficiência é diferente.

ADÃO ITURRUSGARAI ■■■
AGOSTO 2017 ■■■



"A SOCIEDADE BRASILEIRA
NÃO TEM APREÇO
PELA CULTURA."

ENTREVISTADOR 
RENATO GALENO 

IMORTAL DA ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS (ABL) E PRIMEIRA
MULHER A TER PRESIDIDO A
INSTITUIÇÃO, **NÉLIDA PIÑON**

FALA AO **UM BRASIL** SOBRE O
DESAFIO DE SE CRIAR UM PAÍS DE
LEITORES. A ESCRITORA ABORDA
AS DEFICIÊNCIAS DO ENSINO, A
DIFICULDADE DE ACESSO AOS
LIVROS, A PRESENÇA DAS MULHERES
NA LITERATURA NACIONAL, A FALTA
DE RECONHECIMENTO DE AUTORES
BRASILEIROS NO MUNDO E A ATUAL
SITUAÇÃO DA NOSSA POLÍTICA.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

A QUALIDADE DA LITERATURA BRASILEIRA ESTÁ ACIMA DE QUALQUER DÚVIDA, APESAR DE NÃO TER SIDO GERADA A CULTURA DA LEITURA NA POPULAÇÃO, A CLASSE MÉDIA INCLUSIVE LÊ POUCO. QUAIS SERIAM AS RAZÕES PARA ISSO?

Há razões preliminares, quase fundacionais. O Brasil foi se construindo e deu muito pouca importância à cultura. E digo cultura normativa, canônica. Porque a cultura se fazia, independentemente dos poderes, dos desígnios oficiais. E a par dessa cultura tão vinculada ao livro, à produção literária, também a educação continua sendo precária. No Brasil, você aprende tudo pela metade, não aprende o que é mais essencial do projeto educacional, que é pensar, ouvir, responder, contestar, buscar uma mínima soberania das ideias. A sociedade brasileira não tem apreço pela cultura, pelo livro, e não tem formação educacional para entender o que lê. Porque não adianta ler, é preciso entender as nuances contidas em um livro. É uma sociedade que, de algum modo, disfarçou as suas precariedades imitando modismos vindos do exterior. Somos excessivamente vulneráveis às modas estrangeiras. Nós somos excessivamente colonizados.

E COMO QUEBRAR ESSA TRADIÇÃO? SERIA UMA MISSÃO DO SISTEMA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO?

O sistema terá que ser refeito, mas como fazer isso para crianças que não têm casa? A criança brasileira não tem um lugar onde ler, e isso já é um drama. Sem falar que o Brasil está chegando tarde à era de Gutenberg, porque ele hoje está sujeito ao fascínio mais fragmentado da imagem. A escola é uma via condutora de conhecimento, o professor é uma figura essencial. Mal pago, está politizado em excesso, não tem acesso aos grandes temas internacionais contemporâneos porque não compra os livros. O drama está instalado na escola. Os pais deveriam falar da literatura como um bem almejado, como parte de alguma coisa que eu quero para o meu filho. No Brasil, você quer que seu filho ganhe uma bola e seja jogador de futebol. Eu não estou desfazendo o mérito do jogador de futebol, mas não pode ser o único objetivo da vida. Falta o impulso para pensar de forma sistemática, de forma não objetiva, subjetiva.

Tudo isso é um empecilho. Teria que haver uma revolução social no sentido de infundir ânimo de conhecimento nas pessoas. É preciso que os jovens saibam ouvir e aprender que os saberes são uma maravilha. O saber projeta você para algo, o torna uma pessoa fascinante. Mesmo você sendo velhinha. Eu sou uma mulher interessante. Por quê? Por que eu sei. Eu acumulo saberes. Em certas viagens, eu peço uma cadeira de rodas, porque facilita muito, são longos trajetos. E percebo um preconceito extraordinário. Quando não me reconhecem, me infantilizam. Porque eu tenho idade e estou sentada na cadeira de rodas. Sabe o que faço? Começo a demonstrar uma inquietação desnecessária naquele momento porque eu estou ansiosa para lhes dar uma lição. De repente, aqueles jovens olham para mim e dizem: “Quem é essa mulher que sabe mais do que eu?”.

NA COMPARAÇÃO COM OUTROS PAÍSES, O LIVRO É MUITO CARO NO BRASIL. A FALTA DE CONDIÇÕES FINANCEIRAS TAMBÉM É UM ENTRAVE À CULTURA?

Estou totalmente de acordo, mas me permita rebobinar. O livro é caro, no entanto, a pessoa gasta o mesmo dinheiro do livro para o disco, para ir aos grandes shows, para ir ao cinema. Uma entrada de cinema é R\$ 70, é mais caro do que um livro. O livro é um investimento que não interessa. O Brasil tem mais de 5 mil municípios, e poucos têm boas bibliotecas. Quando tem, o livro se torna um *totem*, não se pode tocar. Nós temos que ser generosos e didáticos e com autoridade moral para fazer ver que nós somos responsáveis por um patrimônio coletivo. Isso faz parte da educação da arte.

A CARREIRA DE ESCRITORA É PARA POUCOS. HÁ POUCAS MULHERES NESSE SELETO CLUBE?

A mulher chegou tardiamente ao mundo clássico da cultura. Ela não podia ler, escrever, não ia para a escola. Ela sofreu de restrições terríveis, dramáticas, não tinha acesso ao conhecimento. Temos menos mulheres do que homens escritores, mas temos mais mulheres importantes do que as estatísticas indicam porque elas não são alçadas à categoria do reconhecimento. A



nossa sociedade é indulgente com o homem. O homem pode ter uma obra não tão significativa, mas ser aplaudido. Ele é oficialmente lido pelas classes determinantes do poder literário. E a mulher, não. Quando a mulher é lida, simulam que não a leem para não ter que dizer uma palavra favorável a ela.

ESSAS RESTRIÇÕES À ENTRADA DA MULHER NO UNIVERSO DOS ESCRITORES MAIS NOTÁVEIS É ALGO QUE SE PODE GENERALIZAR NA SOCIEDADE? A MULHER NÃO DEIXA DE ENTRAR EM VÁRIOS OUTROS NICHOS QUE SÃO CONSIDERADOS COMO O RESERVATÓRIO HISTÓRICO DOS HOMENS?

A sociedade feminina é afásica, não tem a palavra. A palavra ainda é do homem. Na Academia Brasileira de Letras, somos 40 membros efetivos, dos quais cinco mulheres. Isso é uma amostra. Quando a Academia me elegeu a primeira mulher presidente, não era uma presidência comum, fui presidente do primeiro centenário. Exerci com plenitude porque ninguém me controlou. Às vezes, a comunidade literária masculina não se dá conta de que está faltando uma figura invisível, que é a mulher. Nesse momento, está havendo um ressurgimento do chamado “movimento feminista”, do qual participei ativamente no final da década de 1960. Conheci as grandes líderes da época, coisa que as jovens não conhecem e não citam essas mulheres tão importantes historicamente. A história nem sempre está atenta em reverenciar os grandes nomes.

MUDANDO DE ASSUNTO, HÁ ESCRITORES DE ALTÍSSIMA QUALIDADE NO BRASIL E DIFICULDADE DE RECONHECIMENTO. POR QUE MACHADO DE ASSIS NÃO É UMA FIGURA UNIVERSAL DA LITERATURA?

Não é só Machado. Nós não tivemos a vocação dos intelectuais do chamado “exílio voluntário”. Poucos escritores brasileiros viveram longas temporadas na Europa. Houve uma época que os paulistas ricos ficaram em Paris, mas não marcamos presença nos grandes centros irradiadores de literatura e poder. Então, houve uma vacância nos grandes centros decisórios. Se o Estado

brasileiro não cuida dos seus filhos, como vamos esperar alguma política de bem fazer ao livro? Saramago foi beneficiário de uma política do então primeiro-ministro. Houve uma vitória europeia e era muito difícil para nós competir com eles. Além disso, nós não tínhamos embaixadores que tivessem prestígio cultural, com prestígio dentro dos países, para abrir caminho e vender os brasileiros. Há uma vocação que você vê na Real Academia Espanhola no sentido de promover a língua espanhola. Lembrei-me de um grande gramático, que dizia: “Para onde segue a língua, segue o império”. Nós continuamos periféricos. Somos ainda um país que não criou um pensamento, portanto, não pode forjar conceitos, não pode competir com o mundo das ideias. Os estrangeiros valorizam o Carnaval, o futebol, mas valorizam em detrimento de uma coisa que não conhecem, o que é uma pena.

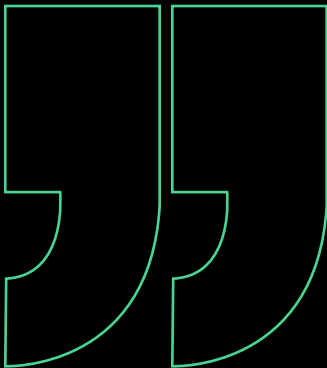
A CLASSE DOS ESCRITORES TAMBÉM DEVERIA SER MAIS ATIVA?

Não. Porque não tínhamos dinheiro para ir para a Europa, não tínhamos quem nos apoiasse e talvez nos faltasse a coragem que os hispanos tinham. Primeiro, eles tinham uma língua já em expansão, e nós, não. Portugal estava em total declínio. Nós nascemos da grandeza de Portugal, mas depois Portugal caiu no declínio. O brasileiro, em geral, foi educado como se nós fôssemos filhos de um país próspero, imenso, gigante pela própria natureza.

VOCÊ VIVEU FORA, ESTUDOU FORA, MAS É MUITO CARIOCA, MUITO BRASILEIRA, TEM UM LUGAR MUITO ESPECIAL PARA O BRASIL NA SUA OBRA. COMO VOCÊ VÊ TANTA CORRUPÇÃO EM TANTOS AMBIENTES DIFERENTES?

Estou tão perplexa como qualquer pessoa. Porque não é uma verdade tirando a nossa máscara. Eles querem me dizer que eu sou corrupta, que a minha família não vale nada, querem cancelar a minha crença em qualquer brasileiro, não só na humanidade. É um dano que não tem reparação. Como vamos limar isso da nossa canção? Criei uma frase muito simpática: “Gente, na nossa família não temos delinquente”, então as pessoas fazem disso um motivo de orgulho. Que preço vamos

Somos ainda um País que não criou um pensamento, portanto, não pode forjar conceitos, não pode competir com o mundo das ideias.





pagar para restaurar a nossa autoestima, como vamos voltar a acreditar que as nossas utopias do passado eram possíveis? Eu acho que Brasília quebrou a coluna vertebral do Brasil, deixou vácuos no poder. Uma falsa capital precisou ser criada, vantagens extraordinárias foram concedidas, as malhas dos Poderes brasileiros foram ampliadas, um império do qual o brasileiro foi expulso foi criado. Nós não somos de Brasília, quem pensa que faz parte está muito iludido. Brasília nos expulsou. Não temos o menor poder; todas as ordens, os comandos, a legislação é feita em geral à nossa revelia, só beneficiando o nepotismo, as famílias poderosas. Apesar de todas as minhas indagações, nós temos que ficar vigilantes, e os mais jovens vão a ter responsabilidade de pegar um timão e levar. Aliás, os gregos dizem que é nos momentos de grandes tempestades que você descobre um grande capitão. E o que temos em Brasília? Homens fracos, corruptos e débeis, que não têm o menor sentido de grandeza, ambição.

VEJO QUE VOCÊ TEM UM INCÔMODO COM AS PESSOAS DA CLASSE MÉDIA QUE DESISTEM DO BRASIL. VOCÊ ACHA QUE ESSA É A HORA DE FICAR?

Houve uma grande briga entre Claude Simon, grande escritor francês, e Jean-Paul Sartre. Sartre dizia “Os escritores negros africanos que vivem em Paris devem voltar para suas terras, devem servir suas nações pobres”. O Simon dizia “Não, fiquem aqui, eduquem-se e façam grandes livros para quando a África for liberada e tiver sua independência, que o africano tenha a sua literatura”. Eu quero deixar o meu patrimônio para o Brasil. Se vão apontar se eu tenho mérito ou não, veremos. Temos que salvar o Brasil, somos nós os responsáveis por isso. É um país que tem uma língua linda, um povo tão original, tem uma sensualidade, tem música, mas com grande grau de corrupção. Nós temos grandes méritos, mas estamos muito sem educação, despreparados. Temos que lutar para organizar as ideias e ter um vocabulário. Se você não fala, não tem o que dizer, o que pensar.



RAÇA E GÊNERO EM UM SOCIEDADE PRECONCEITUOSA

ENTREVISTA 
SABINE RIGHETTI 

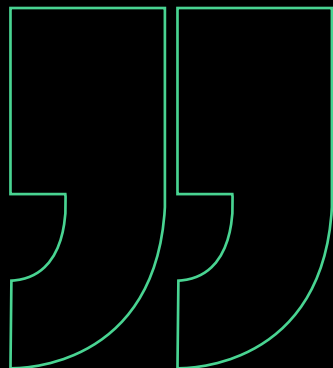
DJAMILA RIBEIRO, FILÓSOFA E
ATIVISTA DO FEMINISMO NEGRO,
E **AMARA MOIRA**, ESCRITORA E
MILITANTE LGBT DEBATEM QUESTÕES
RELACIONADAS ÀS DISCRIMINAÇÕES
RACIAL E DE GÊNERO,
VIOLÊNCIA SEXUAL, MUDANÇAS
E CONFLITOS OCASIONADOS
POR TRANSFORMAÇÕES DA
SOCIEDADE. ELAS DEFENDEM UM
APROFUNDAMENTO NAS DISCUSSÕES
COM A PARTICIPAÇÃO DO HOMEM
BRANCO HETEROSSEXUAL, O TOPO
DA PIRÂMIDE SOCIAL. O DEBATE
TEVE A PARCERIA DO BRAZIL FORUM,
SEMINÁRIO REALIZADO EM LONDRES
POR BRASILEIROS PESQUISADORES
DA UNIVERSIDADE DE OXFORD E
LONDON SCHOOL OF ECONOMICS.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

Se estamos
incomodando, é bom
sinal. É necessário
incomodar para que
as pessoas percebam
que nenhuma
mudança vem
sem conflito.

DJAMILA RIBEIRO



TEMOS AQUI DUAS ATIVISTAS QUE TRABALHAM COM QUESTÕES LIGADAS A RAÇA, GÊNERO, LGBT. DJAMILA, VOCÊ PODERIA FALAR UM POUCO SOBRE A INTERSECCIONALIDADE, TEORIA QUE DIZ QUE É PRECISO TRABALHAR POR MUDANÇAS NA SOCIEDADE EM DIVERSAS FRENTES?

DJAMILA RIBEIRO – O conceito da interseccionalidade vem sendo pensado pelas feministas negras há algum tempo e, em 1989, ganhou nome por meio da tese de doutorado de Kimberle Crenshaw [*ativista americana*]. Ela defende que as questões de raça e gênero se combinam, gerando diferentes formas de opressão.

COMO UM HOMEM BRANCO HETEROSSEXUAL SE ENCAIXA NISSO?

DJAMILA – O homem branco, heterossexual e rico está no topo da pirâmide social. Muitos acham que estão em determinados lugares porque são brilhantes. Não entendem que as vantagens que possuem podem ser fruto de uma sociedade desigual. Falta consciência.

AMARA MOIRA – Como sou da literatura, meu exemplo é o do professor que fala sobre literatura erótica e nem sequer se dá conta de que alguns poemas que ele seleciona como eróticos envolvem violência sexual. Escrevem críticas sobre *O Cortiço* [*livro de Aluísio Azevedo*] e não falam sobre o quanto a obra escancara a condição precária da mulher e da pessoa negra. Quando pontuo sobre cenas de estupro, sou acusada de praticar a ditadura do politicamente correto.

DJAMILA – Os homens brancos não têm necessidade de pensar sobre a sua condição. São universais. Olham para mim e para a Amara e dizem que nós somos específicas. É necessário discutir o racismo não apenas sob a perspectiva do negro, mas também do branco.

SOBRE A QUESTÃO DO POLITICAMENTE CORRETO, TENHO A PERCEPÇÃO DE QUE ESTÁ FICANDO MAIS INTENSA: HÁ ATÉ MULHERES SE POSICIONANDO CONTRA O FEMINISMO. COMO VOCÊS ANALISAM?

DJAMILA – Tem o lado positivo. É necessário incomodar

para que as pessoas percebam que nenhuma mudança vem sem conflito. Alguns grupos se veem ameaçados de perder privilégios. É normal.

AMARA – “Politicamente correto” é uma expressão terrível. Gosto de pensar em uma linguagem que não violente grupos à margem. Aparece o Didi Mocó declarando que hoje já não pode fazer piada como fazia na década de 1980. Isso significa que a sociedade está se dando conta de que a linguagem tem o poder de jogar grupos para debaixo do tapete. Cobrar que as pessoas sejam responsáveis por aquilo que dizem é o mínimo.

O QUE VOCÊS ACHAM DO PROJETO EM DEBATE NO BRASIL SOBRE A DISCUSSÃO DE GÊNERO NA ESCOLA?

AMARA – É preciso discutir, porque gênero não é simplesmente a forma como a pessoa se entende. É pensar para onde as violências se dirigem.

DJAMILA – Estamos no País que mais mata travestis e transexuais no mundo. Mulheres são agredidas e estupradas. Queremos estudar o tema nas escolas justamente para combater essas violências.

DJAMILA, VOCÊ PREFACIOU O LIVRO DA ANGELA DAVIS, QUE TEVE UMA OBRA TRADUZIDA AGORA, DEPOIS DE DÉCADAS. O QUE PODEMOS APRENDER DELA?

DJAMILA – Sim. Foram 36 anos! *Mulheres, raça e classes* foi publicado depois de brigas. Ela é acadêmica, não de gabinete. Quando se engajou na luta antirracista, foi presa, ganhou visibilidade. Ela ensina que precisamos pensar em novos marcos civilizatórios.

AMARA, VOCÊ RELATOU QUE TINHAM ACEITADO VOCÊ COMO TRANS, MAS NÃO COMO FEMINISTA. COMO É ISSO?

AMARA – A universidade lidou muito bem com a minha transição de gênero, mas tem problemas em aceitar engajamento em movimentos sociais. Publiquei dois livros e diversos artigos na área de gênero, mas não publiquei tanto sobre o meu objeto específico do douto-

rado. Fui aceita como pessoa trans. Mas quando eu me coloquei como feminista e militante e comecei a questionar posturas da própria Unicamp, tive que me preocupar com a possibilidade de ser expulsa do programa.

ESSA TRANSFORMAÇÃO ACONTECEU DURANTE O SEU DOUTORADO?

AMARA – Sim. Entrei no doutorado há quatro anos para estudar a obra de James Joyce. De repente, percebi que o meu projeto servia para reforçar a ideia de que Joyce é um autor para ser objeto de investigação de especialistas. Entrei em crise. Agora estou tentando fazer a obra circular em mais espaços.

AMARA, PODE CONTAR UM POUCO A HISTÓRIA DO SEU LIVRO?

AMARA – No começo da minha transição, eram cinco pessoas trans na Unicamp, em um universo de 30 mil alunos. Ser sujeito-estatística naquele espaço me amedrontava. Então fui para o Jardim Itatinga, bairro da prostituição em Campinas, no qual existiam 2 mil trabalhadoras sexuais, sendo cem delas travestis. Ou seja, 5%. Lá, estava na rua com pessoas que sabem o que é transfobia, o que é lutar contra o próprio corpo. Tudo isso fez com que eu me sentisse participante do grupo. E comecei, com elas, a me prostituir. Tinha medo de perder meu doutorado e de ser expulsa de casa. Mas queria lidar com o medo. E comecei a escrever o blog sobre as experiências, como estar na rua seminua, mesmo no frio, chovendo; como os homens nos tratam antes e depois do programa. Para que as pessoas pudessem olhar para os profissionais do sexo e enxergar além da pessoa de vida fácil. Uma editora me procurou para que eu transformasse o blog em livro. O livro já motivou teses e artigos. É leitura obrigatória em várias disciplinas de Antropologia. Mas ainda sou considerada improdutiva.

QUAL É A VISÃO DE VOCÊS SOBRE O RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA SAÚDE QUE APONTA QUE O BRASIL TEM DEZ CASOS DE ESTUPRO COLETIVO POR DIA? QUASE UM A CADA DUAS HORAS.

DJAMILA – Assustador. Dados desse tipo mostram o quanto as lutas feministas são necessárias. Muitas vezes a mulher é tratada como mero instrumento de prazer masculino. E não acredito no punitivismo como saída. A Lei Maria da Penha é importante, assim como a Lei do Feminicídio, mas não resolvem a questão. A maioria das mulheres vulneráveis acaba não tendo acesso à Justiça.

AMARA – No assédio e em toda a violência que a mulher sofre existe uma tentativa de controle que leva ao enlouquecimento. Quando ela sai de casa sozinha, tem que se preocupar com a roupa que está vestindo. Só que grande parte da violência doméstica e sexual acontece no interior da casa, então não existe lugar onde ela fique segura. Na questão da beleza, cobram que você reproduza um padrão de feminilidade – ao passo que a beleza masculina é deixar o corpo do jeito que está, talvez desenvolver o que já tem de potencial.

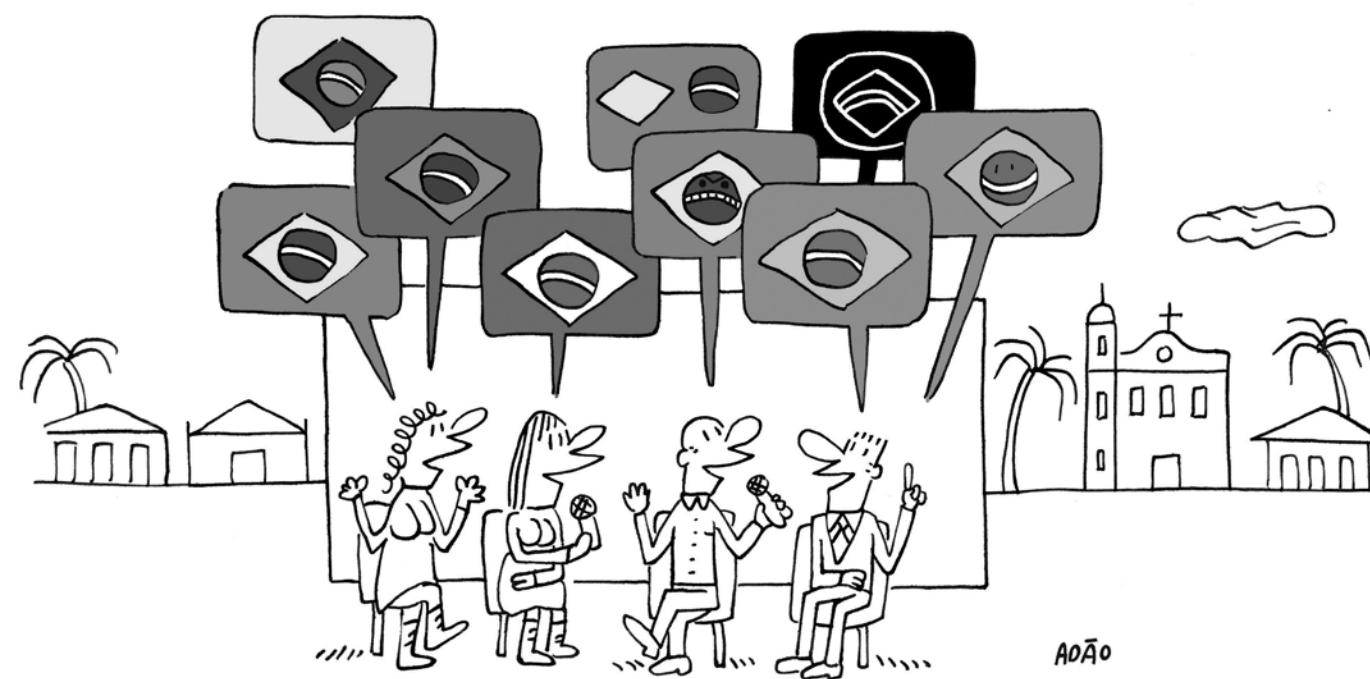
VOCÊS IMAGINAM QUE UM DIA CHEGAREMOS A UM PONTO NO QUAL NÃO TEREMOS MAIS QUE DEBATER GÊNERO, RAÇA, QUESTÕES DE MINORIA?

DJAMILA – É um caminho longo. Talvez a minha filha, ou as outras gerações, sejam beneficiadas. Nós, feministas, sabemos que, antes de nós, houve uma trajetória de luta para que chegássemos aonde estamos.

AMARA – As mudanças que estamos conquistando são irreversíveis. Entretanto, em vários momentos, a história mostra retrocessos. Na virada do século 19 para o século 20, Berlim era uma cidade que lidava bem com a diversidade sexual. Depois, veio o nazismo, que mantinha campos de concentração focados na população LGBT. No caso da mulher: o conceito para a minha avó, que nasceu quando as mulheres ainda não podiam votar, é diferente do que é mulher para quem nasce hoje e já viu uma mulher ser eleita presidente. As transformações são sólidas, mas sempre com “medinho” de que uma conjuntura infeliz reverta o progresso. Mas estamos conquistando nosso espaço.



ADÃO ITURRUSGARAI ■■■
JULHO 2016 ■■■



POR QUE O BRASIL AINDA É UM PAÍS COM DESIGUALDADES?

ENTREVISTADOR ■■■
HUMBERTO DANTAS ■■

ATÉ QUE PONTO AS POLÍTICAS PÚBLICAS REDUZIRAM A CONCENTRAÇÃO DE RENDA NO BRASIL? PARA RESPONDER ESSA E OUTRAS PERGUNTAS ACERCA DAS DESIGUALDADES QUE MARCAM NOSSA SOCIEDADE, **MARTA ARRETCHÉ**, DIRETORA DO CENTRO DE ESTUDOS DA METRÓPOLE E PROFESSORA DE CIÊNCIA POLÍTICA DA USP, CONVERSOU COM **UM BRASIL**. A ACADÊMICA COMENTA TAMBÉM A INFLUÊNCIA DA ELEVAÇÃO DO VALOR REAL DO SALÁRIO MÍNIMO NOS RENDIMENTOS DAS FAMÍLIAS E A DISPARIDADE DE RECURSOS ENTRE OS MUNICÍPIOS PARA APLICAÇÃO EM SERVIÇOS PÚBLICOS.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista



EXISTEM FORMAS DE INTERPRETARMOS OS IMPACTOS DE DETERMINADAS POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE A DESIGUALDADE. O QUANTO A DISPUTA POLÍTICA INFLUENCIA NESSA DISCUSSÃO?

Há duas histórias que são contadas sobre o que aconteceu no Brasil. Uma história de que a desigualdade teria permanecido elevada e estável mesmo sob os governos petistas, essa é uma tese defendida pelo economista francês Thomas Piketty. Outra interpretação diz que a desigualdade, seja sob a democracia, seja sob governos do PT, teria não apenas caído, mas caído a taxas mais elevadas do que numa transição semelhante nos países sociais-democratas na origem do processo de queda da desigualdade. As duas são verdadeiras porque tratam de conceitos diferentes.

QUAL É O CRITÉRIO DE DEFESA DE CADA UMA?

O conceito de desigualdade é amplo, abstrato. A interpretação que diz que a desigualdade não caiu mede o nível de concentração da riqueza do 1% mais rico, o quanto o 1% mais rico extrai do conjunto da riqueza. Os estudos são muito sólidos para mostrar que a desigualdade tem sido estável no Brasil. Na verdade, os estudos mundiais mostram que essa concentração de riqueza no topo só cai em situações excepcionais, como guerras e epidemias. A outra que diz que a desigualdade caiu se baseia na trajetória dos outros 99%. A redução da extrema pobreza ocorreu de fato a partir da implantação do Bolsa Família, da elevação do valor real do salário mínimo, que teve um impacto importante sobre os setores menos qualificados do mercado de trabalho. Houve um processo de inclusão importante que reduziu a desigualdade, sim, embora tenha ocorrido também num contexto em que o 1% mais rico mantém uma parcela muito importante de apropriação da riqueza total.

É POSSÍVEL DIZER QUE A LÓGICA DA DESIGUALDADE SE DESLOCOU A PONTO DE RETIRAR UMA QUANTIDADE DE PESSOAS DO NÍVEL DE POBREZA EXTREMA, MAS NÃO REDUZIU A DISTÂNCIA ENTRE OS MAIS RICOS E OS MAIS POBRES?

Exatamente. Se adotarmos a métrica do último livro do economista sérvio-americano Branko Milanovic – em que ele diz que se quisermos observar a queda da desigualdade, a métrica deve ser o ganho relativo dos diversos estratos de renda em um período de tempo –, ao analisarmos entre 1985 e 2015, os 40% mais pobres tiveram o maior ganho relativo. Há também a métrica Pigou-Dalton, que estabelece que a redução da desigualdade ocorre quando os estratos mais baixos da pirâmide têm um ganho relativamente superior aos mais altos. Se olharmos desse ponto de vista, nesse período, os setores mais pobres da população brasileira ganharam relativamente mais do que os mais ricos. O nosso ponto de partida era escandalosamente desigual, então os ganhos relativos desse período reduziram as distâncias, sem dúvida, mas elas ainda são grandes, precisaríamos de muitos anos mantendo o mesmo ritmo para que a desigualdade, considerando apenas a renda, deixasse de ser tão escandalosa quanto é.

DIFERENTES NARRATIVAS BUSCAM TRAZER PARA MAIS PERTO DE SI OS BENEFÍCIOS DA REDUÇÃO DESSA DESIGUALDADE. QUE TIPO DE POLÍTICA PÚBLICA PODE SER SENTIDA COMO A MAIS EFETIVA NO PROCESSO DE REDUÇÃO DA DESIGUALDADE?

A redução da desigualdade de rendas tem o efeito das políticas, mas também é resultado da conjunção de fatores exógenos a elas. O primeiro é demográfico: o Brasil era uma espécie de usina de produção de população pobre e com baixa qualificação. O censo de 1970 mostra, por exemplo, que entre as mulheres ricas e escolarizadas, existia uma média de dois filhos por mulher fértil. Nas menos escolarizadas e pobres, essa média era de sete a oito filhos. A partir do início da década de 1980, as mulheres mais pobres e menos escolarizadas mudaram o seu comportamento reprodutivo. Em 2010, as mulheres brasileiras, independentemente da faixa de renda, tinham em média dois filhos por casal. Então aquela usina demográfica de produção de força de trabalho com baixa qualificação parou de funcionar, afetando a oferta de mão de obra com baixa qualificação independentemente de qualquer política. Não é resultado de nenhuma política deliberada de controle da natalidade,

mas de uma mudança de comportamento reprodutivo das mulheres pobres que adotaram o comportamento das mulheres ricas. Outro fenômeno de comportamen- to afetado pelas políticas na década 1980 foi a entrada da mulher no mercado de trabalho. Uma massa de pes- soas que não tinha renda e passou a ter, mesmo que muito baixa. Do mesmo modo, nos governos petistas, teve o *boom* da commodities que aqueceu o mercado de trabalho. Esses dois fenômenos se encontraram no tem- po e geraram um impacto sobre a compreensão salarial.

QUAL É A SUA VISÃO SOBRE OS RESULTADOS DO BOLSA FAMÍLIA?

Teve impacto sobre a extrema pobreza, mas o impacto sobre a desigualdade foi muito pequeno. Acabou atin- gindo 11, 12, 13 milhões de famílias que não tinham renda e passaram a ter, mesmo que muito pequena. Isso ativa economias locais, cidades dependentes dessa renda. Quem teve o maior impacto de renda é o que chamo da “política em torno do salário mínimo”. A queda da desi- gualdade de renda começou a ocorrer em 1992 no Bra- sil, antes do Plano Real. A Constituição de 1988 tomou uma decisão muito importante, que é: o cidadão que não tiver outra fonte de renda e que chegar à idade de 67 anos, 70 anos, terá a sua renda vinculada ao salário mínimo. Isso produziu, a partir de 1992, uma mudança muito grande da população cuja renda está indexada ao salário mínimo. Estimativas conservadoras calculam que em torno de 25% da população são de beneficiados diretos do salário mínimo. O valor do salário mínimo afetou o comportamento do mercado de trabalho.

PENSANDO NA LÓGICA DAS CIDADES BRASILEIRAS, QUANTO ESSES MUNICÍPIOS SÃO DESIGUAIS? O DESENHO FEDERATIVO BRASILEIRO PAGA UM PREÇO NESSA LÓGICA DA DESIGUALDADE?

A dinâmica de renda das cidades brasileiras é muito pouco afetada pelo o que os municípios fazem porque as políticas de renda, emprego e salário são basicamen- te federais. Eles têm desigualdades no quesito de servi- ços. De 1988 para cá, transferiu-se para as cidades as

responsabilidades sobre quase todas as políticas que afetam o bem-estar do cidadão, exceto a segurança. E os municípios são muito regulados pelo governo fe- deral nas políticas de educação, saúde, infraestrutura. Por isso, há políticas muito similares, porque a autono- mia para decidi-las é muito constrangida pela regula- ção do governo federal. O Brasil tem uma engenharia grande para conseguir reduzir a desigualdade entre as famílias na sua capacidade de prestação de serviços.

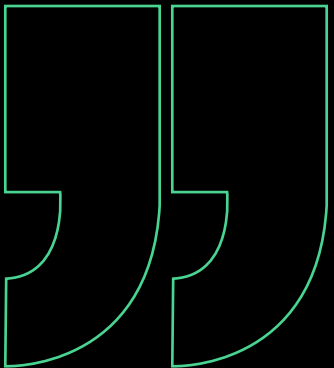
AS DIFERENÇAS E PARTICULARIDADES DAS CIDADES BRASILEIRAS NÃO INVIABILIZA UM EQUILÍBRIO ENTRE ELAS?

São Paulo, com 11 milhões de habitantes, e Borá, que tem 800, são igualmente municípios para a legislação. No Brasil, todos têm que cumprir o mesmo molde fe- deral que não corresponde necessariamente ao que o município comporta. Não faz sentido que municípios menores tenham a mesma estrutura administrativa que os mais complexos. Isso poderia ser repensado para tornar o arranjo institucional adequado às realidades locais. A ideia de autonomia dos municípios é mais na execução do que na decisão, a Federação concentra a decisão dos formatos.

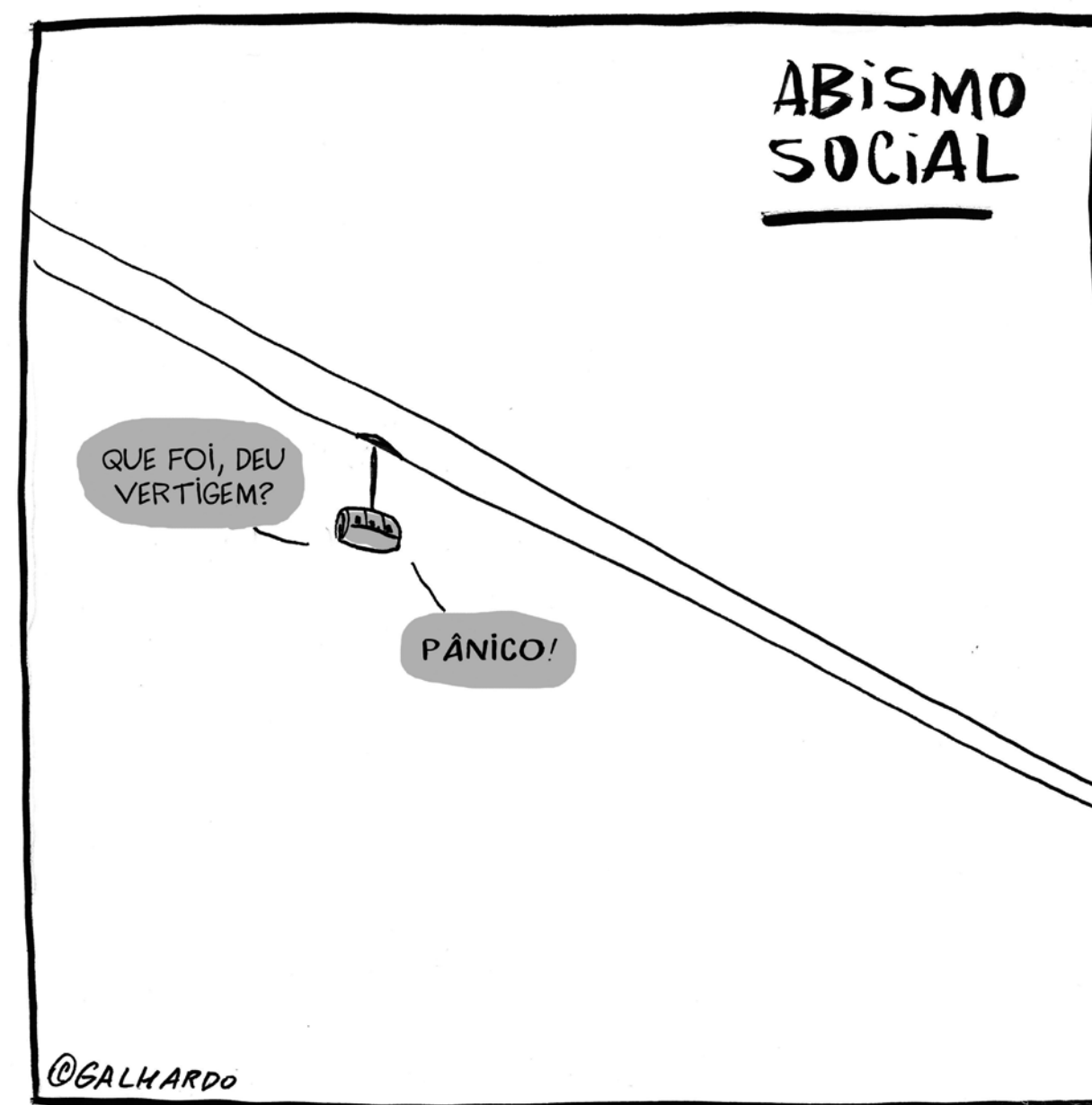
ESSE REDESENHO INSTITUCIONAL, NÃO MERAMENTE ELEITORAL E PARTIDÁRIO, NÃO SE TORNA INVIÁVEL NA MEDIDA EM QUE ENVOLVE ATORES POLÍTICOS COM LEITURAS QUE NÃO PERMITIRÃO GRANDES ALTERAÇÕES NO FORMATO?

Nos debates no Congresso, uma das justificativas para reformas que centralizam e promovem formatos mui- to homogêneos é basicamente a seguinte: esses temas são muito importantes para deixarmos na mão dos prefeitos. E há outra linha de pensamento que diz o seguinte: muitos dos males da política brasileira são explicados pelo comportamento eleitoral dos grotões, algo que é questionável se vermos o que acontece nas metrópoles. As interpretações sobre o Brasil teriam que mudar bastante para que reformas na direção da flexi- bilização do Estado viessem a ser adotadas.

O Bolsa Família teve impacto sobre a extrema pobreza, mas o impacto sobre a desigualdade foi muito pequeno.



CACO GALHARDO ■
NOVEMBRO 2017 ■



NOVO CONTRATO SOCIAL
PELO DESENVOLVIMENTO

ENTREVISTADOR 
RENATO GALENO 

PROFESSOR DA NEW YORK
UNIVERSITY SHANGHAI E DA
FUNDAÇÃO DOM CABRAL,

RODRIGO ZEIDAN É UM CRÍTICO
DO ENGESSAMENTO DO SISTEMA
FINANCEIRO NACIONAL. ELE DEFENDE
ALTERAÇÕES NAS POLÍTICAS DO
BANCO CENTRAL E DO BNDES E
RESSALTA QUE DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO TAMBÉM DEPENDE DE
MUDANÇAS NO COMPORTAMENTO
DA SOCIEDADE EM FAVOR
DA EDUCAÇÃO, DO RESPEITO
E DA CONFIANÇA MÚTUA. A
ENTREVISTA FOI REALIZADA
EM PARCERIA COM O FÓRUM
BRAZIL+CHINA CHALLENGE 2017.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

VOCÊ DEFENDE MAIOR COMPETIÇÃO NOS MERCADOS BANCÁRIO E DE CRÉDITO NO BRASIL. E CITA COMO EXEMPLO O SHADOW BANKING, QUE É MUITO FORTE NA CHINA. O QUE PODERÍAMOS APRENDER COM OS CHINESES NESSA ÁREA?

O mercado financeiro é regulado em qualquer lugar do mundo, não existe competição plena. Competição significa entregar um resultado do mercado à sociedade melhor do que temos no Brasil. O Brasil é um país com uma das taxas de juros reais mais altas do mundo. É um dos mercados financeiros mais seguros do mundo. Mas isso tem um custo. Na verdade, a moderna regulação do sistema financeiro brasileiro é uma grande resposta a eventos da década de 1990. Em 1994, o Banco Central (BC), com outras autoridades, precisou socorrer o sistema financeiro por meio do Proer [*Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional*]. Com a regulação, o BC quer que não haja nenhuma possibilidade de crise, e isso é importante. Mas o BC exagerou nessa busca de segurança. Acabou virando um jogo no qual o BC entrega segurança à sociedade promovendo concentração de mercado. Porque é muito mais fácil monitorar o sistema que tem poucos *players*.

ISSO É DIFERENTE EM OUTROS PAÍSES?

Em qualquer lugar do mundo é impensável que você entregue um sistema que já está concentrado. Veja, o Citibank sai do Brasil, é vendido para um dos quatro grandes bancos brasileiros; o HSBC, você entrega nas mãos do Bradesco; o Itaú, um dos maiores bancos do Brasil, compra a corretora que mais cresce, a XP. Ou seja, o mercado que já era concentrado fica ainda mais concentrado. É praticamente impossível que isso fosse aprovado em qualquer lugar do mundo. Provavelmente organismos anticartel não permitiriam. Ele entrega segurança. Qual é o outro lado da história? Temos um dos sistemas financeiros mais ineficientes, concentrados e pouco inovadores do mundo.

É POSSÍVEL DAR EXEMPLOS DESSA ATUAÇÃO PROTECIONISTA?
Podemos pegar o exemplo do Nubank, uma empresa de cartão de crédito que entrou no Brasil recentemente.

Ela quase foi quebrada pelo BC. Eles disseram que ela teria que ser regulada como qualquer banco. O BC é uma barreira de entrada no mercado brasileiro num jogo anticompetitivo. Não estou acusando o BC de qualquer coisa ilegal, mas é confortável [*para o setor financeiro*]. Um executivo me disse que, para lançar qualquer projeto de inovação, tem que pedir autorização ao BC. E o que o BC faz? Uma consulta aos outros bancos para saber se aquela inovação pode ser disruptiva ao sistema.

É UM INCENTIVO À NÃO INOVAÇÃO...

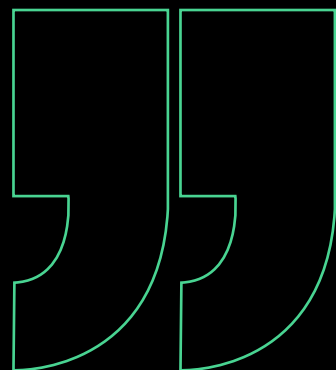
Exatamente. Estamos na China, um dos países que mais inova no mundo. Eu faço todos os meus pagamentos por Alipay. As *fintechs* aqui estão crescendo num modelo em que o governo aceita isso. Por quê? Porque sabe que elas vão entregar inovação, sofisticação, eficiência e competição ao sistema financeiro. Qual o lado ruim? Aumentam a possibilidade de existência de uma crise financeira. O nosso Banco Central não aceita isso, mas já passou do limite de não aceitar. Nós não vamos ter crise financeira no Brasil. Não há a menor chance. Temos o Índice de Basileia, que tem de ser de 11% a 12%. O banco para o qual um executivo com quem eu conversei trabalhava tinha 18%. Ou seja, deixava 6% do seu patrimônio de referência parado junto ao Banco Central. Esses 6% representam o medo de o BC acusar esse banco de estar descapitalizado, intervir, vender e fechar o banco. Os bancos ainda têm que deixar dinheiro parado com medo do regulador.

O PONTO IDEAL SERIA TENTAR MANTER SEGURO, MAS NÃO CONGELADO, ENGESSADO, COM ALGUMAS PROTEÇÕES, A EXEMPLO DA CHINA.

Pense numa parábola invertida. Há o ponto de destruição da sociedade, que é a desregulamentação completa. Do outro lado, onde estamos, é a segurança infinita. Os dois destroem valor para a sociedade. Num caso, porque abre a possibilidade de crise, como aconteceu nos Estados Unidos, e, no outro, porque gera taxas de juros altas, falta de inovação. Tem um meio do caminho de minimização desses efeitos no qual você tem um sistema ainda seguro, mas que inova, busca a sofisticação, a bancarização.



Como uma família pobre que não sabe a sua renda do ano que vem, vai investir em educação, cujo resultado só vai vir daqui 15 anos?



PARA PAÍSES EM FOMENTO, OS BANCOS DE DESENVOLVIMENTO, COMO O BNDES, SÃO MUITO IMPORTANTES, QUANDO EFICIENTES. O QUE PRECISA SER CORRIGIDO NO BNDES PARA SE ATINGIR EFICIÊNCIA E GERAR VALOR AO BRASIL?

Tem duas visões. O BNDES foi fundamental nas décadas de 1950 e 1960 para financiamento no longo prazo, e à medida que ele vai envelhecendo, o papel dele tem que mudar, inclusive diminuir de tamanho à medida que o mercado vai se tornando de longo prazo. Eu não tenho dúvida de que as pessoas do BNDES são excelentes e o nível de corrupção (se houver qualquer corrupção) é muito menor do que a média de qualquer instituição do Brasil. Mas também não tenho nenhuma dúvida de que o BNDES exagera no seu propósito de desenvolvimento. Às vezes, ele aloca recursos de forma ineficiente à sociedade no longo prazo, e hoje, em alguma medida, impede que alguma parte do longo prazo surja. Porque como alguém vai emprestar se há o BNDES emprestando a uma taxa extremamente subsidiada?

COMO QUEBRAR A ESTRUTURA HISTÓRICA DO COSTUME DENTRO DAS BUROCRACIAS ESTATAIS DO “CAPITALISMO DE COMPADRES” (DE SE BENEFICIAR ALGUNS), TERMO QUE VOCÊ USOU EM RECENTE ARTIGO?

Uma das propostas do meu livro *Economies of global business* é analisar processos de desenvolvimento e como governos tomam decisões de política econômica de longo prazo. O Brasil está preso na armadilha da classe média. A China também vai bater nessa armadilha já, que é o fato de que não é tão difícil assim saltar da pobreza para virar um país de classe média “baixa”. É muito difícil dar o salto seguinte. Exemplos que todos gostam de citar, como Japão e Coreia do Sul, não são os melhores. Para nós, os melhores são Portugal e Espanha. Portugal é hoje um país desenvolvido, ainda que tenha 9 milhões de pessoas, ou seja, menor do que a cidade de São Paulo. Mas se pegarmos esses dois países desde as décadas de 1960 e 1970, que também tiveram ditaduras, eles saíram da classe média, ainda que não tenham saído de uma situação de pobreza como o Brasil, mas viraram países desenvolvidos, hoje têm

problemas de países ricos. Brasil e China sofrem duas grandes barreiras para isso, que não sofreram Portugal, Espanha, Japão e Coreia: corrupção (problema que todos passaram) e desigualdade extrema. Uma palavra que os economistas usam muito na Dinamarca (onde dou aula todo ano) é confiança, uma pessoa confia na outra, uma pessoa confia no Estado, a empresa confia no Estado, a empresa confia na pessoa... O que falta para dar esse salto e sair da armadilha da classe média e construir instituições que permitam o crescimento da confiança. No Brasil, não confiamos no vizinho. Temos que mudar as instituições, o contrato social.

EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO, É DIFERENTE A PREOCUPAÇÃO DAS FAMÍLIAS CHINESAS E BRASILEIRAS? POR QUE OCORRE ESSA DIFERENÇA?

Nenhuma classe social no Brasil valoriza a educação substancialmente. Houve um estudo nos Estados Unidos comparando crianças pobres e ricas que mostrou que durante os três primeiros anos de vida, uma criança pobre ouve 30 milhões de palavras a menos do que a criança rica. Há uma questão de investimento familiar. O caso chinês, há mais de mil anos, é o exame imperial, que se a pessoa passar, ascende socialmente. Isso criou uma pressão para que as famílias invistam em educação. No Brasil, fomos muito traumatizados pela hiperinflação. Com a entrada do Plano Real, ela acabou, mas nos comportamos hoje como se estivéssemos no período da hiperinflação. Ninguém fala em taxa de juros ao mês no mundo, ninguém fala em salário ao mês, fala por hora ou por ano. A hiperinflação continua nos constrangendo inclusive linguisticamente. Isso vale para a educação. Se você pegar uma família em 1991, 1992, ninguém podia pensar em longo prazo, não sabia qual seria o salário do mês que vem. Logo, isso traz o que os economistas chamam de “desconto hiperbólico”, que é você considerar mais o futuro muito perto do que o futuro muito longe. Você não desconta o futuro na mesma taxa, o amanhã é muito mais importante do que o ano que vem. É por isso que o brasileiro poupa pouco, não se preocupa com aposentadoria. Como uma família pobre que não sabe a sua renda no ano que vem



vai investir em educação, cujo resultado só vai aparecer daqui 15 anos? Eu fui pobre num período da minha infância, então tenho essa empatia. Imagine que eu ganhe um ou dois salários mínimos (50% dos brasileiros que estão no mercado de trabalho ganham menos do que R\$ 2 mil por mês). Eu tenho duas opções para meu filho: obrigá-lo a estudar loucamente ou tentar comprar um sapato novo para deixá-lo feliz. Se eu obrigá-lo a estudar, ele vai ter que estudar para ter uma carreira daqui 20 anos; se eu comprar um sapato, eu deixo ele feliz hoje. Como você vai pedir para um brasileiro, que não tem recursos e que foi traumatizado pela hiperinflação, pensar em um resultado para daqui 20 anos?

VOCÊ É UM CRÍTICO DA TERCEIRIZAÇÃO ACENTUADA NO ÂMBITO DO TRABALHO. VOCÊ TAMBÉM VÊ PROBLEMAS NA REFORMA TRABALHISTA APROVADA NO BRASIL?

Eu sou basicamente a favor da Reforma Trabalhista. De todos os problemas brasileiros, o tributário e a Previdência são muito mais importantes. O ponto da minha crítica é um governo intermediário focar o seu esforço na Reforma Trabalhista, que não era um grande objetivo. Eu sou a favor de uma reforma trabalhista boa, de verdade. Como o mercado de trabalho é inflexível, e é caro demitir, você não dá aumento, o funcionário bom também não recebe aumento... Sou a favor de uma reforma trabalhista que torne o processo de negociação melhor, que coíba o poder de mercado do empregador também para dar poder ao trabalhador. Mas também não tenho dúvida de que não há nada pior para o trabalhador do que ficar desempregado. Como fazer a melhor reforma? Essa reforma foi um avanço, mas não foi a melhor.

HÁ A IDEIA DE SE MUDAR O PADRÃO DE CRESCIMENTO DA CHINA, BASEADO EM INVESTIMENTOS E EXPORTAÇÕES, PARA UM MODELO BASEADO EM CONSUMO. O BRASIL PARECE FAZER O CAMINHO INVERSO: O CRESCIMENTO DA ÚLTIMA DÉCADA PARECE TER SIDO BASEADO NO CONSUMO, E AGORA TENTA SE REERGUER POR MEIO DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS INTERNACIONAIS. HAVERÁ SINERGIA ENTRE OS DOIS PAÍSES CASO OS DOIS FAÇAM ESSE CRUZAMENTO?

A China hoje é o primeiro parceiro comercial do Brasil, ela tem uma participação grande, tanto em importação quanto em exportação, na pauta brasileira. O Brasil é o oitavo mercado em grau de importância para a China. Para os economistas, não faz tanta diferença se a aferição é por consumo ou exportação. Quem vai ditar isso é a produtividade do país, do mercado. O que importa é que a gente escape da armadilha de crescimento. E aí, se escapar por importação, consumo ou serviços, é irrelevante. O Brasil hoje é uma economia de serviços já, a China ainda não é, quase 50% do PIB ainda são investimentos em capital. Mas isso vai mudar, é natural, é o estágio do desenvolvimento, isso aconteceu no Japão, na Coreia, vai acontecer na China. A única diferença é: a China vai conseguir ficar rica como o Japão e a Coreia ou vai estancar e ficar parada igual a Brasil, Rússia, Turquia?

IFICAR NA ARMADILHA DA CLASSE MÉDIA, COMO VOCÊ DISSE...

Hoje você tem uma série de países na armadilha da classe média, paradinhos. Para mim, o mais importante não é se o Brasil vai crescer via exportações e vai encontrar a China. O mais importante é fortalecer as instituições, acabar com o rentismo de uma elite burocrática que não gera valor nenhum para a sociedade. Tem que acabar com salário de juiz acima de R\$ 500 mil, tem que colocar o teto, colocar todos os benefícios dentro do teto e acabou, o cara já tem a estabilidade do emprego. Essas “jabuticabas” do Estado que também passam pela sociedade. O problema não é de ninguém a não ser de todos os brasileiros. Enquanto não entendermos isso... A culpa não é do FMI, não é do estrangeiro, não é do governo, é nossa. Desejo que o Brasil saia dessa crise monumental e que saia de verdade, não para mais um “voo de galinha”.

ADÃO ITURRUSGARAI ■■■
NOVEMBRO 2016 ■■■



SEM TECNOLOGIA, NÃO HÁ DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

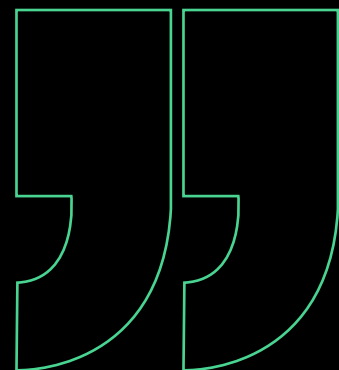
ENTREVISTADORA [REDACTED]
THAIS HERÉDIA [REDACTED]

EM SEU SEGUNDO MANDATO COMO DIRETOR-GERAL DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO (OMC), O EMBAIXADOR **ROBERTO AZEVÊDO** DETALHA COMO O ÓRGÃO INTERNACIONAL ESTÁ TRABALHANDO PARA QUE AS NOVAS TECNOLOGIAS E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL POSSAM AUXILIAR PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS A VENCER ENTRAVES BUROCRÁTICOS NO ACESSO A MERCADOS EXTERNOS. “TEMOS QUE PREPARAR OS NOSSOS JOVENS PARA O MERCADO DE TRABALHO DO SÉCULO 21”, DIZ SOBRE O PROCESSO DE CONCILIAR RECURSOS HUMANOS E TECNOLÓGICOS. A ENTREVISTA FOI REALIZADA EM PARCERIA COM O INTELLIGENT TECH & TRADE INITIATIVE (ITTI).



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista

Eu não vejo no mundo moderno a possibilidade de um modelo sustentável de desenvolvimento comercial sem um forte componente de tecnologia.



NESTA “NOVA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL” QUE VIVEMOS, COMO A TECNOLOGIA PODE, SE NÃO IMPEDIR, PELO MENOS ESTANCAR OS PROCESSOS DE PROTECIONISMO DE COMÉRCIO INTERNACIONAL?

Curiosamente, a tecnologia provoca, de certa forma, essa retórica protecionista. Boa parte dessa retórica está assentada em tensões do mercado de trabalho. E o que verificamos no mercado de trabalho, embora se acuse muito as importações e os fluxos migratórios, é que boa parte dos empregos é perdida em função de novas tecnologias. Não se trata de rejeitar novas tecnologias, muito pelo contrário. Devemos encontrar maneiras de lidar com elas, pois elas podem ajudar muito no processo de desenvolvimento econômico. Por exemplo, nós estamos, na Organização Mundial do Comércio, começando a implantar o Acordo de Facilitação de Comércio, que pode reduzir os custos comerciais mundo afora em uma média de 14%. Isso traria um impacto maior do que se nós eliminássemos todas as tarifas no mundo inteiro. Boa parte do processo de aceleração de procedimentos alfandegários tem a ver com novas tecnologias, informação, transparência, digitalização e pagamentos eletrônicos.

VOCÊ ACREDITA QUE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS, COMO A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, PODEM LIMITAR A INGERÊNCIA POLÍTICA NO COMÉRCIO INTERNACIONAL?

É um campo enorme. Por exemplo, na área de pequenas e médias empresas, nós temos um tremendo problema no financiamento das transações delas nas exportações. Cerca de 80% do comércio mundial são financiados de alguma forma, só 20% não são. Quando falamos das pequenas e médias empresas, essa proporção se inverte: 80% não são financiadas, 20% são. Os regulamentos bancários têm ficado muito mais restritos por dois motivos. O primeiro é a crise financeira de 2008, aquela bolha que tivemos; e o outro está ligado a questões de terrorismo, lavagem de dinheiro. Hoje, não existe o conceito de *know your customer*. Imagine os bancos tendo que conhecer centenas de milhares de pequenas e médias empresas. É mais fácil concentrar os empréstimos e financiamentos em poucas grandes empresas. Como resolvemos isso? Uma possibilidade seria ter inteligên-

cia artificial ou algum tipo de automatização na análise de risco das pequenas e médias. Você vê pequenas e médias empresas que estão transacionando com bancos mundo afora há vários anos. Se você tivesse um banco centralizado que já tivesse o histórico das transações, diminuiria muitíssimo o tempo de avaliação; assim, a primeira vez que uma empresa chegasse ao banco, ele não teria que fazer a avaliação de risco toda de novo. Feita de maneira mais segura e com tecnologias de rastreamento de *block chain*, você pode rastrear as operações, diminuindo o risco de lavagem de dinheiro e outras fraudes.

OLHANDO PARA O FUTURO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL, É PRECISO PENSAR NA INSERÇÃO DESSAS PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS. O QUE A OMC PODE FAZER PARA AJUDÁ-LAS?

Para uma grande empresa, um custo operacional é uma linha na planilha do cálculo de custos; para uma pequena, significa não fazer o negócio. Como se facilita o acesso da informação às pequenas e médias empresas? A primeira e óbvia constatação é usar tecnologias de transparência online. Estamos criando um projeto com o Centro Internacional de Comércio, que é lastreado pela OMC, para consolidar informações de como exportar para determinados mercados online. O pequeno produtor quer exportar, por exemplo, daqui para o Quênia: O que precisa? Quais são os documentos? Os requisitos alfandegários? A grande empresa não precisa disso, ela tem um representante lá no Quênia. Nós estamos com uma agenda de inclusão que abrange como fazer com que o comércio internacional não seja uma exclusividade das grandes empresas, mas que atinja as pequenas, o cidadão comum. Antigamente, durante a minha adolescência, sempre que você comprava um produto importado, tinha um importador. Se tivesse um problema com o produto, tinha que voltar na importadora e ela se virava. Não existe mais isso, hoje é o cidadão. Quando você compra, no comércio eletrônico, um produto, não existe mais a figura do importador. Você tem que se relacionar com um fornecedor que está a um continente de distância. Como fazer para que a pequena empresa tenha capacidade de interagir com centenas, milhares de cidadãos que estão comprando seus produtos?



ESTAMOS VIVENDO UMA CONTRADIÇÃO ENTRE O INTERVENCONISMO E O PROTECIONISMO. COLABORAR COM MAIS PARTICIPAÇÃO DAS PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS VAI PRECISAR DE MAIS INTERVENCONISMO ESTATAL OU OS ORGANISMOS INTERNACIONAIS, COMO O ITTI, PODEM ENTRAR NESSA RELAÇÃO?

Acho que podem entrar, mas é preciso passar por um processo de esclarecimento didático para explicar como esses processos são confiáveis. O governo é sempre muito cuidadoso das suas responsabilidades, e delegar isso para um processo automatizado cria suspeitas. Na verdade, é muito bom, porque esses processos automatizados evitam erros humanos e até corrupção. Há, sim, essa possibilidade, mas é preciso um esforço em educação. A maior parte das pessoas, não por desconhecimento, mas por falta de familiaridade, não confia em terceirizar isso para processos automatizados.

OS BRICS, INCLUSIVE O BRASIL, SÃO PAÍSES COM POUCO ACESSO À TECNOLOGIA E BAIXA CAPACIDADE DE FINANCIAR O DESENVOLVIMENTO DE TECNOLOGIA. COM O AVANÇO DA TECNOLOGIA NO COMÉRCIO EXTERIOR, COMO O SENHOR VÊ O EQUILÍBRIO DE FORÇAS ENTRE OS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO E OS COM MAIOR CAPACIDADE DE INVESTIMENTO?

Essa assimetria sempre vai existir. Esses setores de ponta precisam de apoio do Estado de várias maneiras, criando centro de pesquisa, financiando universidades, centros de excelência. A China entrou no mercado mundial pela porta dos países em desenvolvimento, que são basicamente os setores de menor valor agregado, em que a mão de obra era um componente importante. À medida que o tempo foi passando, a China foi evoluindo, investindo em novas tecnologias. A área de energias renováveis, por exemplo, é uma área em que a China é uma grande fornecedora de equipamentos de ponta, e isso foi alcançado à base de muito investimento em pesquisa pelo Estado.

NO SEU ENTENDER, QUANTO A TECNOLOGIA AFETA A COMPETITIVIDADE?

Eu não vejo no mundo moderno a possibilidade de um

modelo sustentável de desenvolvimento comercial sem um forte componente de tecnologia. Isso vale nas esferas estatal e privada. Tem um desafio enorme que é o humano. Não é possível falar de desenvolvimento tecnológico sem ter recursos humanos capazes de lidar com os recursos tecnológicos. Não se trata só de gerenciar e criar inovações, mas de lidar com essas informações. É muito comum, mesmo em países avançados, lidar com uma mão de obra cada vez mais desequipada. Os empregos são perdidos porque as funções humanas podem ser substituídas, sobretudo as automatizáveis. E a pessoa que perdeu aquele emprego não está pronta para participar de outras áreas em que a tecnologia está. Então o processo de educação tem que mudar. Temos que preparar os nossos jovens para o mercado de trabalho do século 21.

COMO VÊ O AVANÇO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EM PARALELO AO INVESTIMENTO EM EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA COMPETITIVIDADE?

Ela ajuda muito, neste momento, como um contrapeso. Você vai adotar uma política pública, um projeto de larga escala com visão estratégica. Muitas vezes a quantidade de fatores envolvidos nessa avaliação é gigantesca. Há esses modelos econômétricos de equilíbrio parcial, geral, coisas complicadíssimas. A inteligência artificial pode resolver essas coisas de uma maneira mais interativa, eficaz para o processo decisório de formação de políticas públicas. Mas é uma realidade ainda não muito presente na cabeça das pessoas. Nos governos, ainda se pensa de uma maneira “século 20”. À medida que os governos começarem a se beneficiar dessas tecnologias, eles vão ter mais confiança para usá-las no relacionamento com outros. Sobre tudo quando se fala de software. A inteligência artificial é desenvolvida por alguém, e se você vai usá-la para arbitrar em uma negociação, haverá sempre a suspeita de que, ali dentro, tem um “cavalo de Troia” que vai favorecer um lado. É uma coisa que precisa ser melhor entendida ainda.

JEAN GALVÃO ■
NOVEMBRO 2017 ■



JEAN GALVÃO ■
2017 ■





PRESIDENTE – FECOMERCIO-SP
Abram Szajman

SUPERINTENDENTE – FECOMERCIO-SP
Antonio Carlos Borges



www.agenciatutu.com.br

Redação

Rua Santa Cruz, 722 – 5º andar – CEP 04122-000

São Paulo/SP – (11) 3170-1571

PUBLICAÇÕES

**DIRETOR DE CONTEÚDO
E JORNALISTA RESPONSÁVEL**
André Rocha – MTB 45653/SP

GERENTE DE CONTEÚDO
Fernando Sacco

EDIÇÃO / COORDENAÇÃO
Lucas Mota

EDITORA-ASSISTENTE
Iracy Paulina

COLABORAÇÃO
Joana Santana
Lúcia Helena de Camargo

FOTOS
Christian Parente, Débora Klempous,
Janaina Farias e Rubens Chiri

REVISÃO
Flávia Marques
Marina Jarouche

ESTAGIÁRIA
Priscila Oliveira

DIRETORES DE ARTE
Clara Voegeli
Demian Russo

EDITORA DE ARTE
Carolina Lusser

DESIGNERS
Laís Brevilheri
Paula Seco

ASSISTENTES DE ARTE
Tiago Araújo
Pedro Silvério

PROJETO GRÁFICO
Paula Seco

TV

DIRETOR DE NÚCLEO
Demian Russo

DIRETOR DE CONTEÚDO
André Rocha

GERENTE DE CONTEÚDO
Fernando Sacco

COORDENAÇÃO DE TV
Guilherme Baroli

ENTREVISTAS
André Rocha, Denis Russo, Érica Fraga,
Fernando Sacco, Guilherme Baroli,
Humberto Dantas, Jamil Assis,
Letícia Lyle, Lucas Mota, Renato Galeno,
Sabine Righetti e Thaís Herédia

COORDENAÇÃO
Guilherme Baroli

EDIÇÃO DE CONTEÚDO
Guilherme Baroli
Rodrigo Hora

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Anna Strohnm

IMAGENS
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
André Carvalho e Fábio Nicolodi

CÂMERAS
Alessandro Aiello, Alfredo Alves,
Daniel Domingues, Fabiano Battaglin,
Fábio Nicolodi, Luiz Felipe Cunha
Ventura, Maurício Demutti e
Paulo Constantino dos Santos

EDIÇÃO DE IMAGENS
Fábio Nicolodi
Sérgio Demutti

ÁUDIO

Alexandre Kubrusly
Daniel Luiz Romero

ESTAGIÁRIO
Lucas Campos
Luiz Venâncio

TRADUÇÃO
ETC Filmes

RELAÇÕES PÚBLICAS
Maria Izabel Collor de Mello
Paula Dias

AGRADECIMENTOS

Brazil+China Challenge
Brazil Conference
Brazil Forum UK
Columbia Global Centers l Rio de Janeiro
Comunitas
Fundação Lemann
Infomoney
Instituto Atuação
Intelligent Tech & Initiative (ITTI)

B823	Um Brasil #6: análises e discussões sobre um povo em busca de uma identidade/ Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo . – São Paulo: Fecomercio 2017. 208 p.: il.: color. Vários autores. ISBN 978-85-65274-18-0 1. Brasil 2. Economia 3. Educação 4. Sociedade 5. Administração Pública 6.Legislação 7. Tecnologia 8. Política 9. Personalidades – Entrevistas. I. Título CDD 320.0981 CDU 316.3:339(81)
------	--





Senac

Sesc

AQUI TEM A FORÇA DO COMÉRCIO

FECOMERCIO^{SP}

WWW.UMBRASIL.COM